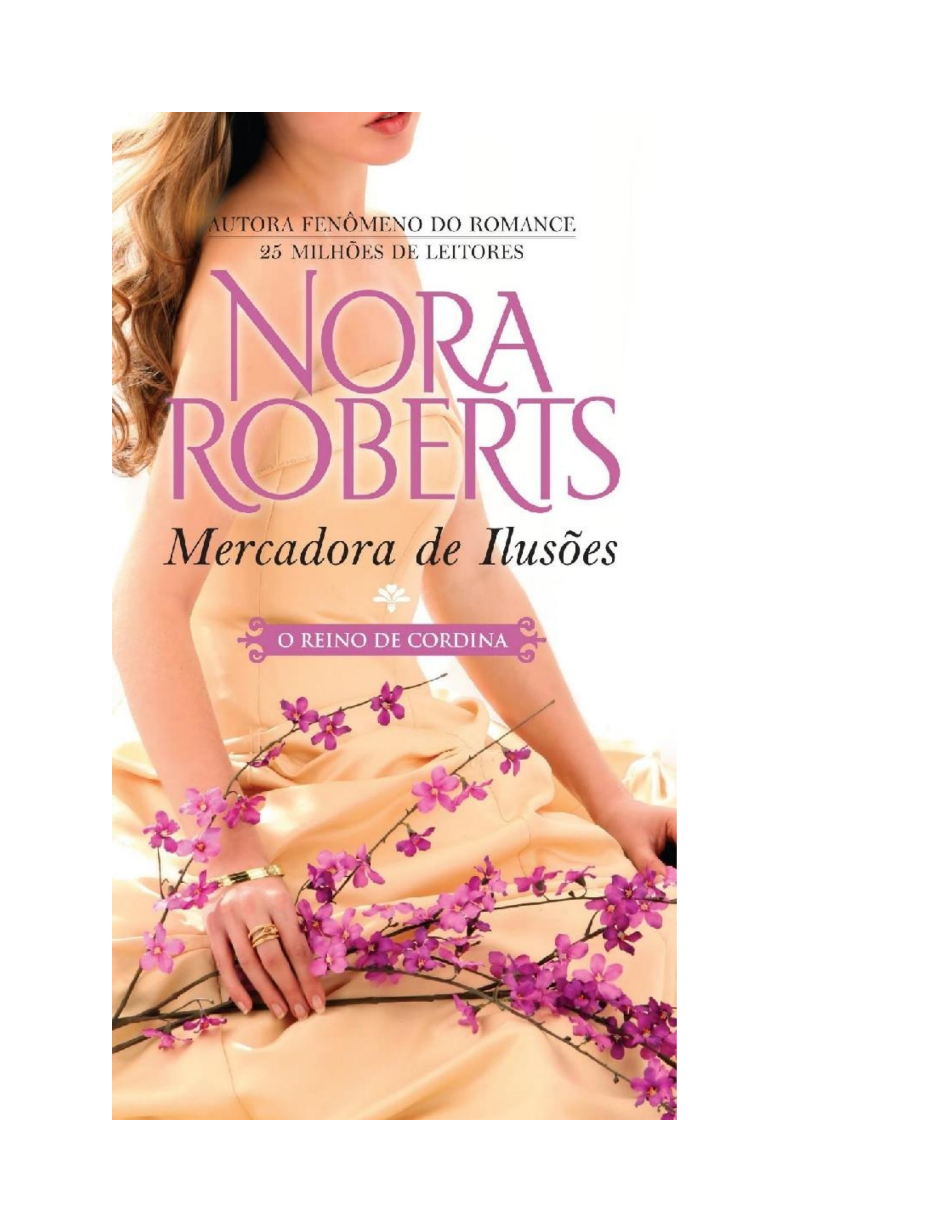






AUTORA FENÔMENO DO ROMANCE

25 MILHÕES DE LEITORES

NORA ROBERTS

Mercadora de Ilusões



O REINO DE CORDINA

CAPÍTULO I

Pela janela aberta da limusine, Eve Hamilton avistou o palácio que se erguia com opulência logo à frente. Na primeira vez que o vira, visitando o principado de Cordina, pensara estar diante de um lugar saído de um conto de fadas. Naquele tempo era mais jovem e se impressionava com facilidade.

No entanto, mesmo agora, ainda ficava deslumbrada com a bela obra arquitetônica. Nunca se cansaria de olhar para as torres altas que pareciam querer tocar o céu.

Ao notar as duas torres menores, ligadas aos cantos dos muros enormes, considerou que deviam ter servido de proteção às sentinelas em tempos remotos. Atualmente, o palácio era dotado de um sistema de segurança com equipamentos eletrônicos.

O castelo fora construído à beira-mar, com a frente voltada para o continente. Os quartos que ficavam na parte de trás do castelo tinham vista para o oceano.

Não importava quantas vezes havia visitado Cordina, era sempre uma emoção ir à sede do principado, onde durante séculos as tradições vinham sendo preservadas.

Ao contrário das outras vezes, não estava em Cordina a passeio e nem ao lado de sua irmã. Fora convidada a prestar serviços profissionais à coroa. Aborrecia-se apenas com o fato de ter de negociar com o príncipe herdeiro, Alexander, a pessoa com quem menos tinha intimidade na família real.

Sua Alteza real o príncipe Alexander Robert Armand de Cordina — da linhagem de Bisset — era um homem tradicional

e formal que não a deixava nem um pouco à vontade em sua presença, ao contrário de seus irmãos, o príncipe Bennet e a princesa Gabriella, com quem a irmã de Eve estudara durante anos na Suíça.

Seria bem mais agradável se fosse negociar com Bennet, um homem acessível e sem a formalidade exagerada do irmão.

Na realidade, tratava-se de um mestre da diplomacia e da sociabilidade, embora

não gostasse muito de suas obrigações como membro da família real.

Mas, afinal, ela não estava ali para se divertir e teria de suportar o olhar sempre ativo e desdenhoso do príncipe herdeiro.

Com esses pensamentos, percebeu que a limusine passava pelo caminho pavimentado com pedras que levava aos portões da muralha que circundava o palácio. Houve uma pequena parada para identificação e logo em seguida o carro luxuoso rodava entre os jardins internos. Eve esperou que lhe abrissem a porta da limusine e imediatamente foi levada por dois guardas ao interior da casa real. Parou por uns segundos ao entrar e fez uma leve reverência ao príncipe que a esperava, usando de falsa formalidade.

— Alteza — ela saudou sorrindo.

— Eve! — Bennet quase gritou, eufórico.

O amigo a abraçou com força, feliz em vê-la. Depois, ela afastou-se um pouco para olhá-lo. Bennet não havia mudado nada.

— Como é bom ver você de novo! — Bennet tomou-lhe as mãos. — Há quanto tempo! Faz dois anos que você não vem nos visitar. Precisa vir para Cordina com mais frequência.

— Eu tenho meu negócio agora, Bennet. Não posso me dar a esse luxo. Só pude vir desta vez porque fui chamada a trabalho. Mas, mudando de assunto, me diga como você tem

passado. Pela aparência, está ótimo. Vi seu nome algumas vezes nos jornais, sempre envolvido em algum escândalo!

— Eu não tenho culpa. Essa gente se escandaliza por muito pouco. — Ele sorriu e puxou-a pela mão com delicadeza.

— Venha, quero lhe oferecer uma bebida. Ninguém me disse quanto tempo você pretende ficar aqui.

— Nem eu mesma sei quanto tempo vou precisar ficar.

Ela o tomou pelo braço e ambos seguiram para o hall do palácio, um ambiente

espaçoso e requintado. Dali saíam passagens que conduziam para diversos aposentos. Eve tinha uma deliciosa sensação de liberdade toda vez que percorria aquelas dependências tão altas e amplas. Depois de atravessar um dos corredores, onde tapeçarias bordadas decoravam as paredes, alcançaram uma saleta. O ambiente ali, embora espaçoso, era mais íntimo. Havia flores em vasos de porcelana e cristal, e os raios do sol inundavam o ambiente, vindos das grandes vidraças abertas.

Eve foi até a janela e depois voltou-se, caminhando até um sofá, onde sentou-se confortavelmente.

— Como foi o vôo para cá? — Bennet perguntou, dirigindo-se ao bar.

— Longo demais. Você sabe como detesto voar. Estou contente por estar firme de novo. Conte-me como tem passado a sua irmã!

— Gabi está ótima, como sempre. Ela havia planejado ir buscar você no aeroporto, mas meu sobrinho mais novo teve outro acesso de bronquite.

— Pobre Dorian, tão novo e já sofrendo com isso!

— Não precisa se preocupar. O garoto é forte.

Bennet encontrava-se em frente a um pequeno bar onde uma garrafa de champanhe repousava em um balde de gelo.

Abriu-a e despejou o líquido dourado em duas taças altas.

Aquela era a bebida preferida de Eve. Bennet nunca se esquecia das preferências de uma mulher. Sorrindo ele lhe entregou a bebida e continuou falando da irmã.

— Gabi tem falado muito de você e Chris.

Antes de sentar-se ao lado de Eve, ele apanhou a outra taça.

— Chris me pediu que entregasse uma carta a Gabi e quer que eu leve notícias completas sobre a afilhada.

— Camila não pára. Já posso adiantar que a garotinha deixa a irmã e os dois irmãos loucos. Nunca vi uma menina mais sapeca!

— Gabriella é quem deve quase ficar louca com os quatro filhos, todos tão pequenos. — Eve tomou um primeiro gole de champanhe e sorriu para Bennet.
— E Reeve?

— Meu cunhado vai bem. Não há dúvida de que ele, Gabi e as crianças estão muito melhor na fazenda, onde estão morando.

— Reeve tinha vontade de se mudar para os Estados Unidos. Já mudou de idéia!

— Acredito que sim. Além do mais, eles não teriam outra escolha, cuidam de todas as propriedades rurais da família e, o mais importante, minha irmã continua fazendo o papel de primeira dama ao lado de papai. Reeve sonha com o dia em que Alex resolva se casar, assim as responsabilidades vão cair sobre a esposa do meu irmão e Gabi vai ficar mais livre.

— A não ser que você se case antes.

— Eu amo a minha irmã, mas não iria tão longe para agradá-la. — Bennet deu uma gargalhada.

— Então não são verdadeiros os rumores que tenho ouvido sobre lady Alice Winthrop? Ou você se decidiu pela cobiçada Jessica Mansfield?

— São todas garotas maravilhosas, mas não são páreo para a condessa Milano em charme. Não seria fácil me decidir com tantas mulheres interessantes, portanto, acho que vou ficar indeciso ainda por um tempo.

— Mas a condessa é dez anos mais velha que você! —

Eve sorriu, compreendendo que esse fato nada significava para o seu amigo.

— Agora me conte sobre você, Eve. — Bennet sempre procurava uma maneira de desviar o assunto quando algo o tocava de perto numa conversa. — Como você faz para manter todos os admiradores sob controle?

— Caratê. Sou faixa preta, sétimo grau.

— Eu havia me esquecido.

— Claro que você se esqueceu. Eu venci você nas duas vezes em que lutamos —

ela disse num tom de desafio, tomando outro gole de champanhe.

— Você teve sorte por eu ser um *gentleman*. É claro que eu não poderia machucar uma mulher.

— Bennet! — Eve riu como se tivesse ouvido uma piada.

— Você se esquece de qualquer gentileza quando se trata de uma competição e teria me derrubado se pudesse.

— Já vi que você discute tão bem quanto luta.

— Não duvide disso! — ela retrucou.

— Você não teria nenhuma chance numa outra luta.

— É o que veremos. Estou à sua disposição!

— Narizinho empinado. — Bennet tocou-lhe a ponta do nariz em tom de brincadeira.

Alexander entrava na sala nesse momento e, ao ver o irmão tão próximo de Eve, parou por um instante.

— Desculpem-me interrompê-los — disse com a voz grave e num francês cheio de formalidade.

Bennet se virou de repente e Eve se recompôs de imediato, tomando uma postura mais formal e olhou com demora para o príncipe herdeiro, levantando-se.

Alexander em nada mudara naqueles dois anos. Dava sempre a impressão de que carregava uma coroa pesada na cabeça. No entanto, tratava-se de um homem bastante atraente, olhos e cabelos negros, pele bronzeada ressaltando seus traços másculos e aristocráticos. Vestia-se de modo impecável, como sempre.

— Eu e Eve estávamos discutindo sobre nossas lutas de caratê. — Bennet se levantou e a abraçou, sorrindo.

— Eu já percebi que vocês estavam conversando. —

Com um aceno de cabeça ligeiro e polido, Alexander a cumprimentou, dizendo:

— Srta. Hamilton...

Bennet apanhou a taça de Eve e a sua e levou-as ao bar.

Enquanto se servia de uma dose de uísque, ele cantarolava displicentemente.

Eve inclinou levemente a cabeça quando cumprimentou Alexander:

— Alteza!

— Peço desculpas por não ter podido ir buscá-la no aeroporto. Minha irmã também esteve ocupada. Espero que a viagem tenha sido agradável.

— Maravilhosa! — ela exclamou, apesar da viagem terrível.

— Talvez você queira descansar um pouco antes de discutirmos as razões que me levaram a chamá-la aqui.

Podemos marcar para amanhã de manhã.

Essa frase a fez pensar que isso era o que *ele* queria que ela fizesse. Não faria mal contrariá-lo um pouco. Esforçando-se para falar num francês bastante formal, retrucou:

— Se Vossa Alteza não se importar, eu gostaria de iniciar nossa conversa imediatamente.

— Como queira. Vamos ao meu escritório. — Alexander se voltou. — Bennet, você não vai fazer um discurso na Sociedade Hípica, hoje?

— Daqui a algumas horas. — Bennet suspirou e caminhou até Eve, deu-lhe um beijo carinhoso na testa e uma piscadela cúmplice. — Nós nos vemos de novo no jantar. Vista algo estonteante, está bem?

— Claro que sim. — Ela sorriu, mas seu rosto voltou à seriedade ao encarar Alexander. — Podemos ir, Alteza?

Com um gesto de cabeça, ele estendeu a mão, dando-lhe passagem.

Ambos subiram as escadas em silêncio. Eve sabia que Alexander estava irritado, embora não entendesse o motivo, talvez por ter de suportá-la mais uma vez. Não

se viam há dois anos e ele continuava a tratá-la da mesma maneira desdenhosa e antipática.

Ele a deixou entrar primeiro em seu escritório e fechou a porta.

— Café? — a voz grave indagou.

— Não, obrigada.

— Sente-se, então. Por favor.

Ela se acomodou na cadeira luxuosa de encosto alto e deu uma olhada rápida ao redor, mas foi o suficiente para perceber que o escritório combinava com a personalidade de seu anfitrião. A mobília era pesada e sóbria, a madeira envelhecida, mas bem cuidada, e o couro curtido pelos anos.

Ao fundo, as janelas enormes se estendiam até o teto, todas com os vidros fechados. O mar podia ser visto logo atrás.

Eve sentia-se desconfortável e tensa, sentada à frente da escrivaninha de Alexander.

— Sua irmã está bem? — ele perguntou, dando início à conversa. Acendeu um cigarro, fitando-a de maneira fixa, olhos nos olhos.

— Muito bem. Pediu-me para convidar Gabriella e a família para irem visitá-la nos Estados Unidos. A propósito, Bennet me informou que um dos garotos está com bronquite.

— Sim, é verdade. Dorian tem estado doente, mas nem assim se acalma, dá muito trabalho a Gabriella. — Alexander não pôde deixar de suavizar a voz ao falar do sobrinho predileto.

— Estou ansiosa para ver as crianças. Não as vejo desde o batismo de Dorian.

— Há dois anos — ele comentou. — Tomarei providências para que você tenha à sua disposição um carro com motorista, assim poderá fazer uma visita à fazenda. —

Alexander bateu a cinza do cigarro e o deixou sobre o cinzeiro,

demonstrando que os assuntos de família haviam terminado e passariam a falar sobre negócios. — Meu pai está viajando e me pediu que eu lhe desse as boas-vindas em seu lugar e lhe transmitisse seus cumprimentos, pois talvez não volte a tempo de vê-la.

— Li nos jornais que seu pai está fazendo uma visita diplomática à França.

— Está em Paris — houve uma pausa antes que a voz grave continuasse. — Fiquei satisfeito com sua vinda, pois eu não poderia viajar aos Estados Unidos agora. Meu secretário deve tê-la posto a par da nossa proposta.

— Claro que sim — ela respondeu, sabendo que seria a sua vez de falar. — A proposta é para que eu traga a minha companhia de teatro a Cordina para um mês de apresentações variadas no Centro de Artes e Cultura, em benefício da Fundação de Assistência ao Menor Carente, a FAMEC.

— Correto.

— Perdoe-me pela curiosidade, mas sempre imaginei que a princesa Gabriella cuidasse desse tipo de promoção beneficente.

— Você tem razão. No entanto, eu sou o presidente do Centro de Artes e estamos trabalhando nisso juntos. Portanto, fui eu que fiz o contato com você nos Estados Unidos. Gabriella assistiu a um dos espetáculos gravados em vídeo e ficou muito impressionada. Como Cordina tem laços fortes de amizade com os Estados Unidos, essa promoção cultural poderá trazer uma boa ajuda aos fundos da FAMEC.

— Então essa foi a intenção da princesa Gabriella.

— Foi um dos motivos que me convenceu a convidar o seu grupo de artistas para vir se apresentar em Cordina.

— Ouvindo-o falar, tenho a impressão de que Vossa Alteza tem certas reservas quanto ao fato de nos ter convidado.

— Eve se esforçava para se expressar da maneira mais formal possível.

— A srta. Hamilton tem de levar em consideração que nunca assisti a nenhuma apresentação do seu grupo ao vivo —

ele respondeu de modo mais grave que o costumeiro.

Aparentemente o conflito entre eles se iniciava como Eve previra. A fumaça do cigarro que Alexander acabara de acender se espalhava pelo ambiente. — Já tivemos artistas americanos aqui, mas nunca numa temporada tão longa e para uma causa tão nobre.

— Vossa Alteza gostaria que fizéssemos um teste para decidir-se?

— Devo admitir que essa idéia me veio à mente.

— E eu devo admitir que jamais concordaria com uma idéia absurda dessas. A Companhia Teatral Hamilton conseguiu conquistar, em poucos anos, não só a confiança da crítica como a do público, o que nos levou a fazer várias turnês pelo nosso país e nunca nos solicitaram um teste nas nossas contratações anteriores. Se eu concordei em trazer o grupo para cá foi em respeito à FAMEC e à minha amiga, a princesa Gabriella. Além de tudo, eu não teria vindo se soubesse dessa sua "dúvida".

Alexander a observava com atenção, em silêncio, como se a analisasse.

— Terminou, srta. Hamilton? — ele indagou depois de algum tempo e apagou o cigarro no cinzeiro.

— Me chame de Eve, por favor. Acho que nos conhecemos há bastante tempo para isso. — Já sem paciência para aturar tanta formalidade e o ar viciado pela fumaça de cigarro, Eve se levantou sob o olhar atônito do príncipe e,

quebrando o protocolo, abriu as janelas de vidro. Uma brisa leve começou a soprar. Respirou fundo e se virou para Alexander de novo.

— Eve — a voz soou grave. — Talvez nós tenhamos sido pouco tolerantes um com o outro até agora. Eu não estou criticando a sua companhia, seria ridículo trazer você aqui para criticá-la. Mas o fato é que não conheço o trabalho de vocês, como já expliquei.

— E da maneira prepotente como tem agido, nunca vai ter essa oportunidade, pelo menos aqui em Cordina.

— Por favor, se isso acontecer, vou ter de enfrentar o mau humor da minha irmã

Gabi, o que eu prefiro evitar... — ele disse em tom de gracejo e logo em seguida ordenou: — Sente-se.

Ao ver que ela apenas o fitava sem nenhuma reação, completou:

— Por favor.

Eve sentou-se, mas deixou as janelas abertas e o ar do ambiente se tornou menos viciado.

— Bem, estou sentada— ela declarou em desafio momentos depois, cruzando as pernas.

Alexander ainda a olhava de modo insistente, refletindo que não gostava dessa maneira irreverente, mas adorava sua independência, sem compreender como uma mulher podia lhe inspirar sentimentos tão contraditórios.

— Como membro do Centro de Artes e Cultura, o CEACULT, devo ser muito rigoroso na escolha das peças teatrais a serem apresentadas no nosso teatro, mas neste caso em especial eu vou fazer uma concessão e confiar no parecer de Gabriella. Assim, eu gostaria de ir direto aos termos do contrato,

e você estiver de acordo.

— Há uma série de itens necessários para que nosso grupo se apresente. — Eve pensou que talvez parecesse intransigente, mas estava apenas levando a sério o seu trabalho.

— Quais são esses itens?

— Quero inspecionar o teatro, embora já o conheça, pois tenho de constatar com que recursos de espaço e equipamento vamos poder contar. Quero no contrato a autonomia artística do grupo assegurada e alojamento para todo o pessoal. Já que as apresentações serão beneficentes, quero acertar logo de início quais serão nossos fundos para despesas e a nossa remuneração.

— Quanto aos itens materiais, posso garantir que terão todas as facilidades, mas quanto à autonomia artística, não posso me jogar cegamente nas mãos do seu grupo. Embora eu respeite a escolha que sua companhia fez das peças a serem apresentadas, gostaria que o CEACULT as avaliasse primeiro.

— Por seu intermédio.

— Como quiser definir.

— Quais são as suas qualificações para poder julgar as peças?

— Não entendi. Seja mais clara, por favor.

Ela tentava se controlar, mas a voz lhe saiu alterada:

— Por que eu traria a companhia tão longe para ganhar uma pequena parte do que geralmente cobramos e ainda ter de submeter nossas peças à aprovação de uma pessoa não qualificada?

Alexander precisou de todo o seu autocontrole para não elevar a voz.

— Você sabe muito bem que se apresentar no teatro do Centro de Artes e Cultura de Cordina a pedido da família real é uma ótima indicação para futuros contratos em outros lugares.

Apenas um tolo recusaria e eu não acredito que você seja uma mulher tola, Eve.

— Não sou mesmo. — Ela se levantou de novo, mas dessa vez devagar, esperando-o levantar-se do outro lado. —

Eu vou ver o teatro primeiro, depois vou pensar no assunto antes de consultar os outros membros da companhia.

— Você dirige a companhia, pode tomar as decisões sozinha. Eve lançou-lhe um olhar desafiador e passando a mão pelos cabelos, os jogou para trás.

— Alteza, eu não ousaria impor minha vontade ao meu pessoal. Se eu julgar conveniente e os integrantes da companhia concordarem, nós vamos conversar sobre o contrato. Agora, se me desculpar, preciso desfazer as malas e tomar um banho. Quero descansar até o jantar.

— Eu vou mandar alguém lhe mostrar seus aposentos.

— Eu posso encontrá-los, Alteza. — Ela inclinou-se, mas seu gesto expressou mais arrogância que submissão.

— Eve — ele a fez parar quando já cruzava a porta —, bem-vinda a Cordina.

Já em seu quarto, se preparando para o jantar, Eve encontrava-se sentada diante da penteadeira. Perdia-se em pensamentos enquanto dava os últimos retoques na maquilagem.

O encontro com Alexander a deixara fora de si. Não suportava tanta arrogância. Determinara-se a não aceitar esse

tipo de tratamento. Príncipe ou não, ela o faria respeitá-la.

Orgulhava-se muito de si mesma, pois tudo o que possuía conquistara com o seu trabalho. Apesar de que seu pai poderia dar-lhe tudo o que desejasse, não permitiria que alguém menosprezasse seu trabalho.

Logo cedo descobrira sua vocação para o teatro, mas fora obrigada a reconhecer sua falta de talento para subir ao palco. Como também tinha certo pendor para administração, organização e transações econômicas, aos poucos decidiu dar início à Companhia Teatral Hamilton.

O grupo já havia se apresentado em lugares famosos como Lincoln Center, Kennedy Center, Mark Taper Fórum entre outros.

Trabalhara duro para descobrir e desenvolver artistas de talento, superando as próprias expectativas, mantendo a companhia com o maior sucesso.

Colocando uma corrente de ouro no pescoço, refletiu que apesar da viagem longa, não se sentia assim tão cansada.

Queria estar na melhor forma nesse jantar e aproveitar a companhia agradável de Bennet. Pena que Alexander também estaria lá. Mas não se deixaria abater por esse fato tão insignificante. Seria bom que ele a tratasse bem, ou poderia simplesmente recusar-se a trazer a companhia para Cordina.

Deu mais uma ajeitada no cabelo e só então percebeu que usava apenas um dos brincos de safira. Pegou o outro na penteadeira e o colocou na orelha.

Olhou-se uma vez mais no espelho, conferindo se tudo estava em ordem e decidiu retocar a maquilagem. Começou a tirar o batom excedente e a pensar novamente em Alexander.

Ainda se lembrava da primeira vez que o vira, ela tinha quinze anos e apesar de ser um pouco mais velho, cinco anos a

mais, ele lhe deu a impressão de se tratar de um homem maduro e autoconfiante. Naquela ocasião, dançara a noite inteira com Bennet, mas não conseguira desviar seus olhos do então desconhecido príncipe herdeiro. Chegara até a se empolgar por ele, mas assim que o conhecera melhor, chegara à conclusão de que fora uma tola, pois jamais havia encontrado alguém tão arrogante. Brigaram na primeira oportunidade que tiveram de conversar.

Eve acabou de retocar a maquilagem e olhou-se num espelho de corpo inteiro. Estava bastante sensual, usando um vestido de seda verde-escuro que lhe deixava os ombros nus.

Seria bom se alguém interessante cruzasse o seu caminho nesse tempo em que ficaria em Cordina! No entanto, reconhecia que seria quase impossível, sua vida profissional pouco tempo lhe deixava para pensar em algo mais. Nos últimos anos não tivera nenhum romance mais duradouro, mas não poderia sinceramente culpar o teatro. Se encontrasse um homem que a tocasse emocionalmente, acabaria dando um jeito de ter um tempo para ele.

Afastando-se do espelho, borrifou um pouco de perfume nos ombros antes de se dirigir ao corredor que dava acesso à escadaria que a levaria à sala de jantar.

Ao chegar à escadaria, viu Alexander que a esperava ao pé do último degrau, numa postura impecável. Eve enrijeceu o corpo no mesmo instante. Tentando vencer a tensão involuntária, procurou sorrir e desceu as escadas devagar.

Quando chegou ao último degrau, Alexander saudou-a e lhe ofereceu o braço.

Ela retribuiu o cumprimento buscando parecer simpática e aceitou. Discretamente, olhou para os lados procurando as outras pessoas que iriam estar presentes, ao menos Bennet ela esperava que estivesse presente.

Alexander colocou sua mão sobre a dela que se apoiava em seu braço e começou a caminhar, levando-a para a sala de jantar. Sentiu, com um certo estremecimento, o delicioso contato da mão suave e feminina. Ao perceber-lhe a ansiedade ele pareceu ler os pensamentos de Eve, pois explicou:

— Bennet foi representar a família num jantar. Vamos jantar sozinhos. Gabriella

não pôde vir ao palácio hoje, mas prometeu vir vê-la logo de manhã.

Eve disfarçou a perturbação que sentiu e uma leve dor de cabeça começou a atormentá-la.

— Não precisa quebrar sua rotina por mim, Alteza, eu posso jantar em meus aposentos se tiver outro compromisso —

disse numa tentativa de fugir à situação de ter de ficar a sós com Alexander.

— Você é minha convidada e meu compromisso dessa noite é ficar a seu lado durante o jantar. — Ele deu alguns passos à frente para pegar as bebidas que um garçom trazia na bandeja. — Diga-me, está satisfeita com seus aposentos?

— São perfeitos, como tudo por aqui. Estou no mesmo quarto em que fiquei nas outras vezes que visitei Cordina; tem uma linda vista para o mar — ela fez uma pausa e voltou ao assunto anterior. — Pensei que você raramente tivesse uma noite livre. Não tem de comparecer a nenhum jantar ou outro compromisso semelhante?

— Você não quer minha companhia para o jantar?

— Não me entenda mal. Apenas imaginei que poderia ter algum compromisso oficial e não queria prendê-lo.

— Você pode considerar o nosso jantar como um compromisso oficial, se preferir.

Por algum motivo, essa frase a chocou. Já se decepcionara com o fato de que Bennet não estaria presente essa noite. Arrumara-se por nada, pois não recebera nem mesmo um elogio de Alexander a seu vestido ou a seus cabelos, embora isso pouca diferença fizesse. Agora começariam a dizer coisas ásperas um ao outro. Essa viagem de negócios já se iniciava mal.

— Talvez eu prefira encarar as coisas desse modo. — Ela apanhou a bebida que ele lhe estendia e tomou um pequeno gole.

— Então, Alteza, o que vamos discutir esta noite? Será um diálogo diplomático ou político?

— Falar em política no jantar pode causar indigestão, principalmente quando duas pessoas têm pontos de vista tão diferentes, como é o nosso caso.

— Sua Alteza tem razão. Talvez nunca chegássemos a um acordo comum num assunto desses. Vamos falar de coisas mais amenas.

Ainda de pé, Eve tomou mais um gole de bebida e se aproximou de uma mesa lateral onde havia um lindo arranjo de rosas vermelhas. Mexeu distraidamente nas pétalas com a mão livre e voltou à conversação:

— Soube pela imprensa que você esteve na Suíça semanas atrás, aproveitando o inverno. Esquiou muito?

— O suficiente — Alexander respondeu depois de uns segundos. Na verdade, pouco ficara ao ar livre nessa viagem, preso aos compromissos que fora obrigado a cumprir e às longas e aborrecidas reuniões. Para continuar o assunto, indagou: — Você costuma esquiar?

— Vou vez por outra ao Colorado. — Eve encolheu os ombros enquanto falava. Percebendo que o silêncio a

incomodaria, resolveu completar a resposta. — Não voltei à Suíça desde que terminei a escola. Quando estudava, costumava esquiar, mas em Houston preferimos os esportes de verão.

— Como por exemplo...

— Natação.

— Você sabe que a piscina está à sua disposição pelo tempo em que estiver aqui. Mas dificilmente a acompanharei.

Natação não é dos meus esportes favoritos. Prefiro esgrima.

Houve uma pausa na conversa e Eve sentiu seu corpo ficar mais e mais tenso. A dor de cabeça que havia sido esquecida, voltava. Os olhos de Alexander a observavam e, ao perceber que se fixavam em seus dedos que acariciavam as pétalas das rosas, se retraiu e tomou mais um gole de sua bebida. O silêncio a aborrecia.

Um garçom fez um sinal e Alexander aproximou-se dela, apanhou uma das rosas e a presenteou. Depois tirou-lhe a bebida da mão e a levou à mesa.

— O cozinheiro lembrou-se de que você adora a sua *poisou bonne femme*.

— Que gentil! Quando estive aqui da última vez adorei o

pôt de creme au chocolat que ele nos preparou. Quase deixei o cozinheiro lá de casa louco até que conseguisse encontrar a receita.

— Você vai adorar o jantar desta noite, tenho certeza.

— Se ficar aqui por muito tempo, tenho de tomar cuidado para não engordar — ela gracejou, um pouco menos tensa.

Sentou-se na cadeira que lhe era indicada e sentiu-se encorajada a continuar a conversar.

— Eu acho esta sala de jantar maravilhosa. Gosto do teto alto e dos móveis antigos. É incrível como me sinto bem aqui, apesar de tudo.

— Apesar de tudo? — Alexander indagou.

Eve percebeu que falara demais, pensando alto.

— Esqueça, Alteza. São problemas particulares —

respondeu e procurou mudar de assunto: — Da primeira vez que vim a Cordina com minha irmã, houve um jantar aqui para muitas pessoas. Fiquei um pouco assustada. Era muito tímida.

— Verdade? Apenas me lembro de você estar bastante calada. Também não me parecia ser de muitos amigos. Você se modificou bastante com o tempo, hoje não lembra em nada a estudante adolescente de colégio interno que conheci.

— Já faz um bom tempo que terminei a escola e não me considero uma garotinha tímida — ela respondeu num tom que encerrava o assunto. Estava se expondo demais.

O garçom começou a servi-los. Eve encontrava-se na lateral direita da mesa, e

Alexander ao lado, na cabeceira. Havia um vaso pequeno sobre a mesa repleto de minúsculas rosas selvagens e um candelabro com velas acesas.

— É estranho. Pela primeira vez vejo este lugar tão vazio.

Das últimas vezes o palácio se encontrava constantemente repleto de gente — ela observou, começando a tocar em sua comida.

— Recebemos poucas pessoas agora. Tentaram raptar Gabriella no ano passado, antes de ela se mudar para a fazenda. Desde então resolvemos nos fechar um pouco. Com Gabi fora do castelo as visitas diminuíram também.

— Gabi e Reeve devem estar felizes morando no campo.

Alexander arqueou a sobrancelha, como se estranhasse a afirmação.

— Minha irmã não se queixa. Imagino que ame o marido, os filhos e seu país. Procuramos não importuná-la demais com os compromissos oficiais. Não acredito que tenha do que reclamar.

— Embora não seja bem esse o significado de felicidade, fico contente em saber que Gabi tenha conseguido realizar o seu sonho de se fixar no campo. Lembro-me de quando tentaram raptá-la, eu telefonava a Bennet constantemente. Foram tempos difíceis e imaginei que Gabi jamais se mudaria.

— Na verdade não foi algo tão extraordinário. Estamos sempre sujeitos a esse tipo de acontecimento, por isso Gabriella, como todos nós, tem guarda-costas vinte e quatro horas a seu dispor. Na verdade não há lugar seguro.

— O grupo de Deboque é a principal ameaça, não?

— O grupo liderado por ele não é nossa única ameaça, embora seja a que mais nos incomoda.

— Bennet já me falou sobre isso, na noite em que aquele incidente, quero dizer, a tentativa de assassinato contra Bennet aconteceu. Eu fiquei muito assustada. Foi há dez anos, quando vim conhecer Cordina. — Eve fez uma pausa e indagou: —

Alteza, desculpe a curiosidade. Mas se vocês conhecem os grupos terroristas e os

inimigos da coroa, como é o caso de Deboque, como não conseguem prendê-los?

— A solução não é tão simples. Não é tão fácil provar algo de significativo contra essas pessoas que nos ameaçam. Não podemos prender todos os nossos inimigos apenas por saber que são uma ameaça. Sabemos que Deboque é líder terrorista, mas não podemos provar. Ele está preso por alguns crimes menores e não vai tardar até que consiga sair, como sempre.

— E não há como conseguir uma confissão?

— Não é isso que queremos dele por enquanto —

Alexander respondeu num tom seco. — A sua comida está boa?

— Uma delícia — ela declarou, sabendo que ele mudara o assunto propositalmente.

O jantar prosseguiu e eles conversaram amigavelmente, ao contrário do que Eve imaginara. Pela primeira vez ele parecia estar se dando ao trabalho de ser ao menos simpático. No entanto não se enganava, pois essas horas quase agradáveis que passavam juntos não significavam que se tornariam amigos.

Era quase um jantar de negócios e Alexander fazia o seu papel.

Ao menos não haviam brigado, considerou. Milagrosamente, os momentos críticos de tensão haviam sido vencidos e o jantar chegava ao fim sem maiores incidentes.

— A comida estava maravilhosa. Seu cozinheiro sempre me surpreende — ela afirmou.

— Ele vai ficar contente ao ouvir isso.

Alexander sentira-se muito bem nesses momentos que passara ao lado de Eve e começou a pensar num meio de prolongar esse encontro. Ela bem que sabia ser uma pessoa interessante, considerou. Talvez nunca tivessem se entendido por não terem tido a oportunidade de conversar a sós. Sempre, fugiam da presença um do outro e diante de outras pessoas se tornavam excessivamente formais. Mas essa noite fora diferente e, pela primeira vez em muito tempo, a idéia de voltar a seu escritório para trabalhar não conseguia atraí-lo.

— Eve, se você não estiver cansada, gostaria de convidá-

la... Alexander não chegou a completar a frase. Bennet entrou na sala como um furacão.

— Vocês já terminaram? — indagou em voz alta, como de costume. — Eu quase passei fome naquele jantar. Espero que vocês tenham deixado algo para mim.

— O jantar está uma delícia, eu já disse isso a seu irmão.

Coma que eu lhe faço companhia.

— Obrigado, Eve. Depois podemos dar uma volta no terraço, está uma noite linda. Vai ser bom ter a companhia de uma mulher tão bonita e agradável, ainda mais depois de ter escapado de um compromisso sufocante.

— Vocês me desculpem, mas preciso subir para trabalhar

— Alexander disse e se levantou.

— Venha conosco ao terraço, Alex. Como eu acabei de dizer, a noite está uma delícia.

— Esta noite não. Tenho de trabalhar.

— Você ter trabalho para mim não é novidade — Bennet murmurou, enquanto o criado colocava o seu prato sobre a mesa.

Eve observou Alexander retirar-se e não soube por que teve vontade de alcançá-lo e conversar com ele. Mas voltou-se para Bennet e ficou em seu lugar.

CAPITULO II

No dia seguinte, a princesa Gabriella acompanhou Eve até o teatro para as averiguações.

— Quando Alexander disse que pediria a alguém para me acompanhar na visita ao teatro, eu não pensei que seria você.

A princesa sorriu e empurrou a porta do teatro.

— O Centro de Artes é uma propriedade particular da família real, nada mais justo que um de nós viesse com você, Eve. Tenho certeza de que o próprio Alex gostaria de ter vindo se a sua agenda não estivesse tão cheia.

Eve não fez nenhum comentário, mas não deixou de refletir que Alexander talvez preferisse passar horas em uma reunião estafante a acompanhá-la por uma hora. Caminhando dentro do teatro, já com as luzes acesas, Eve observou a princesa subindo a escada que dava no palco.

— Não sei se lhe falei antes, Gabi, mas você está muito bem. Acho que a vida na fazenda tem feito bem à sua saúde.

— Você já me elogiou hoje, mas não se acanhe, faça isso quantas vezes quiser. Um apoio moral nunca é demais. Não quero me sentir velha e acabada por ter quatro filhos. Às vezes me sinto como se fosse uma menina. — Gabriella abriu os braços como se lhe mostrasse o teatro e disse: — Bem, por onde começamos?

— Vamos ver os bastidores primeiro. Se essa parte não funcionar bem, todo o trabalho do palco pode desmoronar.

— Você é quem sabe.

Ficaram mais de uma hora averiguando os bastidores, olhando os camarins, vendo o que se encontrava guardado no depósito, examinando os equipamentos de luz e som e outros detalhes menores. Por fim, depois de subir e descer escadas e correr de um lado a outro, Eve concluiu que tudo estava em ordem e poderia dispor de um excelente local para as apresentações.

O teatro do Centro de Artes e Cultura de Cordina havia sido construído pela família real em homenagem à memória da mãe de Gabriella e por isso era de propriedade privada da família.

Eve se entusiasmava cada vez mais. Conforme imaginava os atores e os objetos em cena, certificava-se com mais convicção de que fariam ótimas apresentações. Parando em frente ao palco, chegou mesmo a fechar os olhos e sonhar com a estréia.

— Você parece ter gostado! — Gabriella comentou ao vê-la tão extasiada.

— Eu não consigo esconder minhas emoções com facilidade — respondeu. Não havia como dissimular o que sentia diante das vibrações que pareciam vir do teatro vazio. Diante do palco, as poltronas sucediam-se interrompidas por três corredores cobertos por carpetes púrpura e bem no fundo havia um camarote enorme, logo acima, talvez para a realeza e os convidados especiais. Nas laterais, várias sacadas mais baixas se estendiam. A sala imensa era iluminada por imponentes lustres de cristal. E o mais importante era que as poltronas haviam sido colocadas de maneira perfeita, todos poderiam ver o palco perfeitamente.

Toda a minha vida parece agora ter sido apenas um aglomerado de fatos dispersos e sem sentido. O que venho fazendo todos esses anos senão deixar que os dias passem sem nenhum significado. Só hoje vejo isso tudo e por quê? Por ter encontrado um rosto no espelho que não reconheço.

A voz vibrante de Eve ecoou, enchendo o ambiente de sons. Satisfeita com o efeito acústico do recinto, sorriu e seus olhos brilharam.

— A acústica é impecável. Não sei quem foi o arquiteto, mas merece uma condecoração — comentou.

— Estou contente que tenha agradado você. Eve, de onde tirou aquele trecho? Eu não o reconheci.

— Claro que não. É de um escritor iniciante. — Ela se limitou a dizer, sem confessar que era de sua autoria, fazia parte de uma peça que escrevera. — Gabi, o teatro é maravilhoso em todos os aspectos, é uma obra de arte.

— Ótimo! — a princesa exclamou, aproximando-se um pouco mais. — Eu quero tanto que a minha idéia e a de Alexander pra levantar fundos para a Fundação de Assistência ao Menor dê certo. Temos tantas crianças carentes no país.

Tenha certeza de que nós e sua companhia estaremos fazendo algo realmente importante para as crianças.

— Nada disso. Você é quem está se empenhando em prol desses menores. Eu deixo as grandes causas a você e Alexander. Só estou fazendo o meu trabalho. Mas fique certa de que se acertarmos os detalhes do contrato, terá ótimas apresentações aqui.

— Conto com isso.

Eve deu mais uma olhada geral pelo palco, analisando que gostaria de ter todo o seu grupo a seu lado nessa hora.

— Bem, Gabi! Agora preciso conversar com Alexander.

Ele não me parece muito convencido da competência da minha companhia.

— Não se preocupe. Eu converso com meu irmão.

— Eu gostaria de que resolvêssemos isso logo. Assim eu poderia voltar a Houston o mais rápido possível e começar a trabalhar.

— Não senhora. Eu não vou deixar você voltar para os Estados Unidos assim tão cedo. Já estou planejando um jantar só com você e minha família na fazenda. — A princesa pegou-a

pelo braço e começaram a caminhar. — Até que eu consiga programar esse jantar, você aproveita e descansa um pouco. Eu sei que depois que puser mãos à obra, você não vai ter tempo nem para respirar. Portanto, me obedeça.

— É uma ordem real?

— Pode acreditar nisso.

— Então não tenho escolha — Eve sorriu e saíram do teatro.

No mesmo dia, à tarde, Eve resolveu seguir o conselho de Gabriella e vestiu um biquíni. Tomaria um pouco de sol e relaxaria. Esticou-se em uma cadeira à beira da piscina e aproveitou o sol forte.

Depois de algum tempo, concluiu que realmente precisava desse descanso. Uma brisa deliciosa soprava vez ou outra, lhe refrescando o corpo. Quando se cansava do sol, levantava para dar um mergulho.

Deveria desligar-se do trabalho mais vezes, pensou. Do jeito que sua vida profissional a absorvia, tinha certeza de que outro momento como esse seria muito raro durante um bom tempo.

Com ela era tudo ou nada. Durante a adolescência e os primeiros anos de juventude, vivera de maneira despreocupada, se contentando com o estudo e agora quase se matava de trabalhar.

Poderia ter continuado a levar a vida tranqüila e despreocupada de filha de magnata e não fazer nada a não ser viajar e se divertir, mas a partir do dia em que resolvera trabalhar com o mundo artístico, sua vida mudara completamente.

Assim que teve uma oportunidade, montou seu próprio negócio, pequeno de início, mas que cresceu em um ritmo que

não esperava. Descobriu, dessa maneira, que tinha muito talento para ser uma empresária de artes dramáticas, o que a fez sentir-se uma pessoa útil e realizada.

O teatro havia lhe mostrado um mundo novo, aberto para novas possibilidades de se conhecer outras pessoas interessantes.

O trabalho também a ensinara a lidar com riscos e a dedicar-se a seus objetivos. Do seu trabalho dependiam vários artistas e pessoas ligadas à produção.

Agora, daria mais um passo em direção à sua realização profissional e de seu grupo: o reconhecimento internacional de sua companhia. Logo todas as formalidades com Alexander estariam acertadas e começaria a agitação de que tanto gostava: a seleção do material necessário, a produção das peças, a movimentação do pessoal de bastidores cuidando do guarda-roupa, cenário, iluminação de palco, som e tantos outros detalhes. Teria de contratar advogados, diretores, serviços de transporte especializado.

Eve ajustou os óculos escuros sobre o nariz e suspirou.

Refletia que sua vida tinha sentido apenas por causa desses desafios. Infelizmente não podia dizer o mesmo sobre a sua vida sentimental, se é que possuía uma. Feliz nos negócios, infeliz no amor, pensou.

Alexander seguia em direção à piscina olhando para o relógio e considerando que não teria tempo para tomar um banho e trocar de roupa. Acabara de sair de uma reunião cansativa e em vinte minutos teria de se encontrar com o primeiro-ministro.

Mesmo assim resolvera dar uma volta e passar pela piscina, onde lhe haviam dito que Eve se encontrava. Ao avistá-

la deitada sobre a cadeira de praia, lhe pareceu que estivesse sonhando. Ela vestia um minúsculo biquíni vermelho cuja parte

de cima estava com o cordão desatado e só permanecia no lugar porque Eve deitara-se de bruços.

Ficou olhando-a, admirando as curvas suaves de seu corpo e a pele que reluzia por causa do bronzeador. Os cabelos negros e compridos estavam umedecidos e ligeiramente ondulados pelo banho de piscina. Dando mais um passo, aproximou-se e cobriu os raios de sol que a atingiam, fazendo-lhe sombra.

Ela levantou a cabeça e tirou os óculos de sol.

— Você deveria tomar mais cuidado. Sua pele não está acostumada com esse sol forte — ele observou.

Eve sentou-se, virando o corpo, fitando a face que parecia apenas uma mancha contra o sol. A parte de cima do biquíni deslizou obrigando-a a agir rápido e apanhá-la, tentando recolocá-la e atar os cordões no pescoço.

— Eu pensei que você tivesse saído. — Ela pôs a mão sobre a testa para proteger os olhos do sol.

— Eu estive fora durante a manhã, mas precisei voltar para cá. Como eu dizia, sua pele é muito sensível, Eve. Você vai sofrer depois, tomando esse sol forte.

De repente, Eve se lembrou de que, pelo protocolo, ela deveria ter se levantado e feito uma reverência, mas analisou que o gesto ficaria ridículo por ela estar usando roupa de banho.

— Eu passei um protetor solar e não tenho a intenção de ficar por muito tempo no sol. Além do mais, em Houston o sol também é bastante forte e nunca tive problemas.

Alexander puxou uma cadeira e sentou-se, esquecendo por um momento do encontro com o ministro.

— Você foi ao Centro de Artes? — indagou.

— Fui. Você e sua família estão de parabéns, o teatro é maravilhoso.

— Então você concorda com que a sua companhia se apresente a Cordina?

— Eu concordo em discutir o contrato. — Eve ajustou a cadeira, levantando o encosto, de forma a poder se apoiar, ficando sentada. — Como eu havia dito, as condições físicas para a apresentação eram o primeiro item, temos ainda que acertar outros detalhes. Eu não concordo com o fato de nos submetermos à sua *apreciação* prévia, por exemplo. Somos profissionais. Se quer contratar nossos serviços, deve acreditar em nosso trabalho.

— Minha irmã e eu chegamos à conclusão de que isso realmente não será necessário. Acredito que vocês são a companhia teatral mais adequada para o evento que vamos promover.

— Então, o próximo passo será discutirmos os termos do contrato.

— Você se transformou *mesmo* numa mulher de negócios — ele comentou com um sorriso que a Eve pareceu cínico.

— Da maneira como diz, parece que não gosta do fato de as mulheres estarem atuando no mundo dos negócios.

— Cordina é um país em evolução e com idéias modernas. Não nos julgue mal.

— Às vezes tenho a impressão de que você e seu país são uma coisa só. Nunca ouvi nem mesmo seu pai falando dessa maneira, mas, de qualquer maneira, sei

que este é um país progressista. — Ela soltou um leve sorriso. — Por que você não desabotoa o paletó? Estou com aflição de ver você todo vestido sob este sol escaldante.

— Não estou com calor.

— Bem, foi só uma sugestão. Você nunca dá um mergulho na piscina, Alteza?

— Quando meu tempo permite.

Eve apanhou a garrafa de refrigerante que se encontrava na mesinha ao lado sob o guarda-sol.

— Acho que isso ao menos, temos em comum. Príncipes nunca se divertem? — ela indagou com um certo prazer em perceber que o embaraçava. — Você deveria aprender a se soltar um pouco de vez em quando. Você vive com a cara amarrada.

— Eu não estou na posição de poder me *soltar* — ele retrucou.

— Tudo bem, mas eu não acho que seja preciso tanta etiqueta com uma amiga da família. Você vai me desculpar, Alteza, mas não tenho muita paciência com formalidades desnecessárias.

— Então por que não me chama pelo nome? Você mesma disse que é uma amiga da família.

Eve não esperava ouvir algo assim e, desconcertada frente à própria incoerência, arqueou as sobrancelhas.

— Talvez eu estivesse errada, não sou amiga de toda a família — ela argumentou. Levantando-se, cobriu o corpo com a saída de banho.

— Você não se acanha em chamar as outras pessoas da minha família pelo primeiro nome. Nunca a ouvi chamando-os pelo título, pelo que me lembre.

Eve estendeu a mão procurando o refrigerante e quase o derrubou.

— O que você disse é verdade — murmurou.

— Isso me leva a perguntar por que comigo é diferente.

— Alexander se levantou e se colocou próximo a ela, em dúvida se deveria tocar-lhe o ombro ou não. — Você me acha antipático?

— Não sei... Quero dizer, não. — Ao vê-lo se aproximar ainda mais, sentiu-se obrigada a recuar um passo para que não ficassem tão próximos.

— Seja sincera.

— Faria alguma diferença para você se o achasse antipático, cínico e arrogante?

— Eu lhe passei essa impressão?

— Desde que o conheci. E você deve saber bem disso.

Alexander deu um passo à frente, pegou-lhe uma das mãos e beijou-a.

— Peço desculpas se sempre fui tão rude com você —

ele disse fitando-a nos olhos.

— Pare com isso, Alteza. Não faz o seu tipo. Alexander sorriu, ainda encarando-a.

— Eu sou um homem como todos os outros, Eve. Embora você me veja como um monstro, eu posso ser uma pessoa muito agradável — ele afirmou, com o rosto próximo ao dela.

Eve sentiu-se constrangida com a proximidade em que se encontravam. Virou-se e deu alguns passos à frente.

— Com licença, Alteza. Tenho de entrar para me vestir.

Eu e Bennet vamos aos estábulos antes do final da tarde.

Alexander se retraiu no mesmo instante que a ouviu mencionar o irmão.

— O embaixador da França e a mulher vão jantar conosco esta noite — ele mudou de assunto. — Eu gostaria que você estivesse presente.

— Estarei lá e prometo me comportar.

— Você está me satirizando?

— Foi apenas uma brincadeira.

Alexander virou-se e caminhou em direção ao castelo sem se despedir e Eve observou-o, notando a sua maneira de andar, segura e apressada.

Eve ficou feliz ao encontrar Gabriella e Reeve no jantar com o embaixador.

O jantar foi formal, mas não tão aborrecido quanto imaginara que seria. O embaixador volta e meia dizia algo engraçado e ela em pouco tempo começou a sentir-se bastante à vontade. Logo, tornou-se o centro das atenções.

— Eu nunca vou entender como você pode falar um francês tão perfeito, Eve — Reeve, sentado a seu lado, cochichou.

Apesar de morar tantos anos em Cordina, sendo americano, ele trazia um sotaque carregado ao falar.

— Eu estudei num colégio suíço, lembra-se? — ela respondeu em voz baixa, afastando-se da conversa com os demais.

— Agora, eu é que não entendo como você conseguiu se adaptar a viver num país tão diferente dos Estados Unidos.

— Foi difícil no começo. Todos por aqui sabiam que eu não era um nobre e isso parecia fazer uma diferença muito

grande. Além do mais, eu tenho um sotaque inconfundível, o que parecia ser um escândalo. Mas as principais dificuldades começaram com o fato de ter de dividir Gabi com seu país. Na verdade não vejo a hora de Alexander se casar, assumir o governo de Cordina e deixar minha mulher livre.

— Ser um nobre é mais que possuir um título por aqui, não é? — Eve indagou e, embora quisesse evitar, seu olhar dirigiu-se a Alexander.

— É verdade. Mas não me zango por Gabriella ter sempre tantos compromissos. Faz parte da vida dela e eu a amo. Na verdade, o peso maior das

responsabilidades é de Alex.

— Não deve ser fácil levar uma vida assim, cheia de obrigações. Alexander, por exemplo, não me parece feliz.

— Alex foi criado para governar este país um dia, desde que nasceu. Há algo que aprendi muito cedo em Cordina. As obrigações e deveres não são simples escolhas para algumas pessoas, fazem parte das suas vidas simplesmente e não há como escapar disso.

Eve não queria concordar com esse raciocínio, mas compreendeu que pelo menos ali essa era a lei que ditava as regras.

Percebendo que se isolara dos demais, ela virou-se e procurou acompanhar o assunto que animava a conversa na mesa.

Após o jantar, todos se dirigiram a uma sala menor onde tomaram café. Depois de um bom tempo, Bennet pegou na mão de Eve e se aproximou, sussurrando:

— Vamos tomar um pouco de ar.

— Não fica bem deixar os outros — ela retrucou, também murmurando.

— Eles vão ficar conversando ainda por uma hora e eu estou entediado. Além do mais, você também é uma convidada.

Sou obrigado a entretê-la.

Era difícil recusar um convite desses, pois as noites de Cordina mostravam-se lindas nessa época do ano. Eve deu uma olhadela em direção a Alexander e o embaixador, percebendo que se encontravam entretidos numa conversa, enquanto Gabriella e Reeve se ocupavam com a embaixatriz.

— Tudo bem, mas só uma voltinha.

Ambos se levantaram e foram em direção ao terraço sob o olhar de desaprovação de Alexander.

— Aqui está bem melhor — Bennet exclamou ao chegarem. Respirando fundo, ele se aproximou da sacada que dava vista para o mar. No entanto, tudo o que

podia ver era uma imensidão negra.

— Foi um jantar agradável — ela disse.

— Não foi dos piores. Mas eu preferia ter participado de uma festa com meus amigos. Esses jantares são muito monótonos.

Eve se aproximou e ficou ao lado do amigo.

— Não parece fácil.

— O quê?

— Ser quem você é. Ter tantas obrigações.

Ele passou-lhe o braço pela cintura afetuosamente.

— Não posso reclamar da minha vida. Não tenho obrigações apenas, também me divirto às vezes.

— Mas há momentos em que você dá a impressão de que a vida de um príncipe o sufoca.

— Você deve estar interessada no assunto — Bennet encolheu os ombros e colocou as mãos nos bolsos da calça. —

E difícil falar disso. Eu cresci sabendo que era um príncipe e que teria responsabilidades. Talvez hoje não suportasse outro tipo de vida, embora às vezes fique imaginando como seria ter um pouco da privacidade de uma pessoa anônima. Aonde quer que eu vá, sei que há vários guarda-costas atrás de mim e repórteres buscando notícia. Mas não é tão terrível para mim e Gabi, afinal, não somos os herdeiros.

— Você gostaria de ser o filho mais velho e herdar o trono um dia?

— Claro que não.

Ele se virou para fitá-la e sorriu.

— Você não sente inveja do seu irmão? — ela indagou e ajeitou os cabelos que a brisa despenteara.

— Não há do que ter inveja. Desde que me lembro, só vejo Alexander trabalhar mais que todos. Sempre estudou mais, fez

os

esforços

maiores.

Ser

herdeiro

significa

responsabilidades e sacrifícios demais. Eu não desejaria uma vida dessas para mim. Posso saber por que esse interesse tão grande pelo assunto?

— Nenhum motivo especial, apenas curiosidade de plebéia Apesar de conhecê-los já faz muitos anos, há coisas que nunca consegui compreender.

— Na verdade, somos pessoas comuns. Pelo menos é assim que sinto. Mas para os habitantes de Cordina somos muito mais que humanos, para eles nós servimos de modelo e a imprensa aproveita-se do fato para criar uma espécie de mito sobre nossas vidas.

— Eu sempre o considereei uma pessoa especial, Bennet.

Mas poucas vezes me lembro de que você é um príncipe. Você foi simpático comigo desde que me conheceu.

— Eu me lembro de que achei você deslumbrante quando a conheci.

— E me passou uma cantada.

— E é claro que você não aceitou — Bennet sorriu.

— Estou feliz por termos sido apenas amigos durante todo o tempo que nos conhecemos, Ben.

— Hoje eu também penso assim. Beijar você seria como beijar uma irmã. Aliás,

você não tem nenhuma prima charmosa como você? — ele indagou por brincadeira.

— Sinto muito. — Ela sorriu e encostou a cabeça no ombro do amigo que ainda a abraçava de lado.

— Eu também sinto — Bennet riu.

Os dois permaneceram em silêncio por uns instantes quando ouviram uma voz grave logo atrás:

— Bennet, o embaixador e a esposa estão se despedindo. — Ao ver os dois se virarem para fitá-lo, Alexander completou: — Desculpem se interrompi algo...

— Nossos convidados já vão? — Bennet continuava abraçado a Eve. — Acho que temos de entrar para nos despedirmos. Obrigado por ter me acompanhado até agora no terraço, Eve.

— Vamos entrar, então — ela respondeu. No entanto, deixou que o amigo entrasse só e permaneceu no mesmo lugar, olhando para Alexander.

— Se você não se importar, eu gostaria de que se despedisse do embaixador. O homem ficou encantado com a sua presença.

— Claro que não me importo. — Eve caminhou até a porta e, percebendo que Alexander ficara, olhou para ele. — Há algo mais que queira dizer, Alteza?

— Talvez sim. — Ao aproximar-se de Eve, Alexander tomou-lhe um dos braços de modo gentil. — Bennet é uma ótima pessoa, mas um pouco indiscreto e ousado quando se trata de mulheres. Aconselho você a tomar cuidado com meu irmão.

Esse comentário a teria feito rir se tivesse vindo de outra pessoa, mas tendo partido dele deixou-a enfurecida.

— Você está sempre tentando me alertar, mas sei me cuidar. Você me aconselhou a me proteger do sol esta tarde e, como vê, estou inteira. Não precisava do seu conselho antes e não preciso agora. Se prestasse mais atenção, Alteza, veria que não sou tão inocente e posso tomar conta da minha vida sozinha.

— Eu não tive a intenção de intrometer-me em seus assuntos particulares.

— Nem eu permitiria isso, Alteza.

— Eu só queria que soubesse que se está apaixonada por meu irmão...

— Por favor, não vamos discutir. Não quero, não preciso e não vou justificar os *meus* sentimentos de amizade com relação a seu irmão. Não me obrigue a ser rude com você.

Alexander ficou mudo, mas sentia-se terrivelmente irritado. Depois de uns instantes, não se conteve e exigiu:

— Como você mesma disse, Bennet é meu irmão e tenho o direito de saber o que está acontecendo.

— Você não tem direito algum de querer governar minha vida e a do seu irmão. Eu não vou mais discutir esse assunto.

— Quero apenas saber o que acontece dentro da minha família — Alexander alterou a sua voz.

— Alex, o embaixador está esperando — Gabi avisou-o da porta.

Em silêncio, ele se virou e foi se despedir de seus convidados.

— Há momentos em que odeio o seu irmão mais velho —

Eve declarou à amiga ao passar pela porta.

Gabriella pegou-a pelo braço e sorriu.

— Tenha um pouco de paciência. Respire fundo e entre.

O embaixador está esperando por você. Depois pode ir para o quarto e esmurrar os travesseiros. Eu sempre fazia isso por causa de Alex.

— Obrigada pela sugestão, acho que é o que vou fazer.

Ambas entraram na sala em que os convidados as esperavam para as despedidas.

CAPÍTULO III

Na manhã seguinte, enquanto tomava café numa área ao ar livre, Eve abriu um dos jornais que lhe haviam trazido e leu a manchete:

Príncipe playboy recebe sua mais recente conquista.

Ela riu ao ler o título da reportagem e resolveu ler o artigo que dizia que a filha do milionário H.G. Hamilton, Eve Hamilton, visitava Cordina como convidada da família real e explicava que ela e Bennet haviam sido amigos durante dez anos e agora, aparentemente, mantinham um romance ardoroso.

Deu uma gargalhada ao ler a frase *romance ardoroso*.

Não sabia de onde o repórter havia tirado tanta besteira. O artigo especulava se mais um membro da família real se casaria com uma pessoa americana.

Ao ver a palavra casamento, Eve não teve outra reação senão rir e deixar o jornal de lado. Alexander chegou nesse mesmo instante e fez um gesto com a mão para que não se levantasse.

— A leitura estava interessante? — indagou sentando-se.

— Falava do meu envolvimento com Bennet, é uma piada.

— Você considera o caso cômico?

— De que outro modo poderia considerar? Bennet deve estar cansado de ver seu nome nos jornais cada vez que sorri para alguma mulher.

— Ele pouco se importa. Ben adora um escândalo.

A frase fora dita sem um tom de crítica, mas como pura observação.

— Os jornais sabem que uma insinuação como essa pode fazê-los vender mais. Na verdade, acredito que quase todos saibam que não passa de invencionice. — Eve tomou um gole de café e, vendo Alexander calado, indagou: — Já tomou o café da manhã?

— Há algumas horas, mas eu vou tomar mais um gole se você me servir um.

Eve se levantou e serviu o café.

— Não são nem dez horas e você dá a impressão de já ter enfrentado um dia terrível. Algum problema em especial?

Ele permaneceu quieto por alguns segundos, refletindo. Tomou um gole do café e nada disse.

— Algum problema? Algo que eu não possa saber? — ela repetiu a pergunta.

— A notícia vai ser divulgada pelo rádio e televisão dentro de algumas horas. Esta manhã recebi um comunicado de Paris.

Uma bomba explodiu na nossa embaixada.

Eve sentou-se, chocada.

— Meu Deus, seu pai está na embaixada de Paris!

— Não se alarme, ele está bem e o seu secretário não sofreu mais que uns arranhões — ele interrompeu-se por um breve instante e voltou a falar mais solene: — No entanto, Seward, o assistente do ministro de Estado morreu. Era amigo da família.

— Eu sinto muito. Sinto muito mesmo. Já sabem quem é o responsável?

— Ninguém se responsabilizou ainda. Temos nossos suspeitos.

— O príncipe, quero dizer, seu pai vai voltar para cá, então?

Alexander tomou outro gole do café e manteve os olhos fixos por uns instantes em algum ponto distante. A vida deveria ser mais simples, pensava. Como se tivesse acabado de ouvir a pergunta de Eve, declarou:

— Meu pai ainda tem muito trabalho em Paris.

— Quer dizer que não vai voltar? Ele corre perigo na França!

— Como corre perigo aqui, e não poderá voltar até que faça o que foi fazer lá.

— Colocando a xícara sobre a mesa, Alexander concluiu: — Não deve se preocupar, vamos encontrar os responsáveis.

— Assim espero — ela retrucou com um suspiro nervoso.

— Seward, era casado?

— Deixou esposa e três filhos que nem sabem da sua morte ainda. Eles não o acompanharam nessa viagem.

— Que terrível! A quem cabe o encargo de avisá-los?

— A mim, e tenho de fazer isso o mais rápido possível.

— Se eu puder ajudar de alguma maneira, pode contar comigo, Alteza.

— Você não precisa se preocupar, Eve...

Ela se retraiu, sentindo-se uma tola por estar magoada com essas palavras duras e permaneceu em silêncio ao vê-lo levantar-se.

Alexander se perguntava que motivo o levava a procurá-

la nessa manhã em que tinha tantas decisões importantes a tomar. Apenas precisara de alguém para quem pudesse contar o que acontecera e compartilhar sua angústia. Refletiu que um verdadeiro governante deveria manter o autocontrole e suportar tudo sozinho. No entanto, de repente, teve um desejo imenso de tê-la à seu lado quando fosse falar com a mulher de Seward.

— Eve — ele murmurou —, seria muito gentil da sua parte se pudesse me acompanhar até a casa de Seward. Talvez você saiba o que fazer caso ela entre em desespero.

— Dê-me só alguns minutos — ela exclamou, antes de correr para o quarto.

Os Seward moravam numa linda casa cercada por jardins que se encontravam totalmente floridos nessa época do ano.

Eve observou o lugar com um aperto no coração, pois lembrava-se de sua desagradável missão.

Alexander saiu da limusine e esperou-a do outro lado, oferecendo-lhe a mão.

— Se você não está se sentindo bem, posso ir sozinho.

— Não. Estou apenas triste.

Ela caminhou de mãos dadas com ele até a porta da frente da casa, sabendo que o motorista e os guarda-costas os observavam.

A governanta abriu a porta e uma mulher de meia-idade e muito risonha foi recebê-los. Alena Seward ficou surpresa ao ver o príncipe em sua casa em plena manhã.

— Alteza! — Inclinou-se fazendo reverência.

— Mme Seward, peço desculpas por ter vindo sem avisar com antecedência, mas tenho um assunto urgente para tratar com a senhora. Podemos entrar?

— Claro que sim. — A mulher levou-os para uma sala e mandou as empregadas se retirarem. — Posso oferecer-lhes café, Alteza?

— Não se preocupe com isso, madame. Eu quero lhe apresentar a srta. Hamilton.

— Como tem passado? — a mulher estendeu a mão. —

Sentem-se, por favor.

Alexander sentou-se primeiro, sabendo que Alena permaneceria de pé, esperando-o se acomodar.

— Mme Seward, recebemos notícias de Paris esta manhã — ele iniciou.

— Sim, Alteza. — A mulher, que sentara ao lado de Eve murmurou, compreendendo que havia algo de errado.

— Houve um acontecimento lamentável na embaixada de Cordina, em Paris. Uma bomba explodiu num ato terrorista. —

Alexander sabia que o melhor seria falar de maneira mais rápida e direta. — Seu marido faleceu.

— Maurice? — Alena apertou o braço do sofá com força, à procura de apoio. — Morto?

— Maurice morreu instantaneamente, madame. Meu pai lhe manda suas

condolências e lhe dou as minhas em nome da nossa família.

— Não há nenhum engano? — a mulher não chorava, apenas mantinha a mão fechada, agarrando o braço do sofá com força.

Alexander odiava o fato de não poder fazer nada para consolá-la, sentia-se um inútil diante de todo esse sofrimento.

— Não madame, não há engano algum. Seu marido se encontrava sozinho no escritório onde a bomba explodiu.

Eve procurou fazer algo antes que Alena desfalecesse.

— Mme Seward, a senhora tem conhaque em casa?

— Conhaque? — a voz de Alena veio fraca e seus olhos se fixavam num ponto invisível. — No bar da sala ao lado...

Um olhar de Eve para Alexander bastou para fazê-lo entender o que deveria fazer. Levantando-se, ele foi procurar um dos empregados, deixando-as a sós.

— Mas eu conversei com meu marido ainda ontem. Ele me disse que havia comprado uma linda jóia para nossa filha, ela vai fazer aniversário no mês que vem. Deve ser algum mal-entendido, *mademoiselle*.

Alena começou a chorar e se apoiou no ombro de Eve, procurando consolo.

Quando Alexander voltou, encontrou Eve tentando confortá-la e não se preocupou com protocolos nessa hora.

Abaixou-se diante delas e fez com que a sra. Seward tomasse um gole de conhaque.

— A senhora tem parentes que deseja ver? — Eve indagou.

— Mandem buscar meus filhos, por favor — a voz chorosa quase implorava.

Alexander olhou para uma das empregadas que havia entrado na sala e ela correu para providenciar o que a patroa pedira.

— Não se preocupe. Já foram buscá-los — Eve disse a Alena e lhe deu mais um

gole de conhaque. — Alexander, não há ninguém da família que possa chamar?

— Onde está a sua agenda de telefones? — ele indagou à mulher.

— No escritório de Maurice, no fim do corredor.

Um novo acesso de choro cortou-lhe a voz. Eve apoiou-lhe a cabeça em seu ombro e Alexander correu ao escritório.

Algum tempo depois, dentro da limusine, enquanto se dirigiam para o castelo, Alexander pegou a mão de Eve.

— Você foi muito gentil em ter me acompanhado. Sua ajuda foi muito importante.

Ela apoiou a cabeça no encosto estofado e suspirou profundamente, exclamando:

— Como é terrível não poder fazer nada para aliviar o sofrimento de uma pessoa num caso desses.

Alexander nada comentou, embora sentisse o mesmo.

— O que será da sra. Seward agora? — ouviu a voz suave indagar.

— O nosso país a ajudará financeiramente, é o máximo que podemos fazer — afirmou, acendendo um cigarro e tragando a fumaça de modo nervoso.

— Os responsáveis deveriam ser punidos.

— *Vou puni-los.*

Ao ouvi-lo dizer isso, Eve ficou em dúvida se quem falava era o príncipe ou o orgulho pessoal de Alexander.

— Quando você nos deixou sozinhas, Alena parecia querer entender o que estava acontecendo e tenho certeza de que ainda vai lhe perguntar quem foi o responsável pelo ato terrorista, se tiver oportunidade.

— Até lá a justiça estará feita.

— É o que você espera que aconteça.

— Você já pensou que poderiam ter matado meu pai? —

Pela primeira vez Eve o viu perder o controle das emoções.

Ouvia calada a voz carregada de ódio. — Nós somos os responsáveis por este país e pelas pessoas que moram aqui. A

morte de Seward não pode ser ignorada. Temos de punir os culpados.

— Você sabe quem são esses terroristas? — ela indagou.

— Talvez sim. Deve ter algo que ver com Deboque. Ele é um ganguesterzinho que trabalha para uma organização que quer a cabeça do meu pai.

— Você acha que a bomba foi instalada para... atingir o seu pai?

— Tenho certeza.

— Ele deveria voltar para Cordina, então. Está correndo perigo em Paris.

— Meu pai é um governante, se correr dos seus inimigos desestruturará o poder do seu país.

— Alteza, o príncipe governante é seu pai.

— Antes disso é um chefe de Estado.

— Não acredito que pense assim.

— Não há outro modo. Seria um erro voltar, nessa altura dos acontecimentos.

A limusine já parava diante da porta principal do palácio.

— Bennet me havia dito que você é uma pessoa racional, que precisa ser assim. Por um momento na casa de Alena, pensei que você estivesse comovido, imaginei ter visto em você solidariedade humana. Na minha opinião você não precisa ser um muro de concreto e aço para ser um governante, é preciso ter amor ao ser humano.

— Não preciso das suas opiniões, Eve. Mas agradeço por ter me acompanhado. Talvez um dia você entenda que há coisas mais importantes na vida que simples

sentimentalismo.

— É claro que não precisa das minhas opiniões. Mas quero que saiba que, apesar da máscara de ferro que insiste em usar, você não consegue esconder que está terrivelmente abalado e precisando de alguém para ajudá-lo a sair dessa angústia. Se quisesse, poderia contar comigo para desabafar; mas não, prefere ser auto-suficiente e remoer seus nobres sentimentos. Não tenho direito nenhum de me intrometer na sua vida, Alteza, mas não é preciso ser uma vidente para perceber que você é uma pessoa muito infeliz.

O chofer abriu a porta e ambos saíram. Alexander se manteve calado, caminhando lado a lado com Eve. Mais uma vez continha-se, embora desejasse dizer uma porção de verdades a ela. Compreendia que era uma pessoa diferente das demais e por isso deveria manter sempre uma postura um pouco distanciada das outras pessoas, inclusive dos amigos da família.

Não havia outra maneira de estar acima de todos os problemas e pensar de modo sensato, Nunca poderia se desesperar e ficar demonstrando seus sentimentos ao mundo todo nem tomar atitudes pensando apenas em suas emoções.

Ninguém poderia saber de sua dor por ter perdido um amigo de forma tão violenta e mesmo assim ter de agir do modo mais racional possível. Tinha de agir dessa maneira pelo amor e responsabilidade que devia a seu país. E obviamente se alarmava por saber que a bomba se destinava a seu pai, mas tratava-se de um dos riscos a que um membro da família real estaria sempre exposto.

— Alteza... — ouviu a voz suave dizer quando entravam numa das grandes salas do palácio. — Peço-lhe desculpas por ter sido tão rude. Não quis ofendê-lo.

— Sei que não quis, mas também sei que você pensa tudo o que disse, que sou um homem frio e sem emoções.

Eve pensou em responder, mas se calou.

— Vamos esquecer o que foi dito — ela pediu. — Você gostaria de dar uma volta no jardim comigo?

— Não estou bem certo, tenho muito o que fazer ainda e...

— Do modo como você está, não vai conseguir trabalhar.

Vamos dar uma volta.

Ele acabou concordando e ambos logo caminhavam pelos jardins floridos. Alexander olhou para o céu límpido e em seguida fechou os olhos por um instante antes de continuar caminhando. Depois de andarem por algum tempo, Eve aproximou-se mais e indagou:

— Os príncipes não podem se lamentar nem se condoerem? Pode confiar em mim, se quiser.

Ele olhou-a por um momento e sentiu vontade de desabafar e abraçá-la, ter o calor do corpo dela contra o seu.

— Maurice era o amigo mais próximo do meu pai, mas também esteve sempre bastante próximo de mim. Era um homem especial, sem a ambição doentia que a maior parte de nós possui, e com quem se podia contar em qualquer momento.

Ele me ajudou muito algumas vezes.

— Vocês eram amigos, então.

— Talvez tenha sido uma das únicas pessoas no mundo a quem eu poderia chamar assim.

Eve pegou-lhe a mão e a apertou com força. Alexander ficou um pouco constrangido, pois o que sentia, na verdade, era o desejo de abraçá-la e acariciá-lhe os cabelos. A repentina proximidade em que se encontravam despertava nele um fogo que só se apagaria tendo-a em seus braços. Só então pensou em Bennet, talvez ele estivesse envolvido com Eve.

— Com licença, agora preciso tratar dos meus negócios

— disse de repente e virou-se, caminhando de modo apressado para o palácio.

Eve não teve tempo nem de lhe perguntar o que ocorrera, ficou imóvel no meio do jardim, tentando imaginar o que dissera de errado. Depois de algum tempo concluiu que não adiantaria pensar no assunto. Alexander era um homem estranho demais, seria tolice tentar entendê-lo.

Continuou andando pelo jardim sozinha e logo percebeu que estava ficando deprimida ali. Subitamente se deu conta de que sua visita a Cordina já havia se prolongado demais. Tinha muito trabalho pela frente, a produção das peças, os detalhes para a organização dos eventos e tudo o mais.

Decidiu que, no dia seguinte, às primeiras horas depois que raiasse o sol, iria estar deixando Cordina. Sabia que talvez não fosse o melhor dia para partir, mas acertaria o contrato de uma vez com Alexander e trataria de cuidar de sua vida.

Ainda restava algum tempo antes do almoço. Procuraria Bennet, talvez o amigo conseguisse distraí-la um pouco e fazê-

la sentir-se melhor.

Nesse mesmo dia, ao entardecer, a família real e Eve se encontravam na fazenda, onde Gabriella os reunira para jantar juntos, como prometera a Eve.

Eve sentara-se na varanda e olhava para as terras cultivadas e os estábulos. Dorian, o caçula de Reeve e Gabriella, brincava com um filhotinho de cachorro.

— Esta fazenda está quase irreconhecível. Vocês mudaram bastante este lugar desde que o visitei pela última vez, Gabi.

— Você tem razão. Depois que viemos para cá, reformamos a casa, construímos os estábulos, a piscina, as

quadras de tênis e tudo o mais. Eu, Reeve e os meninos adoramos morar aqui.

— Parece-me que vocês se adaptaram bem. Não é para menos, a fazenda está linda. Mas não é perigoso morar tão afastada do palácio?

— O lugar tem um ótimo sistema de segurança. As crianças não querem nem pensar em mudar algum dia. — Ao ouvir o choramingo do animalzinho, Gabriella olhou para o filho caçula. — Dorian, eu falei para você não puxar a orelha do cachorrinho. Ele chora!

— *Cacholinho* — o menino repetiu sorrindo para a mãe.

— Se você maltratar o cachorrinho ele não vai gostar de você.

Ao ver as nuvens começarem a tomar um a coloração avermelhada, Eve observou:

— O cair da tarde é maravilhoso neste lugar...

Permaneceu quieta por um tempo, observando os outros três filhos da amiga, brincando um pouco mais distantes. Depois voltou a puxar conversa com Gabriella.

— Vocês desistiram de ir morar nos Estados Unidos?

— Reeve relutou um pouco, aliás bastante, em largar seus negócios nos Estados Unidos. Tenho um pouco de sentimento de culpa por tê-lo forçado a isso, mas não houve outro modo. Durante alguns anos, ele alimentou a esperança de poder voltar e retomar efetivamente a presidência das suas empresas. Com o tempo, todos nós compreendemos que isso seria impossível. Eu não posso abandonar Cordina e Reeve sabe disso, portanto tenta se adaptar. Hoje tem seus compromissos aqui, tanto quanto eu. Aos poucos vamos ajeitando nossas vidas.

Gabriella ficou calada por um instante, mexendo nervosamente com as mãos. Algumas vezes ralhou com os filhos e respondeu às perguntas de Eve.

Eve, por sua vez, percebeu a intranquilidade da amiga e procurou confortá-la.

— Gabi, você não está muito bem, não é? Eu sei está aflita com o que aconteceu. Deve estar preocupada com seu pai.

— Também com ele. Vivemos tempos difíceis. —

Gabriella olhou para Dorian e sorriu para o filho. — Talvez sempre tenha sido e sempre será difícil que governantes vivam em paz. Quanto a meu pai, não adianta me preocupar, tenho certeza de que está satisfeito consigo mesmo por cumprir sua missão.

— Eu começo a entender o que isso significa — Eve comentou.

— Papai tem sido um homem justo e honesto que procura levar o governo pensando em seu povo; no entanto, não há como não ter inimigos. Sempre foi uma pessoa que sacrificou seus próprios interesses em favor do seu país. Alexander se parece com ele de algum modo.

— Eu percebi isso. Mas Alexander me parece uma pessoa um tanto infeliz.

— Você se preocupa com meu irmão? Pensei que não se suportassem.

— Não é bem assim. Temos nossas diferenças, mas não o odeio.

— Eu não me surpreenderia se depois de tantos anos de hostilidades, um belo dia vocês entendessem que se adoram.

Não seria a primeira vez que pessoas que não suportam a presença uma da outra, acabam tendo um lindo caso de amor.

— Gabriella fez o comentário apenas para provocar Eve, depois amparou o filho mais novo que fugia do cãozinho, que agora tentava mordê-lo.

— Não diga bobagens, Gabi — Eve disse à amiga, um tanto aborrecida.

— Agora vou ter de cuidar de Dorian. Ele precisa tomar um belo banho. Por favor, chame os outros três e mande-os se prontarem para o jantar, sim?

— Claro, Gabi.

Ela desceu a escada da varanda e olhou para as três crianças que ainda brincavam. Seu pensamento, no entanto, encontrava-se distante. Pensava no que a amiga acabara de lhe dizer. Apesar de saber que fora uma brincadeira, as palavras de Gabriella a haviam atingido.

Não negava que quando conhecera Alexander, dez anos antes, sentira-se atraída por ele de um modo especial. No entanto, com o tempo, percebera que não se tratava de um homem com quem gostaria de ter qualquer envolvimento, bastava uma palavra mal colocada quando conversavam para começar uma verdadeira batalha. Será que algum dia poderiam se entender?

Caminhou até as crianças e mandou-as fazer o que a mãe pedira. Elas resmungaram um pouco, mas acabaram obedecendo. Quando os três filhos de Gabi entraram, imperou um silêncio absoluto. Já anoitecia e a cor do céu oscilava entre o negro e o azul-escuro, as primeiras estrelas apareciam e uma lua cheia enorme não deixava que a escuridão se instalasse de uma vez.

Resolveu dar a última caminhada no dia que terminava.

Viu uma luz fraca se acender no estábulo junto com as luzes da casa.

Encaminhou-se ao estábulo que tinha janelas altas por onde via alguma claridade. Passou pela porta entreaberta e deu uma olhada ao redor. Ao ver uma pessoa inclinada, olhando para uma cocheira, aproximou-se chamando:

— Bennet, é você?

— Eve? — ouviu a voz grave e no mesmo instante percebeu que se enganara. Se tivesse percebido antes, talvez tivesse saído sorrateiramente. Não sentia disposição para conversar com Alexander.

Ao vê-lo virar-se e encará-la, aproximou-se relutante.

— Perdoe o engano, Alteza. Imaginei que fosse Ben.

— Meu irmão está lá fora, do outro lado do estábulo, dando uma olhada no novo búfalo. Reeve deve estar com ele.

— Com licença, Alteza. Acho que o jantar já deve estar quase pronto e...

— Bobagem, Eve. Você sabe que Gabriella mandará nos avisar. — Alexander fez um carinho na cabeça da égua que estivera admirando e indagou: — Você gosta de cavalos?

— Gosto de animais em geral.

— Ótimo. Venha aqui ver. Esta égua se chama Pintada.

— Nome estranho para uma égua.

— Também acho, mas ninguém conseguiu convencer Adrieene a encontrar outro nome. Minha sobrinha ganhou-a no último aniversário.

Eve estranhou o fato de Alexander procurar manter uma conversa com ela de modo tão amigável, e procurou não complicar as coisas. Ele bem que podia estar num dia de boa vontade.

— Bem, eu não posso criticar Adrieene. Quando criança, ganhei um cavalo e dei-lhe o nome de Lancelot. A família inteira protestou, sugerindo nomes que

consideravam maravilhosos para um cavalo. Mas eu disse a meu pai que ou o cavalo se chamava Lancelot ou eu não iria querer ficar com ele.

— Geniosa desde pequena — Alex comentou.

A égua relinchou e Eve esticou a mão para acarinhá-la.

No entanto, o animal fez um movimento repentino procurando morder-lhe a mão. Ela soltou um grito e pulou para trás, mas perdeu o equilíbrio ao pisar num pequeno buraco que havia no chão de terra e caiu para o lado de Alexander que a abraçou, tentando segurá-la.

Ele a ajudou a se recompor, mas continuou abraçando-a.

— Desculpe-me, Alteza.

— Por que você insiste em me chamar assim? Acho que já fomos apresentados um dia e meu nome é Alexander. Já conversamos sobre isso e desde aí eu parei de chamá-la de srta.

Hamilton.

— Desculpe, vou tentar me lembrar — Eve disse em voz baixa.

O calor do corpo másculo contra o seu lhe dava uma sensação agradável. Por um momento ficaram em silêncio e ela olhou para o chão. Pensou que talvez devesse se afastar e fugir dali, mas não era o que desejava fazer. Seu coração descompassado a impedia de refletir claramente. Antes que se decidisse a tomar alguma atitude, sentiu os dedos de Alexander acariciando-lhe os cabelos e a nuca.

— É tão difícil pensar em mim como um homem de carne e osso em lugar de um príncipe malévolo? — ouviu a voz quente indagar junto a seu ouvido.

— Acho melhor procurar Bennet — respondeu.

Sentiu o cheiro da colônia que exalava do corpo de Alexander, uma fragrância penetrante e envolvente, que no entanto se misturava de um modo estranho aos cheiros do estábulo. Fez um gesto, tentando se soltar, mas foi impedida.

Os braços fortes a seguravam.

— Antes de ir embora, você vai dizer meu nome —

Alexander a apertou com mais força, mantendo seus corpos colados. — Diga meu nome e eu a soltarei.

— Alexander — ela obedeceu, a voz soando estranha em meio à respiração quase ofegante.

— De novo — ele sussurrou.

— Alexander — ela murmurou antes que suas bocas se encontrassem num beijo.

Não adiantava tentar resistir, pensou Eve. Na verdade, embora nunca tivesse pensado nisso, desejava aquele beijo e, deixando de lado todas as razões que pudesse encontrar para fugir, entregou-se ao momento de prazer.

Alexander tomou-lhe os lábios com paixão, enquanto com as mãos percorria-lhe as costas de maneira sensual.

Esquecido dos problemas, do peso da responsabilidade, da dor que sentia pela perda do amigo, ele apenas sentia a mulher que tinha nos braços corresponder à sua paixão. Sabia que estava sentindo uma atração muito grande por Eve; entretanto, várias vezes testemunhara situações de intimidade dela com seu irmão. Nunca estivera num dilema desses antes.

O fato de ela lhe ser proibida por estar com Bennet parecia inflamá-lo ainda mais. Por mais que procurasse o motivo, não entendia por que uma mulher que sempre lhe causara irritação e mau humor de repente se tornava o objeto de seu desejo.

No entanto, ali estavam, apesar de todas as contrariedades e nem haviam tido tempo de pensar no que ocorria.

Terminado o beijo, continuaram abraçados, com o pensamento distante até que, sobressaltados, ouviram a porta do estábulo ranger, se abrindo. Separaram-se como duas crianças que fossem surpreendidas fazendo algo de proibido.

— Eve, você está aí? — ouviram a voz soar e logo em seguida Bennet entrou.

— Eu e Alexander estamos aqui — ela disse e involuntariamente abraçou o próprio corpo.

Ele nem chegou a se aproximar. Apenas olhou-os da porta e anunciou:

— Gabi está chamando. Não demorem, estou morrendo de fome.

Bennet saiu e, ao fechar a porta, o silêncio retornou.

Alexander permanecia calado, olhando para Eve, que perguntou:

— Vamos?

— Espere. Tenho algo para lhe perguntar. Ela fitou-o estranhando o tom de voz dele.

— Pergunte.

— Você não se sente culpada?

— *Culpada?* Por que haveria de me sentir assim? — ela perguntou perplexa.

— Talvez eu tenha me expressado mal. Mas não se sente incomodada por estar envolvida com um homem e ter beijado seu irmão.

— Alexander, por favor, esqueça o que aconteceu aqui, sim?

Exasperada, Eve passou por ele sem olhá-lo e seguiu em direção à porta, batendo-a com força ao sair.

Alexander ficou estático, com o pensamento confuso, apenas desejando que Bennet nunca soubesse o que havia acontecido. Eve tinha razão, seria melhor esquecer. Nunca haviam se dado bem... o tempo se encarregaria de fazer com que tudo voltasse ao normal. Com certeza já estariam se agredindo na próxima oportunidade.

Lembrando-se de que os outros já o deviam estar esperando, resolveu juntar-se a eles.

CAPÍTULO IV

O contrato foi firmado com Alexander nas primeiras horas da manhã e antes do almoço Eve embarcava num voo para os Estados Unidos. No dia seguinte começou a trabalhar ferozmente, prosseguindo no mesmo ritmo pelos três meses seguintes.

O restante do grupo compartilhava de sua dedicação, entusiasmados com o fato de atuarem pela primeira vez num país estrangeiro. Sabiam que interpretariam numa língua estrangeira para os seus anfitriões e por isso mesmo treinavam como nunca a boa dicção.

Eve se decidira a apresentar peças com as quais já estavam familiarizados ou que já houvessem encenado antes.

Assim, em três meses se encontravam preparados para enfrentar a viagem a Cordina.

No dia do embarque ela se despediu do pai logo pela manhã e pediu a Christina que a levasse ao aeroporto. A irmã deixou a galeria de artes aos cuidados de sua assistente e foi acompanhá-la.

No entanto, Eve parecia disposta a perder o voo. A cada momento, parecia se lembrar de algo importante que escapara de sua longa e minuciosa lista.

— Eve, eu não quero deixar você afobada, mas faltam apenas duas horas para o avião partir. Não seria bom você estar no aeroporto bem antes para reunir seu pessoal?

— Não. Chris. Já tem alguém fazendo isso por mim. Um dos diretores se encarregou de tudo.

Eve apanhou uma fotografia do pai e outra da irmã e as colocou na mala aberta sobre a cama. Depois pegou a lista que fizera e deu mais uma conferida.

— Você vai acabar levando a casa inteira — Christina ironizou. — Você já conferiu essa lista uma centena de vezes esta manhã.

— Eu sei, mas quero estar certa de que não estou me esquecendo de nada. Vou passar um bom tempo em Cordina.

Será que coloquei a minha blusa de seda branca na mala?

— Se você está falando da que comprou na semana passada, já pôs sim. Não se esqueça de deixar comigo o número de telefone do teatro. Se bem que acho que será quase impossível falar com você enquanto estiver trabalhando.

— Não se preocupe, eu ligo para você. Mas, por favor, não deixe a secretária eletrônica ligada na sua linha particular.

Detesto conversar com aquela máquina.

— Sinto muito, Eve. Você vai ter de conversar com minha fiel secretária de lata, mas só de vez em quando.

Eve sorriu para a irmã. Ambas se pareciam um pouco.

Quem as visse juntas não duvidaria de que se tratava de pessoas da mesma família, embora notassem imediatamente a diferença de temperamento. Chris era mais calada e introspectiva.

— Eu queria tanto que você fosse à estréia da primeira peça! — Eve exclamou.

— Não sei se vai ser possível. Talvez fosse bom ter alguém para lhe dar apoio moral; mas sinceramente acho que não vou poder estar lá. Embora eu quisesse muito ir, os próximos dois meses vão ser agitados para mim. Mesmo assim, não fique nervosa, tudo vai sair da melhor maneira possível.

Vocês vêm trabalhando nessas peças há muito tempo.

— Para ser franca, estou bastante nervosa, Chris. Acho que nunca estive diante de uma responsabilidade tão grande.

São quatro peças de uma só vez para produzir. Morro de medo que bem na hora mais importante da minha carreira algo dê errado. São tantos diretores, atores, técnicos de som e iluminação. Além do mais, nos apresentaremos num país onde o idioma oficial é o francês, enquanto nós estaremos falando em inglês.

— Não me venha com pessimismo, por favor, Eve, vai dar tudo certo. Os atores conhecem o seu trabalho, assim como os diretores e todos do grupo. Quanto ao idioma, não se preocupe.

Tenho certeza de que a maior parte das pessoas em Cordina fala o inglês. Não se

esqueça que o país é pequeno e todos saem para outros países para estudar. Além disso, não vai haver alguém fazendo comentários em francês entre as cenas?

— É verdade, estou me preocupando à toa.

— Você escolheu artistas ótimos e textos maravilhosos, tem uma equipe talentosa.

— Eu sei. Mas mesmo assim, às vezes...

— Pare já com isso. Você é uma profissional competente, se não fosse assim, não teria aceitado esse desafio. E vamos parar de falar desse assunto.

— Agora entende por que queria que você estivesse comigo na noite da estréia? Preciso de alguém otimista do meu lado.

— Prometo tentar ir para a primeira estréia, mas não posso dar-lhe certeza. Aliás, você vai estar tão ocupada, que não vai nem prestar atenção em mim.

— Engano seu. O trabalho duro para mim vai até antes da primeira apresentação. A partir daí, o trabalho é dos atores e pessoal de cena, eu apenas me sento numa poltrona e assisto.

Nessa altura, prefiro deixar a responsabilidade a quem de direito, os diretores.

— Eu admiro a sua força no trabalho. Você é parecida com papai nessa parte. Vocês vão fazer um enorme sucesso.

— É bom ouvir isso.

— Eve, não está na hora? É melhor fechar essa mala.

— Você tem razão. Vamos indo.

Chris chamou um dos empregados que levou as malas para o carro. No caminho foram conversando, sentadas no banco traseiro do carro, pois o mesmo empregado se oferecera para levá-las.

— Você se entendeu com Alexander, no final das contas?

— Chris indagou.

— Não é segredo nenhum que nunca nos demos bem. —

Eve respondeu, omitindo os últimos acontecimentos de três meses antes e sempre que a irmã lhe falava do príncipe herdeiro, procurava mudar de assunto.

— Espero que isso não seja um problema para você.

— Não é assim tão dramático, também. Apenas não me sinto à vontade ao lado dele. É um homem muito estranho. Na verdade, prefiro a companhia de Bennet e Gabriella, me sinto mais segura.

— Alexander a faz sentir-se insegura?

— Esqueça. Não foi o que quis dizer.

Chris podia perceber algo de estranho no comportamento da irmã, mas não compreendia o quê. Resolveu investigar o que era.

— Eve, você deve procurar compreender Alexander. É

um homem de muitas responsabilidades e, na sua posição, não tem escolha.

— Talvez.

— Você não pode entender o que é ser o filho ou a filha mais velha. De certa maneira, as pressões são maiores. Papai sempre tentou fazer com que eu me interessasse por seus negócios e quando entendeu que não seria possível, começou a fazer companhia para que eu escolhesse um marido que gostasse de trabalhar nas empresas dele. Tente imaginar a posição de Alexander, sendo herdeiro do governo de um país, as pressões sociais devem ser muito fortes.

— Para ser franca, já estou cansada de todos tentarem justificar o mau gênio de Alexander.

— Eu não acho que ele tenha um gênio ruim, apenas me parece um pouco triste, fechado. Um dia, você vai acabar descobrindo nele uma boa pessoa.

— Confesso que vai ser difícil isso acontecer.

— Você vai trabalhar para Alexander e vê-lo sempre. Não vai ajudar em nada

vocês ficarem brigando cada vez que se encontrarem. Não é ele o presidente do Centro de Artes?

— Presidente da delegação. — Eve conferiu todos os documentos na bolsa, depois voltou-se para a irmã. — Mas Sua Alteza não vai acompanhar meu trabalho de perto, nossa antipatia é mútua.

— Você parece estar furiosa com ele. Aconteceu algo de errado no tempo em que esteve lá?

— A única coisa que aconteceu foi que eu tive ainda mais certeza de que Alexander é um arrogante pretensioso. Juro que se esse projeto não fosse tão importante para a companhia, eu o jogaria na cara dele e nunca faria as apresentações.

Chris analisou que talvez fosse melhor mudar de assunto.

Pegou na mão da irmã e procurou acalmá-la, pois já chegavam ao aeroporto.

Alexander esperava no aeroporto já nervoso. O avião estava atrasado vinte minutos e os repórteres se aglomeravam no lado de fora da sala onde aguardava.

Coubera a ele ir buscar Eve no aeroporto e não sabia se gostaria ou não disso. Lembrava-se ainda com muita nitidez do que ocorrera na fazenda na última noite em que haviam passado juntos. Bennet não a vira nesses meses, mas isso talvez não significasse que não tivessem algum tipo de envolvimento. Seu

irmão já tivera envolvimento mais confusos antes. E nunca fora muito fiel a nenhum deles.

Apesar de terem sido criados na mesma casa, não tinha intimidade suficiente com o irmão para esclarecer o caso.

Analisou que isso não teria importância nenhuma, de qualquer maneira. Tudo o que sentia por Eve era uma atração passageira.

Durante os três meses anteriores, praticamente se esquecera dela. Logo na primeira semana em que a vira partir, houve o enterro simbólico de Seward, dali a um tempo seu pai voltou e as investigações sobre o ato terrorista na embaixada se intensificavam. Tudo o que precisaria seria manter sua mente ocupada.

Não demorou muito até que pela janela de vidro da sala viu o avião aterrissar. Encaminhou-se para o saguão e em instantes recepcionava Eve.

Ela usava um conjunto de blusa e saia de seda azul-celeste que esvoaçava com a brisa. Assim como os cabelos negros que estavam soltos. Os belos olhos azuis se ocultavam atrás das lentes dos óculos escuros. Alexander achou-a ainda mais bonita do que se lembrava.

Ao vê-lo aproximar-se, o sorriso que ela exibia para os fotógrafos desapareceu. Alexander era a última pessoa que esperava encontrar na chegada, ainda mais após o que ocorrera na casa de Gabi.

Tivera a esperança de que o veria apenas depois de ter ido ao hotel, descansado e tomado um banho, se preparando assim para enfrentá-lo. Mas não se abalaria, bastava tratá-lo a distância e suportar os poucos minutos em que receberia as boas-vindas oficiais; depois poderia ir para o hotel.

Houve uma verdadeira aglomeração no saguão, pois junto com os atores e o pessoal da companhia, os repórteres

invadiram o local. As vozes animadas dos visitantes se misturavam às perguntas e apelos dos jornalistas.

Alexander estava vestido elegantemente, como de costume, e ao ver Eve procurou sorrir, mas não pareceu estar feliz por reencontrá-la.

— Alteza! — ela o cumprimentou com excessiva polidez.

Ele estendeu-lhe a mão e os *flashes* das máquinas dos repórteres dispararam.

— Srta. Hamilton. Nós lhe damos as boas-vindas, à senhorita e ao seu grupo.

— Obrigada, Alteza.

— Não se preocupem com a bagagem, tudo já foi providenciado — Alexander declarou. — Os integrantes do seu grupo serão levados ao hotel e já me assegurei de que estarão bem instalados. Quer me acompanhar até o carro?

— Será um prazer — ela respondeu com formalidade, e uma ponta de ironia.

Começaram a caminhar, mas Alexander parou por um instante e se dirigiu aos repórteres.

— A srta. Hamilton vai responder às suas perguntas na entrevista coletiva de amanhã. Tenham paciência ela agora precisa descansar da longa viagem.

Continuaram andando e apenas uns poucos repórteres ainda tentaram segui-los, mas foram impedidos pelos guarda-costas.

— Alteza, seria melhor eu não me afastar muito do meu grupo.

— Você tem um assistente?

— Tenho. É um dos diretores — ela respondeu, sendo obrigada a apressar o passo para acompanhá-lo.

— Para que servem os assistentes? Deixe o pessoal por conta dele. É melhor irmos logo para o palácio.

— Alteza, se não se importar, o primeiro lugar a que eu gostaria de ir seria o hotel.

— Você não tem nenhum motivo para ir ao hotel. —

Ambos passavam pelo caminho que os seguranças abriam em meio à multidão de curiosos que os aguardava. Alexander ainda se dirigia a Eve: — O seu assistente e o meu pessoal cuidarão bem da equipe.

— Mas eu quero desfazer as minhas malas, tomar um banho. Tenho certeza de que poderei ir ao palácio mais tarde.

Entraram na limusine e o chofer logo colocou o carro em movimento.

— Se você está me levando para o hotel, ainda digo que não é necessário. Posso ir com o resto do meu pessoal.

Alexander apoiou as costas no banco do carro e respirou fundo. — Você não vai ficar hospedada no hotel. Os seus aposentos estão arrumados no palácio e suas malas foram enviadas para lá.

— Se isso foi idéia sua, esqueça. Você não tinha o direito de decidir por mim. Mude os planos e peça para me arranjam um quarto no hotel, junto com o resto do grupo — a voz soou cheia de irritação.

Ele se inclinou para a frente, apertou um botão e uma abertura surgiu no painel do carro mostrando um minibar.

— Quer uma bebida? — indagou com naturalidade.

— Não, eu não quero uma bebida. Quero que você me diga o que está acontecendo. Já lhe disse que vou para o hotel.

Você está me raptando.

— Não seja dramática, Eve. Papai ficaria magoado se soubesse que você considera sua preocupação em alojá-la no palácio como um rapto.

— A nossa discussão não tem nada que ver com seu pai.

— Foi ele quem insistiu para que você ficasse conosco.

— Seu pai? — ela perguntou incrédula.

— Papai teme por sua segurança. Não é segredo para ninguém que estamos tendo problemas com terroristas.

— Alteza, se seu pai pensa que existe algum perigo para nós, eu quero ficar com meu pessoal.

— Muito bonito de sua parte — ele ironizou. — Mas isso não é necessário. Seu pessoal não corre perigo. Nem mesmo você corre perigo real, mas como está ligada à família real por laços de amizade pessoal, queremos evitar que seja incomodada. Preferimos ter você no palácio, onde será mais fácil cuidar do seu bem-estar enquanto estiver aqui. Além de tudo, meu pai gosta muito de você e ficaria bastante magoado se se recusasse a ficar hospedada em sua casa.

— Acredito que eu não tenha mesmo escolha.

— Encare como quiser.

Ambos ficaram em silêncio até que a limusine passou pelos portões da muralha que protegia o castelo.

Bennet encontrava-se no palácio e ao ver Eve chegando foi a seu encontro, abraçando-a e beijando-a.

— Eve, estava louco para vê-la. Fez boa viagem?

— Não foi de todo má — ela respondeu, entrando no palácio ao lado de Alexander que, em seguida, subiu as escadas que levavam ao escritório de seu pai.

— O grupo já está instalado?

— Para falar a verdade, não sei. Seu irmão apanhou-me no saguão e nos separamos. Mas me diga como passou esses três meses em que não nos vimos.

— Um pouco aborrecido. Não pude viajar esse tempo todo. Depois do atentado em Paris contra meu pai, tivemos muito trabalho por aqui.

— E como está Armand?

— Vai ver daqui a pouco por si mesma.

Eve pressentiu na resposta do amigo que algo não estava bem, no entanto achou melhor não insistir no assunto.

— Você me parece bastante cansada, Eve. Eu esperava poder passar umas horas a seu lado hoje, mas percebo que vai ser impossível. Na certa vai querer descansar.

— Não estou cansada apenas da viagem. Esses últimos meses foram de trabalho duro, correndo de um lado para outro atrás de audições, ensaios, reuniões, burocracia. Aliás, eu não sabia que todas as pessoas do meu grupo teriam de passar por uma breve investigação.

— Estamos nos precavendo apenas. Espero que vocês não tenham levado a mal.

— Claro que não. Mas, a propósito, tive de contratar dois novos artistas quase em cima da hora para papéis secundários e acho que não foram investigados.

— Não tem problema.

— Apesar de serem iniciantes, são artistas muito bons.

Um deles, Russ Talbot, é um rapaz que me pareceu muito dedicado e tem uma voz linda. A outra é Neil McCarty, uma mocinha recém-formada em uma escola de artes dramáticas, que tem muito talento. Ambos ficaram entusiasmadíssimos por virem a Cordina.

— Não vejo a hora de conhecer o elenco das peças.

— Principalmente as atrizes jovens e bonitas, não é?

— É crime gostar de conhecer pessoas bonitas e interessantes?

Eve riu.

— Só não quero ver nenhum coração despedaçado depois. Nesse instante, Alexander desceu as escadas e anunciou que seu pai a esperava no escritório.

— Vá vê-lo. Ele está com saudade de você. Depois nós conversaremos. Vamos ter muito tempo ainda. — Bennet disse, aproximando-se e beijando-a com carinho.

— Espero que a gente encontre um tempo logo. Temos muito o que conversar, Ben.

Alexander esperou-a para subirem juntos até o escritório.

No caminho, ele pegou-lhe o braço e alertou:

— Você vai encontrar meu pai muito abatido e magro.

Não se assuste.

— Está doente? — Eve indagou, preocupada.

— Nada de extraordinário. Está assim por causa da tensão que vem passando. Quero lhe pedir ainda que não

comente de modo algum o incidente que houve na embaixada da França. A

morte de Seward o abateu bastante.

— Nem era preciso pedir, Alexander. Eu tenho um mínimo de sensibilidade.

— Você sempre entende tudo o que falo de modo errado, não é? Apenas faça o que pedi. A saúde de meu pai está comprometida e não quero que passe por dissabores.

— Sim, Alteza! — ela exclamou com ironia. — Posso ver seu pai agora?

Alexander pensou em retrucar, respondendo à maneira irônica com que fora tratado, mas reconheceu que não deveria dar tanta importância ao fato e abriu a porta do escritório, onde ambos entraram.

— Que bom ver você de novo, minha querida! — Armand saudou-a de modo carinhoso assim que a viu. No entanto, permaneceu sentado atrás de sua escrivaninha. — Venha até aqui me dar um abraço.

Eve atravessou o escritório amplo. O ambiente encontrava-se bem arejado e iluminado, com as janelas abertas.

Apesar de ter visitado a família real tantas vezes, jamais havia entrado no escritório de Armand. Tratava-se de um lugar bem decorado, misturando elementos modernos e conservadores com muito bom gosto. Estantes de madeira maciça, forradas de livros, cobriam toda a superfície de duas paredes. A um canto havia uma sala de estar montada com dois sofás. Perto das janelas situava-se a mesa maciça de madeira trabalhada em que Armand ficava a maior parte do tempo.

Ela deu a volta por trás da escrivaninha e abraçou-o.

Armand realmente estava abatido e mais magro.

— Também é bom ver o senhor, príncipe Armand.

— Você está cada dia mais linda, mocinha. Se eu fosse um dos meus filhos, não deixaria você escapar de um bom casamento.

— O senhor é sempre gentil.

— Não é gentileza, minha filha. É apenas a verdade. Você sempre foi uma graça de menina. Agora temos o prazer de recebê-la como uma mulher de negócios que veio nos proporcionar um espetáculo maravilhoso.

— Assim vai me deixar encabulada, Alteza.

— Não seja boba. Tem que se acostumar com os elogios.

Da última vez que você esteve aqui, não pude vê-la. Foi bem tratada?

— Todos foram muito atenciosos.

— Alexander, peça para nos trazerem chá, por favor —

Armand pediu e ele chamou um empregado pelo interfone.

— Eve, fiquei sabendo que vocês estão fazendo muito sucesso nos Estados Unidos. Meu filho elogiou bastante a sua companhia.

— Bennet sempre foi cheio de gentilezas.

— Isso é a pura verdade. Mas eu me referia a Alex.

— Alexander? — ela indagou surpresa. — Agora sim me sinto envaidecida — completou com ironia dirigindo o olhar ao príncipe herdeiro.

Pensou que deveria desmascará-lo e contar tudo o que dissera anteriormente sobre sua companhia, fazendo exigências absurdas para aprovar as apresentações. No entanto, sabendo que jamais faria algo assim na frente de Armand, limitou-se a olhar para Alexander com um ar de cinismo.

— Eve não acredita que eu possa fazer um elogio a alguém, papai — foi a resposta imediata.

— Talvez um elogio a outra pessoa eu acredite, mas realmente trata-se de algo insólito para mim recebê-lo de você, Alexander — ela retrucou, mas ao lembrar-se de que deveria se conter frente a Armand, desculpou-se. — Peço desculpas, príncipe Armand.

— Não é preciso se desculpar, estou acostumado com crianças briguentas, na

vida pessoal e no governo. — Ao ver a porta se abrir, Armand anunciou com um sorriso: — Eis o nosso chá. Talvez ele consiga acalmar os ânimos.

Esperaram que o criado os servisse e se retirasse antes de continuarem a conversa.

— Voltando ao nosso velho assunto, Alexander me disse que você havia escolhido quatro peças bastante interessantes.

A primeira é de Tennessee Williams.

— Exatamente. *Gata em Teto de Zinco Quente*. É a história de uma família no sul dos Estados Unidos que vive em conflito por causa de amor e dinheiro. Há um pai dominador, dois irmãos, um dos quais é a ovelha negra e, o outro, um homem frágil que se deixa manipular pela mulher. É uma visão realista sobre os desejos e a desilusão.

— Uma história universal.

— Concorro. São emoções e conflitos que acontecem em qualquer sociedade ou cultura. Tenho certeza de que vai envolver nosso público aqui — Eve declarou e, depois de uma pausa, continuou: — Alteza, devo lhe agradecer em nome do meu grupo a oportunidade que nos está dando de mostrar o nosso trabalho. Todos estão entusiasmados.

— Você deve agradecer a Alexander, minha querida. Foi ele na verdade quem se responsabilizou por toda a organização do evento.

"Com essa, é a segunda vez que Alexander leva a melhor", ela pensou. No entanto, não lhe daria o prazer da vitória, não agradeceria a ele.

— De qualquer modo, fico satisfeita por tudo ter se arranjado e podermos estar aqui. Não vamos decepcionar o público de Cordina — observou, procurando sorrir.

— Claro que não. Hoje à noite daremos um jantar no palácio em homenagem aos nossos convidados. Espero que estejam todos aqui.

Percebendo que a última frase fora uma maneira de o príncipe se despedir, ela se levantou.

— Se Vossa Alteza me permitir, preciso ir para os meus aposentos desfazer as malas e descansar para estar na melhor forma para o jantar de hoje. —
Aproximou-se de Armand e, abraçando-o, deu-lhe um beijo no rosto. — É muito bom estar aqui de novo.

Passando pela saleta que antecedia os outros cômodos, Eve entrou no quarto. Sem surpresa constatou que ele se encontrava impecavelmente arrumado. Ficou contente por ver flores nos vasos. Da janela aberta vinha uma brisa deliciosa que fazia a cortina esvoaçar.

Tirou primeiro os sapatos e depois de desfazer as malas e se trocar, colocando uma roupa mais leve, caminhou até a janela aberta e respirou fundo. Olhou para a praia que se estendia logo abaixo e o mar azul adiante. Avistou alguns navios grandes e pequenos e ficou acompanhando-os por uns instantes.

Analizou que seria uma pena se não tivesse tempo de dar um mergulho no mar. A praia era completamente deserta, pois não se permitiam banhistas nas proximidades do palácio.

Só agora percebia o quanto estava cansada. Pretendia relaxar um pouco. Comera no avião e não tinha fome, tentaria dormir toda a tarde para estar bem disposta no jantar.

Encontrava-se ainda perdida em seus pensamentos quando ouviu baterem à porta. Virou-se, ficando de costas para a janela, indagando-se quem seria. Como não estivesse com disposição para ir até a porta, no cômodo ao lado, gritou alto:

— *Entrez, s'il vous plaît.*

Alexander logo apareceu no quarto.

— Já está instalada? — perguntou.

— É o que tudo indica, não?

— Você vai ter uma criada à sua disposição.

— Obrigada, mas não é preciso tanto. Basta que uma camareira venha arrumar e limpar meu quarto uma vez ao dia.

Não pretendo ficar muito tempo longe do teatro.

— Ela pode ajudar você a desfazer as malas, se quiser.

Basta chamá-la pelo interfone, seu nome é Collete. A moça não vai incomodá-la.

— Já desfiz as malas. Alguma coisa mais?

— A delegação responsável pelo Centro de Artes a espera para uma reunião amanhã às nove horas.

— Está ótimo. Estarei lá. Quando poderei começar o meu trabalho no teatro?

— Amanhã mesmo, se desejar.

— Agradeço pelo aviso.

Eve virou-se para a janela, novamente, ficando de frente para a vista do mar. Esperava que Alexander se despedisse e fosse embora, no entanto se surpreendeu ao vê-lo se aproximar e colocar-se a seu lado, olhando pela janela.

— Eu tenho a mesma vista do meu quarto — ele declarou'.

— Já deve ter se acostumado. Mas eu gosto muito daqui.

— Eu não disse que não gosto. Muitas vezes acordo de madrugada e não consigo dormir. Então fico observando a imensidão do mar e céu que parecem se misturar, tudo o que se vê quebrando a escuridão são pontinhos luminosos. No mar, as luzes dos barcos distantes, no céu, as estrelas ainda mais distantes.

Ambos permaneciam encostados na janela e Alex colocou a mão sobre a de Eve que se encontrava apoiada no parapeito. Ela sentiu seu coração acelerar. Não podia deixar que tudo começasse de novo.

— Alteza, foi só dar-me os avisos o que motivou sua vinda ao meu quarto? — ela indagou, retirando a mão.

— Na verdade, não foi bem isso.

Ele passou a mão nos cabelos longos e suaves e deixou-a cair-lhe no ombro.

— Você não se esqueceu do beijo que trocamos na casa de. Gabi, não é?

— Se é esse o assunto que o trouxe aqui, devo confessar que ele não me interessa, Alteza.

— Chame-me de Alexander, por favor.

— Alexander. Tudo bem. Mas não pense que isso nos torna mais íntimos.

— Eve, eu não esqueci aquele beijo e tenho certeza de que você também não. — A mão máscula acariciou-lhe a face.

Eve afastou-se, indo para o outro lado do quarto, evitando qualquer contato físico. Deveria detê-lo antes que recomeçasse.

— Alexander, eu gostaria de ficar sozinha. Estou cansada e preciso repousar — pediu com os braços cruzados.

— Você está mesmo apaixonada por Bennet, como eu suspeitava. Eu tentei alertá-la antes, mas você não me ouviu.

Bennet não vai levá-la a sério como sempre fez com as mulheres com quem se envolveu. Vocês estiveram três meses sem se ver.

Ele lhe telefonou ao menos uma vez?

— Alexander, você está ficando louco? De onde tirou essa história toda?

— Eu vejo o modo como vocês se tratam. Diga olhando em meus olhos que nunca dormiu com meu irmão.

— Fora daqui! — ela gritou sem se importar com o fato de que ele fosse seu anfitrião. — Vou refazer minhas malas e alugar um quarto no hotel. Não sou obrigada a ficar aqui ouvindo suas grosserias.

Eve correu ao guarda-roupas e tirou a mala que já havia sido guardada.

— Pare, Eve, por favor. Eu não quis dizer isso.

— Mas disse. Agora é tarde. Eu nunca o suportei Alexander e agora estou começando a compreender por quê.

Não fico aqui nem mais um minuto.

— Eve, se você for, meu pai vai ficar muito magoado. Foi ele quem insistiu para que você se hospedasse no palácio.

Ela parou por um instante e sentou-se na cama.

Alexander fez um movimento em sua direção, como se fosse se aproximar, mas ela o deteve com uma ameaça:

— Fique longe de mim ou juro que farei uma queixa ao seu pai. Eu vou ficar no palácio em consideração ao estado de saúde do príncipe Armand, mas espero não precisar vê-lo muito freqüentemente, Alteza.

— Eve, foi um mal-entendido. Nesses três meses eu pensei muito no que aconteceu entre nós...

— Não aconteceu nada entre nós!

— Eu a desejo Eve. Nunca desejei tanto uma mulher em toda a minha vida.

— Mas eu não o desejo, Alteza. Perca as suas esperanças de me conquistar.

Alexander fitou-a por um instante, uma estranha expressão estampou-se em seu rosto.

— Eu estou acostumado a ter o que desejo. Sempre consigo o que quero.

— Mas desta vez é diferente. Você pode ter quantas mulheres quiser. Basta estalar os dedos que elas se arrastam a seus pés para dormir uma noite com você. Portanto, vá procurá-

las e me esqueça.

— Eu não acredito que você não me queira. Cansada, Eve colocou as mãos no rosto e suspirou, depois encarou-o por um instante.

— Deixe-me só.

— Antes me responda uma pergunta. Você está apaixonada por Bennet?

— Isso não é da sua conta. Mas bem que poderia estar.

Ben é um homem atraente e muito gentil. Sabe como agradar uma mulher. Agora faça o que eu pedi.

— Eu desejo você, Eve, e vou tê-la, mais cedo ou mais tarde. Eve nada respondeu, apenas observou-o virar-se e sair do quarto. Achara melhor calar-se, mas sussurrou baixinho assim que ouviu a porta se fechar:

— Desta vez você perdeu, Alteza.

CAPITULO V

Eve pedira apenas uma refeição leve a Collete, depois que Alexander saiu. Comeu muito pouco e decidiu descansar.

Sentia-se exausta, mas apesar de ter deitado com a intenção de relaxar, não conseguiu adormecer.

Lembrava-se a todo momento do que acabara de acontecer entre ela e Alexander e se indignava a ponto de ficar irritada. Desistiu de evitar pensar no assunto, assim talvez conseguisse um pouco de paz.

Não podia negar que ele a atraía. O beijo que haviam trocado não lhe saía da memória. Aquele momento fora inesperado e arrebatador. Esquecera-se do mundo e o desejara ardentemente, entregue àquela carícia envolvente. Sabia que o atraía também, era evidente, mas isso não era tudo o que queria de um homem.

Alexander não era o tipo de homem que tentaria conquistá-la com flores, jantares e noites ao luar. Ao contrário, queria apenas declará-la mais um domínio seu, por direito. Suas últimas palavras não a deixavam em paz: "Vou tê-la mais cedo

ou mais tarde". Que tipo de homem esperava conquistar uma mulher dessa maneira? Um romance ou um envolvimento entre duas pessoas não poderia ser encarado como uma guerra, onde um dos lados derrotava o outro para conseguir seus objetivos.

Eve ainda se indignava pelo fato de Alexander ter declarado que suspeitava que ela mantinha uma aventura com Bennet. Conseguira distorcer a verdade clara e transparente.

Que os jornais construíssem toda uma história em cima de uma mentira, ela podia aceitar. Estavam vendendo jornais e precisavam de matérias que mexessem com a opinião pública.

Apesar de não concordar com esse tipo de imprensa sensacionalista, havia uma justificativa. Mas por que Alex viera lhe jogar no rosto aquela calúnia?

Talvez se considerasse um homem tão maravilhoso e sedutor que uma mulher só não cairia a seus pés ao seu primeiro gesto, se estivesse apaixonada perdidamente por um outro.

Prepotente: como o odiava por isso!

Analizou que, mesmo que ele fosse gentil, compreensivo, companheiro, pensaria muito bem antes de deixar-se envolver.

Conhecia a sociedade de Cordina com todos os preconceitos contra envolvimento entre pessoas da casa real e plebeus...

Jamais um relacionamento seu com Alexander poderia ter algum futuro. Não era nobre e tratava-se de uma estrangeira.

Nunca sequer poderia imaginar que ele a escolheria para ser sua esposa. A consorte de um príncipe herdeiro deveria ser também uma pessoa da nobreza, e, portanto, esse aspecto decidiria quem iria ser a felizarda.

Eve sorriu. Como era bom poder fazer de sua vida o que bem entendesse, sem se preocupar com a opinião de quem quer que fosse.

Alexander fora um tolo se pensara que ela cairia a seus pés. Não era uma adolescente e sabia pesar muito bem os fatos.

Mesmo que eles dois estivessem apaixonados e dispostos a enfrentar toda a desaprovação da aristocracia de Cordina para se casarem, ainda assim as coisas não seriam tão simples.

Eve tinha um trabalho do qual gostava muito e ao qual se dedicava de corpo e alma para vê-lo se desenvolver. Se por uma hipótese muito remota fosse se envolver e sonhar com uma vida ao lado de Alexander, isso significaria abandonar sua carreira.

O que ele pensava que o tornava tão atraente e irresistível? Claro, tratava-se de um príncipe e esse título de nobreza realmente poderia atrair a atenção de muita gente que conhecia. Mas para ela não significava grande coisa.

Depois de algum tempo, Eve se aproximou da janela que ainda se encontrava aberta. Olhou para o mar e respirou fundo.

Já mais aliviada, fechou a janela e em completa escuridão foi para a cama, talvez conseguisse dormir agora.

Precisava estar bem disposta para o jantar.

Quando acordou, percebeu que já estava na hora de começar a se arrumar.

Fazia uma noite linda e por sugestão de Bennet, o coquetel de entrada seria dado ao redor da piscina.

O príncipe Armand mandou anunciar que estaria entre seus convidados apenas para as boas-vindas e, portanto, Alexander o substituiria no papel de anfitrião.

Isso, no entanto, não diminuiu em nada a empolgação do pessoal da companhia e a noite começou bastante animada.

Bennet ficou feliz ao perceber que sua intenção havia sido bem-sucedida. Ao lado da piscina o ambiente tornou-se leve e cheio de alegria.

Encarregou-se assim de ajudar Alexander a recepcionar e entreter os convidados. Em pouco tempo tornou-se o centro das atenções.

Reeve e Gabriella chegaram quando o coquetel já corria bastante, animado. Haviam deixado as crianças em casa e esperavam ter uma noite agradável.

— Reeve! Gabi! — Bennet os chamou para um grupo que

conversava

animadamente

sobre

os

últimos

acontecimentos teatrais nos Estados Unidos e na Europa.

O casal se aproximou e todas as pessoas da roda foram apresentadas.

— Esta é Doreen — Ben anunciou por fim. — Disse-me que é bailarina, além de atriz. É uma pessoa encantadora. Estes são meu cunhado e minha irmã.

— Você nem precisava dizer, Bennet. Conheço-os de nome. Estão sempre nas revistas. Reeve é americano, não é mesmo?

— Prazer em conhecê-la — Reeve se adiantou.

— Princesa Gabriella, você é mais charmosa ainda pessoalmente. É um sonho conhecê-la.

— Obrigada Doreen. Você é muito simpática. E pelo jeito meu irmãozinho concorda.

Apesar de Gabriella ter feito essa observação num tom bem-humorado, Doreen sentiu-se um pouco constrangida. No entanto, logo conversavam animadamente.

— Onde está Eve? — Bennet indagou a um certo momento.

— Eu já havia notado a falta dela. Pensei que a encontraria aqui antes de todos — Gabriella observou.

Mal haviam tido tempo de perguntar quando ouviram um burburinho. Olharam para o caminho iluminado do jardim que dava acesso à piscina, para onde todos dirigiam o olhar.

— Eve — Bennet exclamou, e foi a seu encontro. — Você está estonteante.

Ela usava um vestido vermelho justo ate a altura do quadril e dali saía uma saia em camadas, que lhe chegava até os joelhos. Como jóias usava um colar delicado de ouro e rubis, assim como brincos que combinavam com o colar. Os cabelos negros e brilhantes haviam sido deixados soltos e emolduravam graciosamente o rosto de Eve.

Ela beijou Bennet no rosto e sorriu. Deu-lhe a mão e ambos se encaminharam até os outros de mãos dadas.

— Quer se casar comigo? — ele indagou brincando.

— Sinto muito. Já sou casada com a minha companhia, pelo menos pelos

próximos dois meses.

— É uma pena.

Alexander apenas observava a cena. Encontrava-se no meio de um grupo que voltava a conversar animadamente.

Pediu desculpas e se distanciou.

Eve e Bennet foram até Gabi e Reeve que ainda conversavam com as mesmas pessoas.

— Você está linda. Vai me dar o nome do seu costureiro

— Gabi a elogiou.

— Obrigada. Vocês estão me encabulando.

— Uma artista encabulada? — Bennet sorriu.

— Não tenho o menor jeito para o palco. Os artistas são eles. Tudo bem com você, Reeve? — Eve o saudou. Depois cumprimentou um a um todos os seus colegas.

Russ, que se encontrava com um grupo de pessoas ao lado, se aproximou, encorajado pela presença de Eve.

— *Chefe!* Você está linda! — disse sorrindo.

— Russ, você não perde a mania de me chamar assim.

Até pareço o cabeça de uma gangue — ela respondeu à brincadeira.

— Bennet, Gabi, Reeve. Está conosco há apenas alguns meses, mas já provou que é um artista nato.

— Obrigado pelos elogios, Eve. Mas não faça muita propaganda. Eles podem se decepcionar quando me virem em cena. Sr. Reeve, princesa Gabriella, príncipe Bennet — Russ dizia ao cumprimentá-los.

Eve abraçou Doreen, uma de suas artistas mais jovens e observou com uma

ponta de orgulho:

— Não apenas Russ, mas todo o nosso elenco é composto de pessoas especiais.

Nesse instante, Alexander se aproximava.

— Srta. Hamilton. Pensei que não iria vê-la esta noite.

Finalmente veio a nosso encontro. Meu pai não poderá estar presente o tempo todo e estou substituindo-o.

— Claro. Quanto a esta noite, eu não a perderia por nada deste mundo. Por que deveria? É em nossa homenagem. Seria uma descortesia muito grande não comparecer, não concorda?

Eu nunca seria capaz de um ato assim.

Eve virou-se e praticamente o ignorou, conversando com os demais.

O jantar foi servido numa grande sala de banquetes e quando todos já se encontravam instalados em seus lugares, o príncipe Armand levantou-se. O burburinho que havia até então cessou, todas as atenções se concentraram no governante.

— Saúdo a todos vocês com grande alegria e lhes dou as boas-vindas a nosso país — ele se expressava em inglês, em respeito a seus convidados. — Soma-se à minha alegria o fato de ter como um dos nossos convidados, a filha e irmã de grandes amigos nossos e também amiga pessoal da nossa família. Percebo que vocês vieram com grande entusiasmo para colaborar com o nosso programa já que sabem que toda a renda das apresentações se destinará ao propósito de incrementar o processo de integração de crianças carentes à nossa sociedade e livrá-las de tantas ameaças a seu desenvolvimento, como têm encontrado. Bem, não vou me estender mais, vocês não suportariam tanto falatório.

Com essa observação, os convidados riram.

— O importante é que quero que saibam da felicidade que sentimos em tê-los em nosso país. Sinto muito não poder ficar para o jantar, mas não sou tão jovem quanto vocês. Apesar de ser um prazer estar no meio de tantos rostos jovens e cheios de vida, eu lhes peço desculpas, mas vou ter de me retirar. Meus filhos e

em especial Alexander serão os anfitriões por esta noite.

Bom divertimento a vocês.

Os convidados o saudaram e os comentários se iniciaram assim que o príncipe Armand se retirou. O jantar foi servido logo em seguida.

Durante todo o tempo, Eve percebia os olhares insistentes, porém discretos de Alexander, o que a deixara realmente incomodada. No entanto, não permitiu que isso a

inibisse. Ignorou-o e conversou animadamente com as pessoas que se encontravam a seu lado.

Os compromissos da manhã seguinte foram cumpridos sem problemas. Houve o encontro com os membros do Centro de Artes e logo em seguida a entrevista coletiva com a imprensa.

O teatro foi confiado a Eve que ficou satisfeita em saber que poderiam usar também as salas executivas.

Quando teve tempo de almoçar, já passava das duas horas da tarde, mas estava contente. Gostava de toda aquela agitação, isso a fazia sentir que sua vida começava a voltar ao normal. Poderia finalmente começar a trabalhar.

Na parte da tarde, dedicou-se a verificar a lista de material que havia chegado do aeroporto. Sentou-se à sua mesa na sala que escolhera dentro do teatro, um lugar sem muito luxo, mas suficientemente grande para não sufocá-la.

No entanto, depois de tanta agitação, percebeu que não seria nada fácil se concentrar. Colocou água na cafeteira que trouxera e resolveu que esperaria até que o café ficasse pronto, tomaria um gole e então poria mãos à obra.

Começou a pensar no jantar da noite anterior oferecido aos membros da companhia, analisando que apesar de tudo havia sido uma noite deliciosa. Depois que todos haviam se recolhido, Bennet, Gabi e Reeve a haviam convidado para ir até o clube que frequentavam, para conversarem um pouco mais.

Divertira-se e dançara muito, mas na manhã seguinte pagara por toda essa

diversão até horas avançadas na madrugada.

Tivera de acordar cedo para a reunião com os membros do Centro de Artes e em seguida com a imprensa.

A pior parte da noite fora ter de suportar a presença de Alexander durante o jantar. Não entendia por que os olhares dele a desconcertavam.

Esse pensamento lembrou-lhe o beijo que haviam trocado na casa de Gabi. Podia odiar Alexander e achá-lo um prepotente, mas naquela hora lhe parecera um homem tão diferente, terno, amável. Fora um beijo quente que em lugar de se apagar de sua memória, gravara-se em sua mente, fazendo-a desejar que acontecesse ao menos mais uma vez.

Recordou-se também do dia em que fora com ele à casa dos Seward. De certo modo ficara tocada ao vê-lo tão abatido e precisando de ajuda numa situação difícil. Ajudara-o sem mesmo se perguntar por quê. Tratava-se de um homem que estava próximo e precisava de seu apoio, que necessitava dela.

Finalmente pensou no Alexander que a intimidava, exigindo que correspondesse ao seu desejo. Parecia-lhe que essas três personalidades não poderiam pertencer a um mesmo homem, hora tão seguro e imperativo, hora frágil e em seguida ardente e carinhoso.

Mas sempre era a mesma pessoa fechada, que evitava falar de si mesma.

Tomou o café que acabara de ficar pronto, ainda pensando no mesmo assunto. Alex fora polido com os convidados na noite anterior, mas de uma maneira pouco à vontade. Percebia-se o contraste de seus modos discretos e formais em relação aos rostos alegres e divertidos dos demais, incluindo Gabi, Reeve e, obviamente, Bennet. Até mesmo Armand, com sua idade mais avançada possuía um rosto mais descontraído.

Eve acabou de tomar mais uma xícara de café e decidiu que terminara a hora do descanso. Se não fosse rígida consigo

mesma, passaria o resto do dia fazendo considerações sobre sua vida.

Sentou-se atrás de sua escrivaninha e procurou se lembrar de quantos conjuntos de maquilagem haviam chegado; no entanto foi obrigada a consultar a lista. O

material precisava ser desempacotado com a máxima urgência e queria estar presente ou a bagunça se instalaria por dias a fio.

Ainda não havia recebido o aviso de chegada dos cabos elétricos. O lote onde se encontravam havia sido posto no avião em Houston um dia antes de ter feito a viagem e portanto pudera se certificar de que havia ido para Nova York, onde seria colocado no avião para Cordina. Tinha dúvidas de que esse lote realmente saísse de Nova York. Se não lhe dessem notícias até as quatro da tarde, telefonaria para o aeroporto de Nova York.

Uma batida na porta a interrompeu.

— Entre! — disse em inglês, pois no teatro não precisava falar em francês. Ainda sentada atrás de sua escrivaninha, olhou para cima, esperando que abrissem a porta e entrassem.

— Olá, Russ. O que você está fazendo aqui? Todos os artistas estão dispensados por hoje. Temos de arrumar algumas coisas aqui antes de vocês poderem ensaiar. Há algum problema?

— Eu sei que hoje é dia de descanso para nós, mas eu preferi vir ao teatro.

— Não gosta de praia? Você não se parece com o tipo que gosta de ficar trancado dentro de quatro paredes.

Russ era um homem alto, de constituição forte que dava a impressão de que havia cultivado seus músculos em alguma academia.

— Muito pelo contrário, adoro uma praia. Mas imaginei que você talvez precisasse de mim.

— Na verdade, preciso. Agora, não sei se você vai gostar muito de ficar no teatro. Se é o que quer, saiba que vai ter de trabalhar. Não sei se lhe contaram, eu sou uma tirana. Não vou deixar você perambulando pelo teatro sem ter o que fazer.

— É para isso que estou aqui. Não me incomodo com o trabalho. Você pode me achar louco, Eve, mas este lugar é tão...

envolvente. Prefiro ficar, e se não posso ensaiar vou ajudar a desempacotar o

material. Por falar nisso, os diretores de iluminação estão reclamando que não encontram os fios.

— Já me disseram. Aliás, esses dois quase me deixaram louca quando cheguei. Mas não leve tão a sério, eles gostam de uma boa intriga. Esses cabos vão estar no teatro amanhã, no mais tardar.

Russ deu risada e foi até a porta, i — Quando precisar de mim, é só chamar.

— Ainda acho você um psicótico em preferir um depósito cheio de poeira à praia ensolarada, mas o que posso fazer.

Daqui a pouco chamo você.

No momento em que Russ abriu a porta, Bennet a empurrava. O príncipe entrou e parou ao lado.

— Disseram-me que ia encontrar você trancada na sua sala, rosnando e praguejando, Eve — observou.

— Espere mais uns dias e você vai poder conferir. — Ela se levantou de trás da escrivaninha e fez as apresentações. —

Príncipe Bennet, Russ Talbot.

— Eve, nós já nos conhecemos — Bennet a lembrou.

— Claro! No jantar de ontem à noite. Não estou dizendo

.que isso aqui não é fácil? Já estou com a cabeça fervendo. Meu dia está sendo puxado. Desculpem-me.

— Desta vez nós desculpamos — Ben retrucou, dando a mão a Russ.

Este retribuiu o cumprimento ao mesmo tempo que tentava fazer uma reverência com um gesto de cabeça.

— Perdoe-me, não sei cumprimentar um príncipe —

confessou um pouco embaraçado.

— Faça como ontem à noite, sem cerimônias. Eve serviu um café para o amigo e para Russ.

— O que o traz aqui, Ben? — ela indagou.

— Eu vim arrancar você desta confusão e levá-la para um lugar mais agradável. Pelo jeito só você está trabalhando hoje.

— É uma pena, mas tenho mesmo de trabalhar. Os artistas estão descansando, mas os técnicos estão na labuta.

Por que você não passa para me apanhar daqui a umas duas horas?

— Nesse horário não posso. Daqui a três horas nos encontramos nesta sala. Combinado?

— Combinado. A não ser que você queira ficar e nos ajudar a desempacotar o material.

— Não, obrigado. Vejo você depois. E não trabalhe demais.

— Na verdade nem comecei. Bennet foi até a porta e a abriu.

— Prazer em vê-lo, Talbot — disse antes de sair e fechar a porta atrás de si.

— Eu sempre pensei que os membros da realeza fossem mais ocupados — Russ comentou.

— Não se engane. Bennet tem suas responsabilidades.

Quando acordamos, eles geralmente já trabalharam por horas a fio.

— Esse é bem diferente do irmão.

— Ben? Às vezes penso que são o oposto.

— É ele que está sempre nos jornais, não é? Ouvi dizer que é seu namorado.

— Não diga bobagens. Acho que estamos conversando demais, sr. Talbot — ela mudou o assunto bem-humorada.

— Desculpe se fui indiscreto. Só fiquei curioso.

— Não tem desculpas. Só por isso vai ter de trabalhar dobrado. Vamos para o depósito. Não. Antes chame os tais diretores de iluminação. Eles que nos ajudem também.

Três horas mais tarde, Eve já havia conferido e desempacotado grande parte do material de iluminação com o auxílio de seu pessoal.

Como sempre, Eve foi meticulosa na verificação dos itens da lista e não se poupou trabalho. Quando viu as horas, decidiu incumbir seu assistente do restante e se voltou para Russ:

— Por hoje basta. Você pode ir ao hotel.

— Você não ia embora?

— Vou tomar um banho aqui e esperar Bennet. Quanto a você, vá descansar, por favor. Não quero vê-lo cansado para os ensaios amanhã. Você ajudou bastante.

Ele limpou o suor da testa com o braço.

— Conheço poucos produtores que pegam no trabalho pesado.

— Está conhecendo uma. Esteja aqui às dez da manhã e descansado.

— Sim, senhora — Russ bateu continência. — Alguma ordem para os outros?

— O que disse a você, vale para todos. Os diretores não toleram atrasos.

— Vou tentar me lembrar. — O ator se virou e com um aceno de mão, saiu pela porta.

Eve foi conversar com seu assistente e o diretor de iluminação que ficara ali, depois pretendia se retirar. Quando abriu a porta, encontrou Alexander que a procurava.

— Procurando alguém? — ela indagou, observando-lhe a roupa impecavelmente asseada, em contraposição com a sua cheia de poeira.

— Você está bastante suja — ele observou sem responder à pergunta.

— Estive conferindo o material que chegou do aeroporto.

Eu não esperava vê-lo hoje. Acho que já conversamos tudo o que era necessário. Será que ficou algo pendente, Alteza? Ele deu um passo à frente, obrigando-a a se afastar. Eve tentava manter-se calma, mas seu coração batia acelerado. Apesar de sua antipatia por Alexander, ele a atraía.

— Não, eu não vim tratar de negócios — ele disse, sério.

— Já que é assim, me dê licença. Preciso tomar um banho, estou esperando Bennet vir me apanhar e já estou atrasada.

— Bennet teve um compromisso de última hora e não pôde vir. Eu vou levar você para casa.

— Não é preciso — ela começou a andar pelo corredor.

— Prefiro ir sozinha, posso muito bem tomar um táxi. Você pode voltar a cuidar dos seus negócios.

— Você está com medo de ficar sozinha comigo?

— Não seja ridículo. Eu não quero ter o desprazer da sua presença.

— Não seja tão rude. Você está sendo injusta — ele retrucou, procurando acompanhá-la, apressando o passo.

— Você merece.

— O que eu fiz de mal?

— Não seja cínico. Escute, Alexander, nós jamais gostamos um do outro, sempre evitamos situações que nos colocassem juntos, principalmente sozinhos. Por que não continuamos como éramos?

Ela alcançou a sala que ocupava e entrou precedida por Alexander que fechou a porta encostando-se nela.

— Você fica ainda mais atraente suja de poeira.

— Deixe-me em paz.

Ele caminhou devagar, aproximando-se.

— Alexander, vá embora. Já está ficando tarde e eu quero tomar meu banho, me trocar...

Eve não completou a frase, pois ele a puxou de encontro ao corpo, enlaçando-a. Tentou beijá-la, mas levou um empurrão que o deteve.

Ela se desvencilhou do abraço e correu para a porta.

Abriu-a e exclamou:

— Agora saia.

— Eve, muitas mulheres invejariam a sua posição. Eu desejo você.

— Pare com isso, Alexander. Acho que já é hora de você ouvir umas verdades — ela fechou a porta. — Escute aqui, você é um presunçoso arrogante. A sua posição social pouco me interessa. Eu nunca me envolveria com um homem como você.

Quando estou com um homem, gosto de ser respeitada, não sou mulher para passatempo, mesmo de um príncipe.

— Quem disse que eu a quero como um passatempo, como diz você?

Eve apoiou-se na escrivaninha e o encarou de frente.

— Responda-me apenas. Você acha que um relacionamento entre nós poderia dar certo? Somos diferentes demais. Você é um príncipe e eu uma plebéia de um outro país.

É essa a mulher que você vai escolher um dia?

— Tudo o que sei é que desejo você. O que importa o amanhã? Você não se preocupou com isso quando estive com Bennet.

Eve deu-lhe um tapa no rosto com força. Um barulho seco soou e ele levou a mão à face.

— Sei que posso ser deportada por isso, mas não me importo. Você precisa

aprender algo sobre respeito, *Alteza*.

Aliás, vou lhe dizer uma coisa a mais. Se eu tive ou não um caso com seu irmão é um problema exclusivo meu. Não preciso lhe dar satisfações da minha vida.

Ele virou-se para sair, mas ela segurou-o pelo braço.

— Agora você vai me ouvir. Se eu tivesse um caso com Bennet, coisa que seria impossível, eu não me arrependeria, pois seu irmão sabe como respeitar uma mulher. É uma pessoa encantadora. Talvez ele possa lhe dar algumas lições de como tratar uma mulher, *Alteza*.

— Você não está sendo a mesma mulher que me acompanhou à casa dos Seward, meiga, preocupada. Cheguei a pensar que você estivesse interessada em mim naquele dia.

— Só porque o apoiei num momento em que precisava?

Eu faria isso por qualquer ser humano que precisasse. Você também não está sendo o homem que estive comigo lá. Pela primeira vez havia se despojado da sua prepotência.

— Diga-me, Eve. Em nenhum momento você se sentiu atraída por mim?

— Mesmo que a resposta fosse sim, Alexander, não teria importância alguma. Não vou alimentar seu ego. Você perdeu a chance de me conquistar, começou pelo modo errado. Deixe-me sozinha, por favor.

Ele foi até a porta e sem se voltar disse:

— Eu a espero na porta do teatro.

— Não perca seu tempo. Eu não vou com você. Quando Alexander fechou a porta, Eve trancou-a e encostou-se nela, tremendo.

84

CAPÍTULO VI

O dia seguinte começou cedo para Eve. Logo de manhã foi para o teatro, pois

queria que tudo estivesse preparado no palco antes que os artistas chegassem, às dez.

Houve o início dos ensaios que duraram toda a parte da manhã. Eve sentia-se satisfeita por ver todo o movimento que animava o palco. O elenco ainda ensaiava sem as fantasias, mas já se podia ter uma idéia de como aproveitar o espaço de que dispunham.

À tarde, encontrou-se com Ethel, a costureira que trabalhava como figurinista de teatro há vinte e dois anos.

— Ethel, vamos precisar de uma camisola branca para a *Gata*.

— Tamanho pequeno — a senhora respondeu com a voz um pouco rouca.

— Não. O diretor quer algo discreto.

— Tudo bem. Vou dar um jeito.

— Mas temos o problema de sempre. Tome cuidado com o orçamento. A camisola pode ser de náilon mas tem de parecer seda.

— Você quer um milagre, minha filha!

— Por isso pedi a você. E as roupas de Jared precisam ser ajustadas o mais rápido possível.

Eve andava de um lado para outro com uma prancheta na mão, lembrando-se dos detalhes.

— Se o elenco continuar comendo do jeito que está fazendo, não vou precisar ajustar roupa nenhuma. Vou até precisar alargar — comentou Ethel, sorrindo.

— Não se preocupe. As atrizes em geral morrem de medo de engordar.

Ethel olhou para Eve por um momento, deixando de fazer o seu trabalho.

— Você precisa de alguém que cuide de você. Quantas horas tem dormido por noite?

— Para falar a verdade, não tenho dormido nada bem —

ela fez uma pausa e continuou a falar, como se não tivesse mudado de assunto.
— Ainda preciso encontrar duas crianças arteiras para figurantes.

— Aceita uma sugestão? Eu tenho quatro lá em casa. —

Gabriella disse ao entrar no camarim que se encontrava com a porta aberta.

— Gabi! Que bom ver você! Eu estava esperando sua visita. — Eve a abraçou.

— Eu teria vindo ontem, mas não consegui tirar um só minuto do meu dia. Além de tudo precisei levar as crianças ao posto de vacinação. Estamos fazendo uma campanha aqui e precisávamos ir para dar o exemplo. Produziram uma propaganda para a televisão, que começa a ser veiculada ainda hoje.

— Apenas um dia fantástico na vida de uma princesa —

Eve brincou e depois levou-a até Ethel. — Quero lhe apresentar a mulher que faz milagres com a linha e a agulha. Princesa Gabriella, sra. Ethel Cohen.

A mulher mais velha levantou-se e fez uma medida.

— Majestade!

— Costuma-se dizer *Alteza*. Mas não se preocupe com essas bobagens aqui, estamos entre amigos. — Gabriella procurou se expressar em inglês em respeito a Ethel que

possivelmente não entendia francês. Estendeu a mão, cumprimentou a mulher e se pôs a olhar a distância para as diversas caixas com os apetrechos de costura.

— Como você consegue encontrar o que quer no meio de tantas coisas miúdas?

— É uma questão de prática, Alteza. Mas sempre tem alguém que vem e põe tudo fora do lugar — Ethel comentou e olhou para Eve que logo se defendeu:

— Eu não pus a mão desta vez.

— Espero — Ethel respondeu sorrindo. — Alteza, por favor, eu lhe suplico que a tire daqui por um tempo. Ela não pára e me deixa nervosa.

— Você vê como uma produtora é respeitada por aqui, Gabi? — Eve indagou,

sorrindo.

— Não se preocupe, sra. Cohen. Tenho um tempinho livre. Eve, vamos tomar um café?

— Sinto muito, Gabi. Estou até o pescoço de trabalho.

— Uma pausa não vai lhe fazer mal.

— Tudo bem, mas não vamos demorar muito. — Eve pegou no braço da amiga e acenou para Ethel.

— Como você conseguiu um tempo livre em plena tarde?

— perguntou-lhe já no corredor.

— Tive sorte, um dos meus compromissos foi adiado.

— Chegamos. — Eve abriu a porta de sua sala. — Aqui é onde todos os problemas caem.

— É um lugar espaçoso. É a sala de que mais gosto aqui no teatro. Você precisa pôr umas flores, para ficar mais alegre

— Gabi observou, dando uma volta pelo lugar.

— Eu nem pensei em detalhes como esses. O mais importante eu me lembrei. Trouxe uma cafeteira elétrica. Vou pegar o café para nós.

Eve foi até a mesinha onde se encontrava a cafeteira e Gabi foi até a janela. Afastando as cortinas, deu uma espiada para fora.

— Poderia haver uma vista melhor daqui.

— Eu acho todas as vistas de Cordina maravilhosas.

A princesa tornou a fechar as cortinas e se voltou, pegando o café que lhe era oferecido. Depois de tomar um gole, colocou a xícara sobre a escrivaninha de Eve e sentou-se.

— Sabe, Eve, eu passei no palácio antes de vir para cá e deixei Reeve lá. Vi

Alexander e achei que não estava muito bem.

Nunca vi meu irmão tão rabugento.

— Quem sabe o trabalho em excesso e as preocupações do cargo que ele exerce não o estão deixando assim?

Eve sentara-se em sua cadeira rotativa e tomava o café.

— Claro que tudo isso influi. Mas não acredito que seja esse o motivo. Vocês brigaram?

— Por que você imagina que uma briga entre nós seja o motivo do mau humor do seu irmão?

— Simples. Sei que Alex veio buscar você ontem, ele chegou em casa sozinho e irritado, gritou com uma camareira que ficou inconsolável e... você chegou depois, de táxi.

— Não existe privacidade por aqui.

— Você sabe que não. Quer falar sobre o assunto?

— Não vejo por que não.

— Eve eu gosto muito de vocês dois. Você é minha amiga e vou ser direta e objetiva. Alexander tem sido difícil com você?

— Insuportável. Mas eu também não sou fácil.

— Eu reconheço que meu irmão é problemático em certos aspectos, mas não acredito que faça por mal. O que ele lhe fez para provocar a briga?

Eve terminou o café e colocou mais na própria xícara.

— Bem, acho que vou ter de lhe contar a história toda.

Mas não sei se devia falar sobre o assunto.

— Deixe de reservas. Sabe que sou sua amiga, pode confiar em mim. Ou você está querendo fazer suspense? — a amiga disse sorrindo.

— O caso é sério, Gabi. Estávamos em sua casa, na noite em que você deu o jantar e Alexander me beijou.

Gabriella arqueou as sobrancelhas, esperou por mais explicações e como não viessem, comentou:

— Não parece algo tão terrível para mim. Não me diga que você ficou chocada com isso.

— Claro que sim. Eu nunca pensei que Alex fosse me beijar.

— Você correspondeu ao beijo?

— Gabi, isso não vem ao caso.

— Como não? Mas se você não quiser responder, não é obrigada. Eu não tenho nada com isso.

— Não diga bobagens. Somos amigas e você tem o direito de perguntar.

— Então você pode me dizer o que aconteceu entre vocês dois? Por que brigaram?

Gabriella tomou o restante do café e colocou a xícara sobre a escrivaninha.

— Alexander deturpou minha amizade com Bennet, disse que havíamos tido um caso. Depois me tratou de um modo muito prepotente quando eu não quis corresponder a suas tentativas de me seduzir.

— Ele fez isso? — Gabriella perguntou espantada. —

Claro, você tem suas razões para estar magoada. Todos nós sabemos que entre você e Ben não existe nada mais que uma linda amizade. Mas Alex deve estar com ciúme.

— Com ciúme? — Eve indagou dando risada. — Você vai me desculpar, Gabi. Isso é ridículo. Alexander apenas decidiu que me queria e ao não corresponder eu o irritei. Ele não admite o fato de ser contrariado em nada. É apenas o seu orgulho infantil que está em jogo. Mas mesmo que eu aceite a hipótese de que está com ciúme, isso não é justificativa para agir da maneira que agiu.

— Você gosta do meu irmão?

— Gabi, foi um beijo, nada mais. Nós não estamos nos encontrando nem tendo algo mais sério. Alexander é uma pessoa muito estranha. Às vezes parece um garotinho infeliz e logo em seguida um monstro prepotente e orgulhoso. Se você está pensando que poderia haver algo entre nós dois, está muito enganada. Somos diferentes demais.

— Você não tem nem um mínimo interesse por ele?

— Na verdade não sei. Algo em Alexander mexe comigo, mas sou crescida o suficiente para entender que me interessar por um homem como seu irmão só me faria sofrer.

— Talvez eu entenda. Já passei por uma experiência semelhante. Reeve e eu parecíamos diferentes demais para dar certo juntos.

— E acabaram se casando.

— Lutamos muito para superar os obstáculos. Não foi fácil. Ele teve de largar as empresas do pai para se dedicar aos interesses da minha família.

Eve permaneceu calada enquanto pegava uma outra xícara de café.

— Bem, eu preciso ir embora. Estou atrapalhando o seu trabalho — disse Gabriella.

— Você não está atrapalhando nada.

— Estou sim. Além do mais, tenho bastante o que fazer ainda hoje.

Gabriella pensava em se despedir quando o telefone tocou. Fez sinal de que estava indo, mas Eve com um gesto de mão pediu que esperasse enquanto atendia o telefone.

— Eve Hamilton falando — anunciou.

— Você está bastante próxima da família real e quero que lhes dê um aviso.

— Quem está falando? — indagou preocupada. A voz do outro lado soava

distorcida e sinistra.

— Um vingador. Escute o meu aviso, pois só vou falar uma vez. François Deboque deve ser libertado dentro de quarenta e oito horas ou alguém vai morrer.

— Quem está falando? — Eve perguntou, angustiada. A ligação foi interrompida no mesmo instante. Com um gesto lento e a mão trêmula, colocou o fone no gancho devagar.

— O que foi? Você está pálida. Venha, sente-se aqui —

Gabriella ofereceu uma cadeira. — Vou buscar um copo d'água.

Eve respirou fundo e se levantou da cadeira onde acabara de sentar-se.

— Não precisa trazer nada, Gabi. Só me diga onde estão seus guarda-costas.

— Você vai me matar de tensão. O que houve?

— O seu carro está na frente do teatro?

— Está sim — Gabriella respondeu, olhando para a amiga que parecia ter saído do transe em que estivera desde que atendera o telefone e corria de um lado a outro pegando suas coisas.

— Vamos ao palácio e peça aos guarda-costas que nos acompanhem de perto. Eu explico no caminho.

A princesa não teve outra alternativa senão segui-la.

No instante em que Eve recebia o telefonema, Reeve e os príncipes Armand e Alexander se reuniam com os secretários da segurança no escritório principal do palácio. Reeve era o conselheiro do príncipe Armand. Desde o atentado em Paris, havia sido nomeado responsável pelo esquema de segurança da família real.

Em tantos anos de investigações, não haviam prendido nenhum dos líderes terroristas ligados ao narcotráfico. E não conseguiram obter muitas informações de Deboque. Acabaram concluindo que ele não sabia tanto quanto aparentava.

Os homens-chave nunca se mostravam a quem quer que fosse, num perigoso jogo de se esconder atrás de inúmeros testas-de-ferro. O único fato alentador naquela situação era a quase interrupção das operações de tráfico no país. Em contrapartida,

entretanto, instalou-se em Cordina uma situação de terror e medo.

Apesar de todas as precauções que tomavam e das medidas de segurança, quase haviam conseguido matar o príncipe Armand.

— Não há mais nada que possamos fazer sem chamar a atenção pública sobre o caso — Bennet expôs o seu ponto de vista.

— Concorde com você. A publicidade seria uma vitória dos terroristas. Claro que o mundo todo comentou sobre o último ato terrorista, mas não podemos dar ainda mais força ao caso

— Reeve argumentou.

— Reforçar a segurança também não seria uma boa idéia. Teríamos de colocar todo o exército para proteger o palácio. Os terroristas aproveitaram-se do fato de Vossa Alteza estar fora do país.

— Medidas de segurança são apenas paliativos.

Precisamos dar um golpe final nessa organização que está por trás dos grupos terroristas — Armand expôs.

Por um instante, todos ficaram em silêncio, pensativos.

— Eu sustento a idéia de que devemos infiltrar um dos nossos agentes nessa organização de qualquer maneira.

— É bastante arriscado e além do mais não sabemos quase nada sobre a organização — Armand respondeu à proposição de Jermaine, um dos homens que trabalhavam com Reeve.

— Mas, Alteza, conseguimos interceptar e acabar com várias operações de contrabandistas dessa maneira. Assim, seria apenas necessário aguardar até que nossas investigações nos levassem aos líderes. Se infiltrássemos alguém no meio

desses traficantes, tenho certeza de que conseguiríamos descobrir quem está comandando os terroristas.

— A idéia não me parece má, embora seja muito arriscada. Teríamos de dispor de um dos nossos melhores homens. Se o agente fosse descoberto nós o perderíamos.

Temos de ter muita cautela. — Armand parecia cansado; fez uma pausa, o olhar perdido em divagações. Depois de alguns instantes, prosseguiu: — Não conseguiremos ir muito adiante sozinhos. Se descobrimos algo de substancial sobre o caso, foi porque tivemos a cooperação da Interpol. Devemos solicitar uma ajuda mais efetiva.

— Eu não acredito que temos um dos fascínoras preso e não conseguimos obter dele uma informação sequer —

Alexander observou. Mostrava-se visivelmente irritado.

— Não estamos parados. Deboque continua tendo direito de se corresponder com pessoas de fora da penitenciária e tem direito a visitas. Esperamos conseguir chegar a algum lugar censurando suas cartas e investigando seus visitantes — Reeve argumentou.

— Eu sei que esse terrorista tem bons advogados. Não temos acusações relevantes contra ele, apenas sabemos que está ligado ao terrorismo, mas nós o prendemos por outros crimes. Se não agirmos rápido, os advogados tiram-no da prisão e não conseguiremos mais nada.

— O que você propõe que façamos? — Reeve indagou.

— Concordo com papai. Temos de desfechar uma ofensiva. Deboque é um caminho tortuoso demais para chegar aos homens-chave. Com a ajuda da Interpol estaremos beminformados e poderemos infiltrar um agente em um dos ramos dessa organização. Mas temos de conseguir apoio do país que está recebendo toda a mercadoria — Alexander

explanou acendendo mais um cigarro, apesar de ter acabado de apagar outro.

Enquanto a reunião prosseguia, Gabriella e Eve dirigiam-se para o palácio a toda pressa. A princesa sabia que a reunião estava acontecendo e seria importante

comunicar a todos o mais rapidamente possível o que acabara de acontecer. Os guarda-costas se esforçavam para não perdê-las de vista, num outro carro.

Ao chegarem ao palácio, informaram-se com os empregados e correram ao escritório principal. No instante em que bateram à porta, a reunião acabava de terminar.

Alexander abriu e ficou espantado por ver Eve ali naquele horário. No entanto nem teve tempo de perguntar nada, Gabriella pediu passagem e entrou no escritório, impedindo que os demais saíssem.

— Senhores, por favor, antes de saírem ouçam-me — ela falou rápido e logo se fez o mais absoluto silêncio no recinto.

Armand olhou-a perplexo ante a falta de cerimônia da filha.

— O que aconteceu? — Bennet indagou, puxando duas cadeiras, para a irmã e para Eve.

— Alteza — Eve começou se dirigindo ao príncipe Armand que sentara de novo à cabeceira da mesa. — Recebi um telefonema agora há pouco. Vocês têm de soltar Deboque em quarenta e oito horas. Eles...

A princesa reconheceu na voz da amiga o nervosismo que há pouco a acometera e procurou ajudá-la.

— Se não se importar, Eve, eu explico. Por favor, alguém peça um calmante para Eve. — Gabriella fez uma pausa e começou a narrativa.

— Eve recebeu um telefonema anônimo às dezesseis horas e trinta minutos. Tratava-se de uma ameaça à família real, dizendo que se Deboque não fosse libertado em quarenta e oito horas, alguém sofreria as consequências.

Com um certo constrangimento, Eve percebeu que ninguém pareceu particularmente alarmado com a notícia.

Todos continuavam em silêncio.

— Acho que vão tentar matar alguém da família real —

tentou fazê-los entender a gravidade da situação.

O calmante havia sido trazido e Gabriella a fez tomá-lo com um copo d'água.

— Não precisam se preocupar comigo. Vocês receberam uma ameaça. Alguma providência tem de ser tomada...

Alexander tentou tranquilizá-la.

— Tenha calma, Eve. Você está muito abalada e pouco poderá nos ajudar dessa maneira.

— Mas eu não acredito que a pessoa que me telefonou estivesse blefando.

— Não esteja tão certa disso. Você precisa tentar se acalmar para responder algumas perguntas que precisamos lhe fazer. Escute, você teve um contato que podemos julgar importante e precisamos do seu depoimento.

Eve ouviu-o, analisando que sofreria muito se algo lhe acontecesse. Aos poucos a voz grave lhe infundiu confiança e a fez tranquilizar-se.

Reeve tomou a palavra. Também parecia não ter se preocupado muito com o que ela dissera.

— Nos ajudaria muito se você repetisse cada palavra que ouviu, com o máximo de fidelidade possível. Se não conseguir,

conte da maneira como lhe vier à mente. Acha que poderia fazer isso ou gostaria de descansar?

— Eu vou tentar, Reeve — respondeu e ficou concentrada por um instante e então começou a falar, tentando reconstituir a cena em sua mente. — Primeiro eu anunciei meu nome inteiro.

— Era um homem ou uma mulher?

— Não estou bem certa. Parecia uma voz metálica, não sei lhe explicar, não dava a impressão de ser humana. Tinha um som horrível.

— Devem ter usado algum artifício eletrônico para disfarçar a voz — Reeve

explicou. — Continue. Você está indo bem.

— Essa pessoa me disse que por eu ser amiga da família real, deveria lhes dar um aviso. Perguntei quem estava falando e me responderam *um vingador*, disso me lembro bem.

— Ótimo! — Reeve comentou, anotando.

Eve baixou a cabeça, cheia de nervosismo e Alexander se levantou, para sua surpresa, e aproximou-se.

— Você deve estar muito abalada. Não prefere descansar primeiro? — indagou baixinho.

— Não, Alexander. Isso é importante. Prefiro passar por tudo isso uma única vez.

Ele fez um gesto com a cabeça e permaneceu ao lado dela de pé, mantendo a mão sobre o ombro delicado, para assegurar-lhe que tudo estava bem.

Eve sentiu-se melhor para continuar e indagou:

— Posso continuar?

— Você havia dito que lhe disseram tratar-se de um vingador. Não mencionaram vingador de quê?

— Não. Disseram apenas isso e que eu devia prestar atenção, pois só dariam o aviso uma vez. Depois fizeram a ameaça de que alguém iria pagar com a vida se Deboque não fosse libertado em quarenta e oito horas.

Um burburinho se instalou no ambiente. Reeve pediu silêncio e ficou pensativo por um instante.

— Isso foi tudo?

— Eu perguntei de novo quem falava e a pessoa desligou.

— Falava em inglês ou francês?

— Inglês... Estou confusa, mas acho que foi isso. Aqui estou falando num

idioma e no outro a todo momento. Mas me lembro bem por causa da palavra *vingador* em inglês.

— Você notou algum sotaque ou um acento? Era americano ou inglês?

— Usaram um inglês fluente, mas não deu para reparar em sotaques. Como eu disse, a voz não parecia humana. Estava distorcida.

— Havia uma telefonista no teatro para receber as ligações de fora ou a ligação veio direta para você?

— O telefone apenas tocou e eu atendi. No momento seguinte essa voz estranha começou a falar.

— Nós vamos conferir isso. Seria melhor vigiar essa linha, se usaram Eve uma vez para nos mandar recados, podem fazê-

lo de novo ou ameaçá-la — Reeve argumentou com os demais.

— Eu não preciso de vigilância. Não acredito que alguém vá tentar algo contra mim. Estou preocupada com vocês, com a família real e quero ajudar no que for possível.

Armand, que estivera calado até então, tomou a palavra e se dirigiu a Eve.

— Eu sei que você está mesmo preocupada, minha querida. Agradeço por isso, pois demonstra o carinho que tem por nós. Mas deve nos deixar fazer o mesmo por você, não temos como não pensar em sua proteção. Você terá guarda-costas a partir de hoje.

— Se for para tranquilizá-los, Alteza, não vou me opor.

— Obrigado, minha querida — Armand lhe deu um sorriso onde deixou transparecer seu cansaço.

— Eu preciso sair agora. Já estou atrasada para uma reunião para decidir os planos das creches — Gabriella levantou-se e todos os homens presentes a imitaram apressadamente, em respeito. — Mas antes vou levar Eve até seu quarto, se puderem dispensá-la.

— Acredito que já tenhamos ouvido o necessário. Mas não se preocupe, Gabi, vou levá-la para dar uma volta pelo jardim, se meu pai puder me dispensar — Alexander replicou à irmã.

Eve quis protestar, mas achou que uma recusa veemente à companhia de Alexander, na frente de todos, seria uma gafe imperdoável. Só que a última coisa que queria naquele momento era tê-lo a seu lado.

— Não é necessário, Alteza. Eu mesma vou para o meu quarto — disse, evitando esclarecer a qual dos irmãos se referia.

— Eu a acompanho até o corredor. Vou encontrar alguém que possa levá-la ao quarto se preferir. Você tem uma camareira

— Alexander replicou polido.

Não tendo outra opção, Eve se levantou. Gabriella acenou-lhe e saiu. Ela teve de ir até a porta ao lado de Alexander. Ambos atravessaram-na e ele a fechou.

— Você está bem? — Alexander indagou, estendendo a mão para tocá-la.

Ela esquivou-se e cruzou os braços.

— Eu não quero ser grosseira, mas deixe-me sozinha, por favor.

— Eu não posso me preocupar com você?

— Você sabe muito bem que não quero conversar com você. Acho que fui muito clara sobre isso em nossa última discussão.

— Eu não me esqueci e pensei muito no que você me falou. Não foi fácil para mim e confesso que me perturbou muito.

Alexander olhou para a porta, fazendo-a entender que conversavam em frente ao escritório onde a reunião recomeçara.

— Acho que aqui não é o melhor lugar para iniciarmos uma nova discussão. Eve, eu não pretendo brigar com você. Vou chamar a sua camareira. Você deve estar cansada.

— Eu agradeceria. Estou sonolenta.

— Deve ser o efeito do calmante. Apóie-se em mim. Ele levou-a até o final do corredor e tocou a sineta chamando uma camareira que o ajudou a levar Eve para o quarto.

Eve passou o resto do dia deitada, pois o calmante a deixou sonolenta demais para qualquer atividade.

No início da noite, a princesa foi ao quarto de Eve para certificar-se de que se encontrava bem. Entrou e, ao olhá-la, imaginou que estivesse dormindo. Ficou em silêncio e se aproximou, sentando-se a seu lado na cama.

— Alexander? — Eve indagou, abrindo os olhos.

— Não. Sou eu, Gabi. Vim ver como você está.

— Está tudo em ordem. Minha cabeça está um pouco zozna, mas é só — Eve respondeu, procurando sentar-se. Com esforço, encostou-se na cabeceira.

Gabriella ajudou-a a arrumar os travesseiros e observou:

— Você estava muito nervosa, ficamos preocupados.

Alexander principalmente.

— Ele estava preocupado? É difícil de acreditar. — Após um curto silêncio, Eve mudou cautelosamente de assunto: —

Estou com fome. A que horas devo descer para o jantar?

— Daqui a pouco. Se quiser, mandaremos trazer o jantar no seu quarto.

— Não é preciso. Não estou doente, Gabi. Você está me paparicando demais — Eve comentou sorrindo.

— Tudo bem. Eu vou acender as luzes e abrir as janelas.

— Ótimo! Isto aqui está ficando sufocante — retrucou, esperando que a amiga voltasse. Depois levantou-se devagar e foi até a penteadeira, apanhou uma escova e começou a se pentear. — Vocês vão tomar algumas precauções, não é?

— Escute, Eve. Sei que para você pareceu algo terrível, mas não é a primeira vez nem a última que a família Bisset recebe uma ameaça.

— Mas bem que você fez todos os participantes da reunião ficarem para ouvir o meu relato. Não deve ser algo tão sem importância assim.

— Sem importância não é. Esse telefonema apenas pode nos dar uma luz sobre um caso que Reeve está investigando.

Mas isso não significa que seja algo para nos desesperarmos.

— Gabriella, por favor, prometa-me que vão se precaver

— Eve pediu.

— Já temos um esquema de segurança permanente.

Seria muito difícil sermos atingidos na nossa vida normal. Você não precisa se alarmar, nem todas as ameaças são cumpridas.

Querem apenas nos assustar na maior parte das vezes.

— Vocês sabem o que estão fazendo. Mas o aviso foi dado através de mim e estou preocupada. Não gostaria que, simplesmente, ignorassem o que houve.

— Eu garanto que está tudo sob controle — a amiga se aproximou, mudando de assunto. — Posso lhe perguntar por que pensou que fosse Alexander que havia entrado quando cheguei?

— Nada de especial. Por favor, não pense bobagens.

Isso não é um sinal, como você está pensando, de que algo esteja acontecendo entre nós.

— Ele pareceu bastante preocupado com você hoje.

— Talvez, entenda que mesmo que Alexander fosse o último homem da terra, eu não me envolveria com ele. Eu não quero ofendê-la, sei que é seu irmão, pode ser uma ótima pessoa, mas comigo é um bruto. Eu não preciso nem quero

qualquer envolvimento desse tipo. Estou muito bem sozinha e só vou me

interessar quando aparecer a pessoa certa.

— Não estou ofendida, Eve. Sei que tanto você quando ele estão se atacando tanto ultimamente por sentirem uma atração muito forte um pelo outro.

— De onde você tirou essa idéia maluca, Gabi?

— Pode dizer que sou bastante sensível e farejo um romance a quilômetros de distância.

— Sinto muito decepcioná-la.

Gabriella sorriu ao vê-la jogar os cabelos para trás num gesto de rebeldia e logo em seguida sentar-se, impaciente.

— Não estou pedindo para que seja paciente com meu irmão ou coisa parecida. Sei que ele tem um gênio difícil e pouca experiência com mulheres como você. Mas sei que, se você quiser, vai conseguir dobrá-lo.

— O que quer dizer *mulheres como eu!* — ela protestou.

— Independentes, determinadas, com um objetivo na vida e um orgulho de aço.

— Você parece estar descrevendo um oficial nazista.

— Muito pelo contrário, estou descrevendo uma mulher muito bonita, charmosa e inteligente que sabe o que quer, mas morre de medo do amor.

Eve pensou em retrucar, mas a amiga já se dirigia para a porta.

CAPÍTULO VII

No dia seguinte, à tarde, Alexander se encontrava em seu quarto se vestindo com a ajuda do camareiro e a última discussão com Eve não lhe saía da cabeça.

Repassava mentalmente seus atos, na tentativa de julgá-

los e chegar a uma conclusão. Ela tinha ou não razão. Chamara-o de prepotente e tantas outras coisas que não suportava nas pessoas que o circundavam. No entanto, sempre se julgara acima de qualquer crítica.

Não gostava de se expor diante dos outros, mas isso lhe dava uma imensa sensação de isolamento e solidão. Lembrou-se do dia em que Eve o ajudara a resolver um problema indo com ele à casa dos Seward. E como fora tolo imaginando que ela só fizera aquilo por estar interessada nele como homem.

Pela primeira vez em sua vida encontrara uma mulher que o rejeitara e ferira seu orgulho. Talvez Eve gostasse mesmo de Bennet e por isso não lhe correspondesse. Precisava entretanto reconhecer que fora grosseiro, não apenas com ela, e sim com diversas pessoas que faziam parte de seu cotidiano.

Essa relação fria com as pessoas não o estava fazendo feliz, mas esse era seu jeito, não havia muito o que fazer, pensou.

Resolveu que deixaria Eve em paz, apesar de que essa idéia o desgostava. Lembrava-se dos cabelos longos e macios, da boca sensual, do modo simpático e cheio de alegria com que tratava as outras pessoas. Mas se preferira Bennet, não iria atrapalhá-la, e na verdade tinha razão, seu irmão era um homem mais alegre, gentil. Não podia culpá-la por gostar dele.

Porém, como desejaria ter mais uma chance para conquistá-la!

Na verdade, fora prepotente. Sempre se julgara diferente demais de todos e pensara que sua condição de príncipe herdeiro o faria feliz e lhe traria tudo o que precisasse. E tudo o que conseguira fora se isolar de todas as pessoas que não faziam parte de sua família, e mesmo com seus irmãos e seu pai mantinha um relacionamento frio.

Enganara-se e entendia que agora tinha apenas o seu orgulho solitário e o desprezo da mulher que desejava.

O camareiro, Gilchrist, observava-o atento, perguntando-se o motivo pelo qual o príncipe estava tão calado. Nunca sabia se ele estava de bom humor ou não e sempre esperava-o dirigir-lhe a palavra, caso contrário, permanecia quieto e fazia o seu trabalho.

Alexander tentava vestir uma camisa branca e quando se apercebeu, colocara-a do lado contrário. Tirou-a e olhou para o camareiro.

— Hoje não estou nos meus melhores dias. Gilchrist ajudou-o a se vestir em silêncio.

— Esta camisa está um pouco larga. O que você acha?

O camareiro relaxou os músculos tensos e percebeu que pelo menos conversariam.

— Se me permite dizer, Vossa Alteza emagreceu nestes últimos tempos. Se não cuidar melhor da sua alimentação, vamos ter de encomendar roupas novas.

Alex deu uma olhada no espelho, notando que o homem tinha razão. Havia tantos problemas a serem resolvidos e tantas preocupações, que acabara se descuidando de si mesmo.

— Eu vou tentar me alimentar melhor. Conserve essas roupas, Gilchrist.

— Não estou apenas preocupado com as roupas, senhor, mas também com a saúde e o bem-estar de Vossa Alteza.

— Não se preocupe mais. Estou muito bem de saúde e prometo engordar.

Ouvindo uma batida na porta, Alexander aguardou que o camareiro atendesse.

— Alteza! — saudou o secretário pessoal de Alexander, Henri Blachant.

Henri era um homem que vinha servindo a família real fazia vinte anos e sempre mantinha as maneiras formais e respeitosas. Trazia consigo um livro enorme com capa dourada.

— Bem, meu caro Henri. Quais são os "terríveis compromissos que terei de cumprir amanhã? — Alexander procurou fazer pilhéria.

— Sinto muito, Alteza, mas seu dia amanhã estará todo tomado.

Sabendo que o secretário o esperaria para sentar-se, Alex se acomodou numa poltrona e lhe ordenou:

— Sente-se, por favor, Henri. Esse livro deve ser bem pesado.

— Obrigado, senhor — Henri disse, sentando-se. Como se cumprisse um ritual, ele abriu o livro, apanhando os óculos para leitura, ajeitou-os sobre a ponta do nariz com gestos cerimoniais e lentos que seriam insuportáveis para Alexander

se não fosse a consideração que tinha pelo secretário, depois retrocedeu algumas páginas, dizendo por fim:

— Bem, vamos começar pelos compromissos de hoje à noite ainda. Obviamente o senhor se lembra de que terá um jantar em sua homenagem na residência de *monsieur* e *madame* Cabot às vinte horas e trinta minutos. Haverá um

entretenimento proporcionado por *mademoiselle* Cabot, a filha dos anfitriões, ao piano.

— Eu discordo quanto a chamar isso de entretenimento, Henri, mas prossiga, por favor.

O secretário surpreendeu-se por ouvi-lo fazer um comentário espirituoso e se permitiu dar um sorriso de cumplicidade.

— Como queira, Alteza — limitou-se a observar. — O

Conselho da Coroa se reunirá ainda esta noite, às vinte e três horas e trinta minutos, convocado por *monsieur* Trouchet. Se me permite um comentário, presumo que será de extrema urgência o assunto a ser tratado, pois a reunião não pôde ser adiada.

Como Vossa Alteza tinha um compromisso para as vinte e trinta, não houve como evitar esse horário.

— Obrigado pelo comentário, Henri — Alexander murmurou, pensando que estaria feliz se sobrevivesse à maçante companhia dos Cabot no jantar daquela noite. A não ser que estivesse enganado, a terrível *madame* Cabot o faria sentar-se ao lado da filha solteira e desinteressante.

Desejava ficar no palácio e poder compartilhar a noite com Eve. Se ao menos pudesse novamente sentir-lhe os lábios macios, tocar o corpo suave, aspirar o perfume excitante que dele emanava...

Ansiava por vê-la sorrir para ele, apenas para ele... Um sorriso cheio de promessas. Talvez, nesse momento, pudesse sentir-se feliz.

Constrangido, percebeu que Henri o fitava curioso, desejoso de adivinhar-lhe os pensamentos. O secretário lançou-lhe um olhar interrogativo, como se

perguntasse o que fazer a seguir.

— O que há para amanhã? — Alex indagou. Em seguida levantou-se e foi até a janela, abrindo-a para respirar um pouco de ar puro. Ao longe podia ver o azul do mar que a distância dava uma sensação de tranqüilidade.

Vendo-o levantar-se, Henri também se pôs de pé quase no mesmo instante e o camareiro o imitou, permanecendo calado.

— Às oito horas, café da manhã com o presidente da Companhia de Navegação Dynab. Às dez horas e cinquenta minutos o senhor deverá comparecer à reabertura do museu marítimo de Le Havre. Às treze horas e trinta minutos, discurso em prol do Hospital Santo Albano.

O homem mais velho continuou a lista de compromissos mas Alexander ouvia com a atenção dividida com os próprios pensamentos.

Precisava fazer algo para se retratar com Eve, pensou.

Tentaria imaginar alguma saída. Não poderia contar com ninguém para ajudá-lo, pois não dispunha de um confidente para qualquer assunto que fosse.

— Obrigado, Henri. Por hoje é só. Tenha um bom descanso — disse automaticamente quando a lista que o secretário recitava chegou ao fim. De súbito, percebeu que tratara Henri de um modo pouco humano. Virou-se, encarou o homem mais velho que desfazia seu ritual, tirando os óculos com cerimônia e guardando-os numa caixinha.

— Como vai sua neta mais nova, Henri? — indagou.

Henri olhou-o com espanto num primeiro momento, depois sorriu.

— Está uma graça, Alteza, e com muita saúde. Obrigado por ter perguntado — respondeu, manifestando a mais sincera alegria.

— Se bem me lembro, ela deve estar com três meses, ou um pouco menos.

— A sua memória está ótima, como sempre, Alteza.

Minha neta faz três meses amanhã.

Percebendo como Henri ficara reconhecido por lhe ter falado da neta, Alexander concluiu que detalhes muito pequenos muitas vezes significavam bastante para algumas pessoas. Nas últimas semanas em especial estivera muito mal-humorado e destragara algumas pessoas que nada tinham que ver com seus problemas.

— Você deve ter uma fotografia da menina, não? Qual o nome dela?

— Anabella, Alteza. E... eu tenho uma foto aqui — Henri abriu a carteira e apanhou a fotografia, entregando-a.

Alexander pegou-a e depois de olhar com atenção, a devolveu com um sorriso.

— Você é um homem de sorte por ter uma netinha tão sadia — observou.

— Obrigado. Ela é o mimo da casa, Alteza. A princesa Gabriella deu de presente o vestidinho de rendas da fotografia.

Foi da princesinha Camila.

Olhando para o rosto satisfeito do secretário, também sentiu um certo contentamento.

— Dê lembranças à sua família, Henri.

— Darei, Alteza. Obrigado. Todos nós ficaremos muito felizes quando o senhor der um filho ou uma filha ao nosso país, será um dia de festa para o nosso povo.

— Tenho certeza de que sim.

Alex se pôs a pensar que um dia teria o seu primogênito, um futuro herdeiro. Mas antes teria de encontrar uma mulher que estivesse disposta e à altura de dividir com ele todas as responsabilidades de estar à frente de seu povo. A escolha deveria ser minuciosa em todos os aspectos. Não havia possibilidade de divórcio para o governante de Cordina. Seria difícil encontrar uma mulher de quem gostasse e que preenchesse todos esses requisitos.

Aos trinta anos ainda não conseguira encontrá-la, e a imprensa comentava sem trégua o fato de o príncipe ainda permanecer solteiro. No entanto, considerava-se novo demais para se preocupar seriamente com casamento.

Henri chamou-lhe a atenção antes de anunciar mais uma vez:

— O seu parceiro de esgrima está à sua espera, Alteza.

— Após uma breve pausa, acrescentou: — O senhor deverá estar na residência dos Cabot às vinte e trinta.

— Não me esqueci, Henri. Obrigado.

Dez minutos depois, com a roupa branca para praticar esgrima, Alexander descia a escadaria. Sentia-se tenso e seus passos ecoavam pelo ambiente. Encontrava-se nos últimos degraus quando a porta da frente foi aberta. Contraiu os músculos do corpo. Podia ser Eve.

No entanto, em poucos segundos constatou se tratar de Bennet, que entrava com uma moça de cabelos compridos ruivos, muito bonita. Por um minuto, pareceu-lhe que a conhecia.

— Como é lindo aqui! Deve ser divino morar num palácio!

— a voz aguda soou cheia de vivacidade num inglês bem pronunciado. Não teve dificuldade para entender que se tratava

de uma das artistas do grupo de Eve. Logo se lembrou de que a vira no jantar.

— Você tem certeza de que não há problema de eu vir aqui? — a garota dizia.

— Minha querida, esta é minha casa! — Alexander ouviu a risada de seu irmão que entrava em outra sala, tendo-a pelo braço.

— Eu sei disso, mas poderia haver algum empecilho —

ela riu com uma certa excitação, olhando para os lados. — Isto se parece mais com uma igreja.

— Você tem razão.

Alex chamou-o pelo nome e ele virou-se.

— Oi, Alex. Você já conhece Doreen? É a mais nova atriz de Eve, juntou-se ao grupo um pouco antes de saírem dos Estados Unidos.

— Acredito que tenhamos conversado no jantar em homenagem aos artistas da companhia de teatro. É um prazer revê-la.

— O prazer é meu, Alteza. — Doreen se inclinou em sinal de respeito. — Seu irmão me convidou para conhecer o palácio.

— Talvez você queira conhecer a nossa sala de visitas antes de mais nada. É um lugar confortável e alguns móveis são do século dezessete. Pode olhar à vontade, enquanto eu tenho uma breve conversa com meu irmão. — Alexander levou-a até a sala logo à frente.

— Claro, Alteza. Obrigada.

Alexander esperou-a caminhar para dentro da sala antes de se voltar para Bennet.

— Muito bem, agora você pode me fazer o favor de explicar o que há de tão urgente para querer falar comigo a sós?

— Ben indagou, mas vendo a expressão dura no rosto do irmão, ele se assustou. — Há algo de errado? Papai está bem?

— Não há nada de errado, com papai, pelo menos. Você tinha de trazer essa moça para o palácio?

— Qual o problema? Ela não está armada e passou pelos seguranças. Além do mais meus guarda-costas estão sempre de olho. Doreen é uma boa moça e não estamos fazendo nada de mais.

— Não estão fazendo nada de mais? Você não tem nenhuma consideração, não é? Não perde uma oportunidade quando ela surge.

Bennet irritou-se. Até tolerava a insistência da imprensa em nomeá-lo como o *Príncipe playboy*, mas não iria aceitar a reprovação de Alexander, mesmo sendo seu irmão mais velho.

— Não lhe devo satisfações sobre as companhias que escolho. Vou ter quantas aventuras amorosas quiser, você é o futuro governante de Cordina. Não eu, meu caro.

— Você poderia ter um pouco mais de discrição, para não magoar outras pessoas.

— Espere um pouco. Agora não estou entendendo nada.

você está falando sobre Eve? Você pensa que ela vai se zangar por eu sair com uma das suas atrizes, é isso?

— Você não respeita o sentimento que Eve tem por você?

— Eu não acredito! — Ben deu uma gargalhada e começou a entender a que o irmão se referia. — Você por acaso não está pensando que eu e Eve?... — as gargalhadas não o deixavam completar a frase.

Alexander apenas olhava-o, confuso.

— Eu não posso acreditar que você tenha acreditado nessa bobagem. Você acha que Eve está apaixonada por mim por causa do que saiu nos jornais. Alexander, eu julguei que você fosse inteligente o bastante para entender quando a imprensa está fazendo sensacionalismo barato.

— Eu não precisei ler os jornais para entender as cenas íntimas que presenciei entre vocês dois.

— Você não entendeu coisa alguma. Não acredito que você tenha pensado que havia algo mais que amizade entre eu e Eve.

— Você nega que tenham tido um caso ou qualquer coisa semelhante, olhando em meus olhos? — Alexander indagou, um tanto irritado.

— Claro que nego. Eve é apenas a minha melhor amiga, Alex, é como uma irmã para mim. Como eu poderia pensar em ter algo com Eve? — Bennet respondeu, achando engraçada a expressão no rosto do irmão.

— Mas eu me cansei de ver vocês rindo juntos pelos corredores, caminhando pelos jardins, pelo terraço, sozinhos.

O irmão mais novo começou a compreender o que se passava e olhou-o com um certo ar de cumplicidade.

— Caro *mano*, por acaso você estaria apaixonado por uma amiga nossa, muito próxima da família e muito charmosa?

— indagou ponto o braço em seu ombro.

— Não seja tolo. Eu não sei de onde você tira essas idéias, Bennet.

— Tiro do que vejo e ouço, mas caso você queira se certificar do que acabou de ouvir da minha boca, por que não pergunta à própria Eve?

— Eu já perguntei e ela me disse que vocês nunca haviam tido qualquer envolvimento, mas acrescentou que você era a pessoa mais encantadora que conheceu ou algo parecido.

Também me recomendou que tivesse umas lições de gentileza com você. Foi muito grosseira. Encheu minha cabeça com uma porção de bobagens.

— Pelo que conheço de vocês dois, você deve ter-lhe perguntado da maneira menos gentil possível e Eve deve ter se irritado e não quis sequer conversar sobre o assunto. Em uma coisa pelo menos ela tem razão, você deveria ser mais gentil com as mulheres.

Alexander se impressionou com a perspicácia do irmão.

— Não entendo como você nunca tenha se interessado por Eve — murmurou.

— Para ser franco, não foi bem assim. Eu a achava uma garota muito atraente, mas ela jamais correspondeu às minhas tentativas. No final, acabamos ficando tão amigos que, se o nosso relacionamento passasse da amizade, estragaria tudo —

Bennet explicou e, depois, gracejando, se colocou em posição de guarda. — Não precisa me desafiar para um duelo, mas se o fizer vou escolher as armas.

— Como você pode achar essa situação tão engraçada?

— Alexander indagou.

— Alex, a nossa vida já é bastante pesada por si só, por que torná-la ainda mais grave? Não quero passar toda a minha vida mergulhado em problemas sérios,

por isso procuro um pouco de alegria em todas as situações. Há um tempo para sermos sérios e outro para descontraírmolos. Mesmo os príncipes são seres humanos. Agora, mudando de assunto, que você fica engraçado com ciúme, fica mesmo.

— Ora, Ben. Eu não estava com ciúme. Pare de dizer tolices.

Bennet tirou uma flor do vaso que estava pouco à frente, numa mesinha, e se voltou para o irmão, tomando coragem para falar o que queria. Pensou que Doreen adoraria a flor que pegara.

— Bem, Alex. Talvez você não seja do tipo que ouve conselhos, mas eu digo que se quiser conquistar Eve, não fique dando uma de durão insensível. A maioria das mulheres hoje em dia quer um homem com sensibilidade a seu lado. Tente agradá-

la, ela realmente é uma mulher fascinante.

Alexander sorriu, sentindo-se aliviado.

— Obrigado pelo conselho, Ben. Mas não vou precisar dele.

— Esta flor é para Doreen — o irmão explicou e saiu do recinto.

Alex ouviu uma risada feminina logo depois. Ficou pensativo por uns instantes e, saindo dali, se dirigiu à quadra onde parceiro de esgrima o esperava.

Já havia se passado vinte e quatro horas desde que a ameaça dos terroristas fora feita e aparentemente nada mudara na atitude da família real. Pareciam não se preocupar.

Com esses pensamentos, Eve voltava do trabalho irritada e cansada. Tivera um dia duro, resolvera problemas o tempo todo, apesar de ter delegado responsabilidades aos diretores e ao assistente. Por mais que evitasse complicações, sempre havia imprevistos. Como assumira o compromisso de fazer com que as peças fossem apresentadas num prazo preestabelecido, não mediria esforços para que tudo saísse como planejado.

Para terminar, acabara passando as últimas horas do dia numa reunião maçante, até que todos os detalhes estivessem em ordem.

Eve passeava pelo jardim do palácio. Decidiu que entraria por uma porta secundária, pois não queria encontrar ninguém com o mau humor que estava. O caminho era um pouco mais longo, mas pelo menos andaria entre os canteiros floridos. O sol já se punha quando abriu o portãozinho que dava acesso à porta lateral do castelo.

Ao chegar à porta, teve a sensação de que estava sendo seguida. Parou por uns instantes e olhou para trás cuidadosamente. Havia ainda um pouco de claridade e não conseguiu enxergar ninguém.

"Devem ser meus nervos", pensou.

Quando abriu a porta, soltou um grito de susto, pois se deparou com dois vultos que saíam do corredor escuro.

Bennet olhou-a espantado.

— Eve! Sou eu. O que aconteceu? — exclamou, ainda abraçado a Doreen.

— Vocês quase me mataram de susto, aparecendo assim de repente. — Só então, Eve percebeu quem estava com Bennet. — Olá, Doreen. Pensei que estivesse no teatro ensaiando.

— Olá, srta. Hamilton. Não estão passando minha parte hoje nos ensaios. Pedi dispensa ao diretor e ele concordou.

— Está bem. Quanto a você, Bennet, me desculpe. Foi tudo culpa dos meus nervos, estão à flor da pele. Há mais alguém em casa?

— Todos nós. Papai está trabalhando e Alex conversou comigo agora há pouco.

— Ainda bem. Estou realmente preocupada com o assunto dD telefonema.

— Eu sei. Alexander também está meio estranho. Veio me dar um sermão por estar com Doreen e não respeitar os seus sentimentos. Ele pensava que nós tivéssemos um caso.

— Não acredito.

— Pode acreditar — Bennet retrucou.

— Não é disso que estou falando. Não posso acreditar que Alexander tenha dito isso *a você*. Essa história está indo longe demais. Eu mesma vou conversar com Alexander. Onde ele *está*?

— Eu o vi vestido com roupas de esgrima, deve estar nas quadras cobertas. Mas não vá brigar com ele.

— Obrigada, Ben — Eve disse e olhou para Doreen. — O

ensaio é às nove amanhã. Quero ver você descansada, por favor.

Despedindo-se, deixou os dois, seguindo pelo corredor com passos apressados.

Num instante Eve alcançou os salões que os Bisset haviam transformado em áreas de lazer e esporte. Abrindo a primeira porta, encontrou as quadras para esportes de salão.

Verificando que Alexander não se encontrava ali, passou adiante e tentou a outra porta, onde ficava a piscina térmica.

Analisou que talvez viesse tomar um banho de piscina mais tarde, para relaxar.

Voltou todo o caminho percorrido e entrou em outro salão e o som de metal se chocando ecoava. Avistou dois homens em roupa branca numa luta de espadas repleta de movimentos rápidos e ágeis. Não teve nenhuma dificuldade em reconhecer

Alexander em um dos dois esportistas que vestiam uma espécie de máscara trançada no rosto, que lhes ocultava as faces.

Observou a dupla por um tempo. Ela gostava bastante daquele esporte e se entusiasmava com a prática e a técnica de cada um dos participantes. Constatou que Alexander era um ótimo esgrimista. Mais alguns minutos e a luta parecia estar chegando ao fim. Com uma sequência de movimentos ágeis, Alexander atingiu o coração vermelho pintado sobre o abrigo do parceiro com a ponta de sua espada.

— Ótimo golpe, Alteza! — o outro tirou a máscara.

O parceiro de luta de Alexander era um homem mais velho do que Eve

imaginara e lhe parecia vagamente familiar.

— Temos visita, Alteza — o homem anunciou a Alexander que se encontrava de costas para ela.

Ele se voltou e olhou para Eve que estava parada a alguns metros dali. Pela postura, percebeu que ela estava muito tensa. Levantou a máscara para fitá-la melhor, mostrando o rosto que ainda guardava uma expressão de contentamento pela vitória.

Cumprimentou-a com um gesto de cabeça e um sorriso e se virou para o parceiro de esgrima, colocando a máscara sob o braço e estendendo-lhe a mão:

— Obrigado pela disputa, Jermaine.

— Foi um prazer, Alteza. — Jermaine retribuiu o cumprimento e sorriu, cofiando o bigode fino e bem aparado.

Percebeu que deveria deixar os outros dois a sós e esquecer o costumeiro vinho gelado de depois das lutas com o aluno e colega. — Até a semana que vem não teremos outra disputa, Alteza.

— Compreendo. Você deve estar ocupado com as investigações.

Jermaine deixou seus equipamentos no armário antes de se dirigir à porta.

— *Bonsoir, mademoiselle* — disse cortesmente.

— *Bonsoir* — ela respondeu, observando o homem sair e fechar a porta em silêncio. Depois virou-se para Alexander que a fixava. — Está em excelente forma, Alteza.

Em cumprimento, ele baixou a espada até o chão com um sorriso discreto, mas orgulhoso.

— Estou lisonjeado, *mademoiselle*.

— Mas eu não estou aqui para lisonjas apenas.

— Estou a seu dispor.

Eve procurou se controlar para não se exaltar antes da hora e desnecessariamente.

— Bennet me disse que vocês conversaram.

— É verdade. Inclusive falamos sobre você, se é que já não sabe. Algum problema, Eve?

O jeito de ele lhe perguntar, meio desarmado, a intimidou.

— Há um problema. Você não pára com essa história de eu e seu irmão... Você sabe. Eu não gostei de você ter feito esse tipo de comentário. Por favor, esqueça toda essa história. Não poderíamos tentar ser bons amigos?

— Para mim está ótimo, Eve. Era justamente o que eu ia sugerir. Desisti da idéia estúpida de que a conquistaria por bem ou por mal. Eu estava com o orgulho ferido. Peço que me desculpe se a ofendi de algum modo. Estive pensando bastante

e concluí que fui um tolo. Espero poder contar com você como amiga.

Por algum motivo que não queria analisar, Eve ficou um pouco abalada com o que ouvira. Percebeu o quanto estava sendo difícil para ele dizer tudo isso. Mas a palavra *amiga* a fez sentir que perdia algo, como se um vazio se instalasse no seu coração.

Permaneceu calada, sem saber como reagir. Depois, pensou em alegar algo e se retirar.

— Está tudo bem, Alexander. Se me der licença, estou muito cansada e preciso ir para o meu quarto.

— Eu gostaria de poder convidá-la para um passeio ou uma conversa no terraço, mas por infelicidade tenho dois compromissos para essa noite.

— Não tem problema. Fica para uma outra noite.

Eve se encaminhou para a porta, sentindo que ele a fitava. Abria a porta de saída quando ouviu a voz grave:

— Boa noite, Eve.

Ao olhar para trás, fitou-o nos olhos e respondeu quase num murmúrio:

— Boa noite... Alexander.

CAPÍTULO VIII

A noite estava bastante quente e Eve tentava trabalhar.

Deixara a janela aberta para que a brisa noturna pudesse entrar e encontrava-se sentada diante da mesa de seu quarto, com papéis esparramados por todos os lados. Fazia um esforço enorme para manter-se concentrada, mas com pouco sucesso.

Havia trazido um pouco do trabalho burocrático para o palácio, pois não conseguira terminá-lo na agitação que fora o seu dia.

Levantando-se para descansar, foi até a janela e observou a lua. Pensou em Alexander que nesse momento deveria estar cumprindo seus compromissos. Ao sentir uma brisa mais forte, fechou os olhos, deixando seus cabelos esvoaçarem.

Tomara um banho e vestira um robe quando chegara ao quarto e não se preocupara em jantar, não tinha fome. Não importava o que disseram, ainda se preocupava com a ameaça que recebera e não acreditava que estivessem blefando.

Armand e Bennet haviam encerrado o dia e ficaram no palácio, mas Alexander saíra, desprezando toda prudência.

Pensara que brigaria com ele no final da tarde, mas a sua atitude a surpreendera. Percebeu claramente que algo havia se modificado. Alexander parecera-lhe mais calmo e estranhara muito o fato de ele ter lhe pedido desculpas e proposto amizade.

Ainda se lembrava de seus movimentos ágeis, decididos e cheios de beleza enquanto lutava. Recordou-se também da suavidade do único beijo que haviam trocado.

Perguntava-se se poderia acreditar numa mudança tão absurda no modo de

pensar de Alexander. Talvez fosse apenas alguma reação passageira por remorso de ter sido tão grosseiro.

Por mais que tentasse, nunca conseguiria entendê-lo, considerou. Seria muito difícil para uma mulher estar ao lado de

um homem como ele que além de tudo vivia cheio de responsabilidades e intranqüilidades. A esposa de um soberano jamais teria tempo para ter uma atividade particular.

Apesar .de todas essas considerações, admitiu para si mesma que sentia uma atração muito forte por ele, mesmo sabendo que teria de sufocar esse sentimento. Talvez agora fosse mais fácil, já que Alexander lhe propusera apenas amizade, mas bem que lhe doera um pouco tê-lo ouvido dizer aquilo.

Com um suspiro, inclinou-se sobre a janela, pensativa.

Ficaria feliz se conseguisse dormir tranqüila nessa noite.

Horas depois, Alexander chegava cansado de uma noite maçante na casa dos Cabot. A filha do casal dera uma apresentação lamentável ao piano e toda a noite fora de bajulações e conversas fúteis.

A limusine acabara de parar em frente da porta principal e Alexander dispensou os guarda-costas, seguindo sozinho para o interior do palácio. Ainda faltava algum tempo para a reunião do Conselho e decidiu que daria um mergulho. Vestiu a roupa de banho e se dirigiu à piscina coberta.

Eve ainda não conseguira dormir, mesmo depois de todo o trabalho terminado. Concluiu que não adiantaria brigar contra a insônia, pois tivera um dia muito agitado e, tensa como se encontrava, não conseguiria conciliar o sono.

Pensou em ler, mas desistiu da idéia, pois não seria fácil se concentrar na leitura. Quis dar um passeio, mas ficou com medo de sair sozinha. Foi então que se lembrou da piscina. Se tivesse sorte, o local ficaria iluminado durante a noite.

Vestiu um biquíni e colocou um robe comprido, amarrando-o na cintura. Minutos depois se dirigia às quadras, o

caminho se encontrava iluminado e pôde ver as luzes acesas nos salões mais à

frente.

Entrou no salão que dava acesso à piscina e ouviu o barulho da água se agitando. Havia alguém lá. Tentou imaginar quem poderia ser, talvez Bennet. Armand não poderia fazer esse esforço e Alexander tinha saído. Aproximou-se e viu o homem forte e atlético cruzando a água de um lado a outro, nadando lentamente.

Num instante reconheceu Alexander. Sem fazer barulho, ficou observando-o. Os braços vigorosos se alteravam no movimento circular, saindo e retornando da água, as pernas fortes impulsionando o corpo musculoso de atleta.

Permaneceu quieta, até que ele parou numa das bordas da piscina respirando de modo ofegante. Ao vê-la, ficou imóvel por um momento, fitando-a apenas.

Eve sentiu o coração se acelerar quando o viu apoiar-se na borda e pular para fora d'água. Os músculos do corpo másculo se evidenciavam com os movimentos.

Alexander aproximou-se devagar, balançando a cabeça para tirar o excesso de água dos cabelos. Gotas d'água escorriam-lhe pelo peito nu, brilhando com a iluminação artificial.

— Eu não conseguia dormir... — ela explicou, nervosa.

Era a primeira vez que o via seminu. Percorreu com o olhar as pernas másculas, os quadris, o peito musculoso e os cabelos molhados que pareciam rejuvenescê-lo um pouco, deixando-o com jeito de garoto. Alexander pegou a toalha e começou a se enxugar.

— Acabei de chegar de um jantar muito enfadonho.

Resolvi dar um mergulho antes de ir para uma reunião com o Conselho da Coroa.

Enquanto se enxugava, observava-a em sua pose, sentada na beira da piscina com as duas pernas dobradas de lado, que se deixavam entrever pela abertura do roupão.

— Eu já tive um dia duro hoje. Também pensei em dar um mergulho — Eve respondeu.

— Claro. E o que está esperando? A piscina é toda sua.

A água está uma delícia. Como está calor , o aquecimento foi desligado.

— Você se importaria de me esperar? Não quero ficar sozinha aqui à noite — ela disse, se levantando.

— Fique sossegada. Vá cair na água, eu espero você.

Eve abriu o roupão e deixou-o cair a seus pés, sob os olhos atentos de Alexander. Os seios firmes evidenciavam-se sob a parte de cima do biquíni; logo abaixo, o ventre acetinado fazia uma curva suave. As pernas esguias eram perfeitamente moldadas.

Ela se pôs em posição de saltar. Com os braços erguidos, o corpo flexionado mostrava sua concentração.

Alexander não pôde deixar de desejá-la. Era linda e atraente.

Eve pulou na água e atravessou a piscina. Quando voltava, sentiu uma dor forte na perna, que lhe tolheu qualquer movimento. Desesperada, começou a gritar, mas começou a engolir água. Numa tentativa feroz de continuar à tona, debatia-se jogando os braços para cima e para baixo.

Alexander percebeu que algo estava errado e pulou para resgatá-la. Nadou apressado e pegou-a pelo tórax. No desespero, Eve tentou agarrá-lo, debatendo-se mais ainda.

— Calma! Calma! Fique quieta — ele gritava ofegante, pois os movimentos desordenados prejudicavam o resgate.

Aprendera que quando uma vítima de afogamento começa a se debater ao ser salva, deve levar um murro no estômago para ficar abobalhada e não resistir. No entanto não teve coragem de fazer o que aprendera e procurava levá-la para a borda da maneira como podia.

— Agarre-se na beirada — ordenou ao chegarem na borda da piscina.

Eve agarrou-se e esperou-o sair da água e puxá-la para fora.

Depois permaneceu sentada por um tempo, respirando com dificuldade, com a cabeça baixa.

Alexander agachou-se à sua frente, preocupado.

— Você está melhor? Pode me contar o que aconteceu?

— Eu estava... me afogando. Uma câimbra muito forte.

Ainda está doendo — ela respondeu com uma voz em que transparecia dor.

— Deixe-me ver. — Ele a fez esticar a perna devagar e começou a massageá-la.

Com o calor da fricção das mãos másculas, Eve sentiu que a dor melhorava um pouco. Ainda bem, pensou, pois estava a ponto de começar a chorar.

— Está melhorando? — ele indagou.

— Está sim. Desculpe o susto que fiz você passar, Alexander.

— Não pense nisso. Tente se levantar.

Alex ajudou-a a ficar de pé, mas ouviu um grito de dor ao vê-la apoiar-se na perna.

— Ainda está doendo.

— Vamos, apóie-se em mim. Eu vou levá-la. Você não devia entrar na água e nadar sem antes fazer um aquecimento.

Mas não se preocupe, a dor vai passar logo.

Ela deixou-o passar o braço pela sua cintura e apoiando-se no ombro dele começaram a caminhar.

Alexander apanhou o roupão e ajudou-a a vesti-lo. A proximidade e o roçar do corpo forte no seu lhe dava uma sensação boa. Apoiou-se totalmente nele e deixou-se levar, sentindo que o braço a seu redor a apertava com mais força.

Frente à porta de seu quarto afastou-se com um certo pesar e olhou-o fixamente, percebendo que era correspondida.

— Boa noite. Mais uma vez peço desculpas pelo vexame.

Muito obrigada por ter me trazido — sorriu e deu-lhe um beijo no rosto.

Alexander passou o dorso da mão no rosto de Eve causando-lhe um arrepio.

— Boa noite, Eve. Durma bem.

Apesar de terem se despedido, continuaram parados, sem vontade de quebrar a magia daquele instante. Como que acordando de um transe, Eve sentiu o perigo da proximidade entre ambos e abriu a porta. Antes de fechá-la notou que Alexander não se movera. Despediu-se novamente.

— Então, até amanhã.

— Até amanhã — ele respondeu, relutante.

Eve fechou a porta, encostando-se e suspirou sorrindo para si mesma.

Na manhã seguinte, Eve acordou tarde e um pouco cansada. Levantou-se apressada, pois não gostava de se atrasar no trabalho. Achava que era a primeira que deveria dar exemplo e procurava cumprir seus compromissos com a maior pontualidade possível.

Vestiu-se depressa, tentando combinar as peças do vestuário. Como estava um dia quente, colocou uma saia de crepe de seda estampada com flores miúdas em tons pastel e uma camisa de seda cor-de-rosa. Escolheu uma sandália confortável. Como adereços, optou por brincos e colar de pérolas. Finalmente pronta, ela apanhou a pasta onde pusera seu material de trabalho na noite anterior e saiu.

O café da manhã lhe foi servido próximo à piscina externa, onde mais gostava de tomar o desjejum. Comeu pouco e tomou apenas um gole de café antes de tomar o táxi que um dos empregados chamara. Por ordem de Armand, dois guarda-costas a seguiam por todo lugar, quando se afastava do palácio.

Um dos homens no banco da frente e o outro a seu lado, atrás.

No teatro, entrou correndo pela porta lateral e seus guarda-costas a acompanharam até que entrasse. Andou apressadamente pelos corredores e

entrou em sua sala.

Ao abrir a porta, teve uma surpresa que a fez parar por um instante, depois se aproximou de sua mesa não acreditando no que via.

Doreen veio até sua sala. Obviamente já vira o presente.

— Chegou logo pela manhã — anunciou sorridente. —

Vim para cá na hora que você me falou ontem.

— Está bem, Doreen. Mas quem mandou essas flores?

— Como vou saber. Não li o cartão. Não sou assim tão curiosa como você imagina.

Eve olhou para o enorme arranjo de flores que ocupava boa parte de sua mesa. Rosas vermelhas e pequenas flores silvestres!

Procurou o cartão e o encontrou preso a uma das rosas.

Pegou-o e pensou em abri-lo, porém antes olhou para Doreen na esperança de que ela entendesse que queria ficar sozinha.

Doreen demorou uns segundos para entender e exclamou:

— Ah, desculpe. Você não quer companhia agora. Deve ser um admirador bastante entusiasmado com você para lhe dar tantas flores. Eu nunca vi um arranjo tão grande.

— Está bem, Doreen. Mas se você me der licença, eu gostaria de ficar só — Eve pediu sorrindo.

A outra sorriu também e visivelmente curiosa se retirou da sala.

Eve abriu o envelope apressada e leu o cartão que fora escrito à mão com uma letra firme e bonita, com as linhas impecavelmente retas e traços regulares. Havia uma mensagem falando sobre o seu valor como pessoa, e trazia a assinatura de Alexander.

Fechou o envelope com o cartão dentro e o apertou contra o peito com um

sorriso de satisfação. Sentia-se bem como há muito tempo não acontecia. Analisou que talvez esse dia iria ser um dos melhores de sua vida.

Animada, pegou a prancheta e saiu para enfrentar mais um dia de trabalho. No caminho, pediu para uma das faxineiras que colocasse as flores num vaso com água.

Trabalhou toda a manhã com um sorriso no rosto e todos perceberam sua alegria contagiante. Imaginavam que fosse pelo bom andamento dos ensaios.

Eve esquecera até mesmo a ameaça do grupo terrorista.

No dia anterior Reeve entrara em contato com ela, pedindo que mantivesse a pessoa falando ao telefone caso voltasse a ligar.

Haviam grampeado a linha direta e iriam gravar todas as ligações e tentar localizar de onde vinham as chamadas.

Passou-lhe também várias instruções de como agir em diversas situações possíveis relacionadas à ameaça. Talvez isso tivesse contribuído para seu mau humor no final da tarde anterior.

Nesse dia, no entanto, sentia que nada poderia atingi-la e tudo corria maravilhosamente.

À tarde, depois de um curto almoço, resolveu dar uma olhada nos trabalhos do palco. Foi a uma das escadas que tinha uma vista panorâmica do palco e começou a observar o andamento dos ensaios.

Os cenários se encontravam montados e os atores usavam suas roupas de cena. Restavam poucos detalhes a serem resolvidos.

Observando Russ ensaiar, concluía que fizera uma escolha acertada incluindo-o no elenco da companhia. Sua interpretação se mostrava impecável e convincente, era um ator notável. Tivera sorte, pensou.

A peça que ensaiavam no momento era uma de suas preferidas, *Gata em Teto de Zinco Quente* de Tennessee Williams. Tudo corria muito bem e já não duvidava que conseguiria apresentar as peças a tempo. Aquela seria a primeira a ser apresentada e seus atores eram os que trabalhavam mais. Não poderia haver

nenhum problema de última hora por displicência.

A um certo momento, o diretor parou a cena e fez Linda repetir sua fala. Mais uma vez houve uma interrupção e outra, até que a atriz repetiu a fala pela quinta vez.

Pensou consigo mesma que os atores possuíam uma grande paciência repetindo as cenas vezes sem conta até a perfeição. Nunca conseguiria ser uma boa atriz. Não tinha nem paciência nem tolerância para ouvir críticas. Sabia serem esses seus maiores defeitos.

Ficou observando as cenas atenta aos detalhes. Já seria hora de começarem a cuidar da parte de adequação das peças que compunham os cenários. Pareceu-lhe que os objetos e móveis em cena, novos em folha, brilhavam demais e davam a sensação de que haviam acabado de sair da loja.

Concentrada tentou imaginar a cena, modificando-a em sua mente. Sentiu a falta de um objeto e levou alguns segundos para entender que se tratava de um vaso no qual a mãe colocaria flores e as ajeitaria enquanto a família fosse se desintegrando. Daria um ótimo efeito.

Continuou prestando atenção aos detalhes, decidindo que conversaria com o diretor na próxima pausa. Não demorou muito até que os artistas fossem dispensados para um intervalo.

Afobada ela desceu as escadas correndo e alcançando o diretor, consultou-o sobre suas idéias. Entrando afinal em acordo com ele, Eve foi falar com o aderecista.

— Pete, precisamos fazer algumas alterações importantes o mais rápido possível.

— Pode dizer, srta. Hamilton.

— Temos de dar um jeito de envelhecer os objetos de cena. — Ela pegou-lhe o braço e caminharam até um local onde pudessem sentar-se.

— Envelhecer quanto? — o aderecista perguntou.

— Uns dez anos, talvez. — Eve respondeu, mas resolveu se explicar melhor. — Preste atenção, não importa quantos

anos. A família em cena já está morando na casa há um bom tempo, certo? Eles não compraram toda a mobília nessa semana. O sofá, por exemplo, deveria estar mais gasto, mais desbotado. Entende?

Pete suspirou fundo, pensativo.

— Você quer que eu desbote o sofá.

— Não há outro jeito, Pete. São coisas da vida, inevitáveis. Acho que se você mandar tirar a capa e pedir que a lavem umas dez vezes, vai ficar bom. Mas não é só o sofá. A prataria, por exemplo, tem de dar a sensação de que passou anos na família, não pode estar brilhante dessa maneira.

— Envelhecer todos os objetos — Pete tomava nota.

— Mas, por favor, não chegue a extremos. Não quero nada caindo aos pedaços, nenhum dano muito grande na mobília. A intenção não é mostrar móveis com aspecto de velhos e acabados, e sim envelhecidos por alguns anos de uso.

— Não precisa explicar mais.

— O diretor também quer toalhinhas de renda para pôr sobre os móveis, para dar um aspecto familiar.

— E você quer que eu encontre tudo isso na cidade? —

Pete olhou-a como que pedindo piedade.

— Claro que sim e também um vaso bonito e de tamanho suficiente para ficar em cima da mesa ou de um móvel qualquer sem ser alto demais. É só.

— Você acha pouco?

— Se me lembrar de mais alguma coisa, eu digo.

— Você não tem mesmo dó de mim.

— Vamos, não reclame. Você não é o Senhor-Encontra-Tudo? Tenho certeza de que se correr a cidade, num dia vai achar tudo o que precisamos. Mas lembre-se...

— Nosso orçamento está sempre apertado — Pete terminou a frase por ela, sorrindo.

— Lembrei-me de algo mais — Eve exclamou.

— Um elefante branco? — ele brincou.

— Um baú.

— Um baú — o outro repetiu, anotando.

— Você faz isso por mim? — Ela pediu com jeito, sorrindo para o amigo.

— Você é a chefe.

— Eu sabia que poderia contar com você. — Eve ficou em silêncio por um instante, pensando. — Na cena do quarto, o diretor quer algumas jóias para demonstrar a vaidade da *Gata*, peças reluzentes, você sabe.

— Nós já temos jóias falsas das apresentações que fizemos na América. Eu me lembrei de trazer.

— Ótimo. Se houver algum problema, estarei em minha sala.

— Pode confiar em mim, srta. Hamilton. Vou conseguir tudo.

Pete se despediu e foi ao trabalho. Ela se pôs a caminho de sua sala, refletindo sobre a paixão que Pete tinha pelo teatro.

Quem olhasse para ele, julgaria que fora feito para cuidar do gado em alguma fazenda ou outra atividade similar. No entanto, tinha um talento incrível quando se tratava de arranjar os detalhes das peças teatrais. Conhecia cada objeto disponível

que mantinham no depósito em Houston e poderia contar a história de cada um deles.

Eve não tinha a menor sombra de dúvida de que no dia seguinte, antes do final da tarde, teria a maior parte de seus pedidos atendidos.

Pensava em sentar-se para começar a fazer as chamadas telefônicas de que,

precisava, quando o telefone tocou.

Atendeu-o um pouco irritada, esperando que não fosse alguém querendo apenas conversar, estava num ritmo bom de trabalho.

— Alô? — disse, recostando-se na cadeira.

— A família real não ouviu meu aviso.

Reconheceu a voz ameaçadora no mesmo instante. Um calafrio lhe percorreu todo o corpo e teve a mesma sensação de alguém que leva um golpe no estômago.

Lembrou-se de que o telefone estava grampeado e deveria manter o sujeito na linha o maior tempo possível para que pudessem localizar a origem da chamada.

— Você não conseguiu assustar ninguém com suas ameaças — declarou, tentando manter a voz calma. — Diga a seu chefe que não vão conseguir intimidar a família real.

— Cale a boca, mocinha. Quero que saiba apenas que eu não estava blefando. Você e a família Bisset vão sofrer muito ainda. Eu garanto que alguém vai pagar com a vida pela teimosia de vocês.

— Por que você não se identifica em vez de ficar se escondendo atrás de um telefonema anônimo? Deve ser um covarde, para não se mostrar.

— Você ainda vai provar da nossa covardia. Pena que nunca mais vamos nos falar, meu doce, você vai morrer.

Eve sentiu o coração batendo apressadamente e com força. Tinha a sensação de que lhe saltaria pela boca. Procurou manter o autocontrole, embora não fosse fácil.

— Eu não tenho medo de ameaças — replicou com a voz trêmula.

— Pois deveria ter, *mademoiselle*. Daqui a pouco tempo, vai ser impossível recolher seus pedaços — a voz terminou de falar e se ouviu uma gargalhada. Em seguida a ligação foi interrompida de modo brusco.

"Em pedaços", "Você vai morrer", lembrou-se da voz e uma idéia lhe cruzou a mente como um raio. Aquelas palavras só podiam significar uma bomba. Mas onde? Considerou que o castelo se encontrava vigiado demais para conseguirem instalar uma bomba ali. Medidas intensivas de segurança haviam sido tomadas.

— Claro! Aqui no teatro! — concluiu afobada, embora não quisesse acreditar. Atravessou a porta aberta correndo. A primeira pessoa que encontrou foi Doreen, que mostrava um bracelete a outros integrantes da mesma peça. Sem dar qualquer explicação, se aproximou, interrompendo-a.

— Eu quero que todos saiam do teatro imediatamente.

Voltem para o hotel agora. Todos vocês.

— Mas ainda não terminamos o ensaio por hoje —
alguém protestou.

— O ensaio está terminado — Eve anunciou.

Sabia que se dissesse que havia uma bomba no teatro, o pânico poderia levar a um dano ainda maior. Sem permitir perguntas, ordenou.

— Sem discussão. Todos devem ir para o hotel. Depois eu explico. — Chegou próximo a um ajudante do cenarista e o puxou de lado. — Gary, quero que você tire todos daqui de dentro, entendeu? Todos, sem exceção, atores, pessoal de cenário, técnicos, costureiros, todos mesmo. Leve-os para o hotel o mais depressa que puder.

— Mas, Eve. O que está acontecendo? — ele ainda perguntou vendo a agitação dela.

— Mexa-se, vamos. Não fique fazendo perguntas. Vá! —
ordenou, empurrando-o.

Correu até o palco e interrompeu um ensaio que estava acontecendo.

— Houve uma emergência. Saiam do teatro neste instante.

Quero que deixem tudo o que não estiver à mão. Não fiquem procurando por nada.

A sua voz vinha carregada de autoridade e ninguém ousou indagar coisa alguma. Pessoas corriam de um lado para outro, avisando os outros ou procurando sair do teatro. Em poucos segundos a ordem para evacuarem o local foi ouvida pela aparelhagem de som.

Eve percebeu que Pete tentava apanhar alguns objetos.

Correu ao seu encontro e o pegou pela manga da camisa.

— Eu disse *fora*. Deixe tudo aí.

— Mas eu sou o responsável por todas essas coisas. Se desaparecerem a responsabilidade será minha.

— Se você não se mexer em dez segundos, está despedido.

Percebendo que ela não estava para brincadeira, Pete se levantou afobado e começou a correr em direção da saída.

Estava quase saindo quando se voltou e gritou:

— Se algo for roubado, não me culpe por isso.

— Tomara que sobre algo para ser roubado.

Em poucos minutos a maior parte das pessoas já se encontrava na parte externa do teatro, na calçada. Mas Eve ponderou que havia sempre alguns teimosos que preferiam cuidar de algum detalhe antes de sair.

Quanto tempo ainda teria?, ela se indagava. Resolveu dar uma olhada no segundo andar quando foi detida por uma mão em seu ombro.

— Espere um pouco. Estou tentando entender o que está acontecendo — Gary declarou.

— O que você está fazendo aqui ainda? Mande todos saírem do teatro.

— Qual o problema? Algum incêndio ou algo parecido?

— Há uma bomba no teatro — Eve confessou, sabendo que não adiantaria continuar discutindo.

— Então temos de tirar todos daqui! Há alguém no segundo andar?

— Eu vou averiguar. Você vá para fora.

— Eu vou chamar a polícia, o corpo de bombeiros, alguém.

— Vá para fora! — ela ordenou.

Gary tomou-a pelo braço e a impediu de prosseguir.

— Não vou deixar você sozinha. Vamos juntos ver se há alguém lá em cima. Mas antes vou chamar a polícia.

Ele fez a ligação e correu para acompanhar Eve que já subia as escadas.

Mal alcançavam o primeiro andar quando ouviram o estrondo.

CAPÍTULO IX

No momento em que explodiu a bomba no teatro, Alexander se encontrava no Hospital Santo Albano fazendo um discurso. Logo em seguida, o membro do Conselho responsável pela Secretaria de Saúde Pública pediu-lhe uma entrevista.

Encontraram uma sala ali mesmo no hospital.

— Antes de mais nada, foi um prazer vê-lo na casa dos Cabot no jantar de ontem à noite, Alteza. Mas vamos ao que interessa. Quero discutir o nosso projeto de saúde pública.

— Foi-me entregue um relatório, *monsieur* Trouchet. Eu vou direto ao assunto. Cordina tem apenas dois hospitais do Estado, modernos e bem equipados, um na capital e outro em Le Havre. As ilhas mais afastadas e as fazendas dependem exclusivamente das clínicas particulares. Essas clínicas têm sobrevivido com dificuldade já que a base das suas atividades não se apoia em ganhos excessivos, elas cobram o que o povo pode pagar. Se estatizarmos essas clínicas, conforme seu

projeto, estaremos colocando toda essa organização de saúde pública em colapso.

— Eu discordo desse ponto de vista, Alteza. Tenho o levantamento estatístico comigo. Com esses dados, Alteza, nós do Conselho, concluímos que essas clínicas só conseguirão sobreviver se passarem ao domínio público pela intervenção do Estado. Essa medida contribuiria para a melhoria da eficiência e do atendimento, Alteza.

Embora já soubesse o que encontraria nos papéis postos à sua frente, Alexander deu uma olhada superficial.

— Sinto contrariá-lo, *monsieur*. Não se pode garantir que haverá melhorias em eficiência num setor através da estatização. Muitas vezes se dá o contrário. Mas o seu [ponto.de](#)

vista é parcialmente correto. Eu ainda opto pelo subsídio aos particulares e a difusão dos convênios médicos com incentivo do Estado, assim teríamos uma melhora do atendimento e a modernização das clínicas.

Trouchet recolheu seus papéis e os guardou na pasta que mantinha no colo.

— O senhor já deve ter medido as conseqüências de uma ação como essa. Não será fácil implantar esse sistema.

— Obviamente. Por isso vamos precisar da sua cooperação,

desenvolvendo

os

projetos

para

serem

apresentados ao Conselho.

O outro encostou-se na cadeira, entendendo que lhe seria oferecido um cargo de

importância e ao mesmo tempo um desafio.

— Será que sou a pessoa indicada? — indagou.

— Tenho certeza disso, *monsieur*, já que estamos trabalhando nesse projeto juntos e queremos chegar ao mesmo

fim — Alexander respondeu, olhando-o atento; preferia ter Touchet do seu lado.

Bennet abriu a porta da sala sem nenhum aviso e Touchet se levantou imediatamente.

— Reeve acabou de telefonar. Houve um tumulto agora por causa de uma bomba

— Bennet explicou.

— Papai? — Alex exclamou, instantaneamente, num tom de preocupação.

— Não, Alex. Foi no teatro. Vamos para lá. Ouvindo aquilo, ele se levantou assustado.

— Aconteceu algo com Eve?

— Não sei, Alex. Reeve me telefonou antes de saírem para o teatro. Alguém chamou a polícia por telefone momentos depois de interceptarmos uma chamada do homem que havia ameaçado Eve.

— Desculpe-nos *monsieur*, mas precisamos sair —

Alexander disse a Touchet e saiu apressado com Bennet. O

membro do Conselho apanhou sua pasta e também abandonou a sala.

No carro, Alexander perguntou ao irmão:

— O que aconteceu exatamente?

— Ninguém soube informar. Assim que recebi a ligação, vim buscar você. Reeve mandou os peritos em bombas para o teatro.

— Todos foram retirados do teatro?

— Ao que parece, Eve estava tentando fazer o pessoal sair de lá.

— Deve ser o cumprimento da ameaça, Ben. Nós pensávamos que tentariam nos atingir, nunca imaginamos que o atentado poderia ser contra Eve.

— Calma! — Bennet pediu, conforme seu carro entrava na rua do teatro, bastante tumultuada. Resolveu desistir de entrar nessa rua e deu marcha à ré. Seus guarda-costas que vinham num carro logo atrás fizeram o mesmo.

— Ela se preocupou comigo e com todos nós. Devíamos ter pensado em protegê-la também.

— Pensamos nisso. Colocamos guarda-costas para acompanhá-la.

— Eve é bastante próxima da família, tínhamos a obrigação de saber que corria perigo.

Desceram do carro, os guarda-costas já os esperavam na calçada, e correram ao teatro, rompendo o cordão de isolamento que a polícia instalara. Logo encontraram Reeve.

— Onde está Eve? — Alexander indagou no mesmo instante.

— Está nos camarins atrás do palco. Fique calmo, ninguém sofreu dano algum. Se quiser vê-la vá ao corredor por aquele lado e bata na primeira porta — Reeve indicou com a mão.

Alexander não esperou mais. Saiu correndo em direção à porta que havia sido indicada. No corredor encontrou vários artistas que se aglomeravam. Confuso, perguntou a uma moça sobre Eve e ela o levou onde Reeve indicara.

Abriu a porta sem bater e percebeu que o lugar estava em semi-escuridão. Levou algum tempo para que seus olhos se acostumassem e pudesse enxergar um pouco. Pensou em acender as luzes, mas imaginou que Eve preferisse assim.

— Quem está aí? — ouviu-a chamar.

— Sou eu, Alex — ele respondeu olhando para ela, embora mal pudesse vê-la.

Eve acendeu as luzes, escondendo os olhos com as mãos. Depois foi ao encontro

dele.

— Alex, eu pensei que não ia conseguir escapar.

— Você está machucada? — Alexander perguntou pegando-lhe a mão.

— Não. Apenas um pouco zonza por causa do nervosismo.

— Você me deu um susto enorme.

— Eu? Não fui eu que coloquei a bomba.

— É modo de falar. Fiquei preocupado com você.

Ouviram uma confusão de vozes do lado de fora. Eram os policiais que barravam os repórteres. Ninguém teria acesso a Eve.

Momentos depois, Bennet entrou e abraçou-a.

— Que bom que você não sofreu nada.

Alexander olhou-os, sentindo uma ponta de ciúme, embora soubesse que não tinha motivos.

— Eu estava no andar térreo quando a bomba explodiu.

— Seu pessoal está bem?

— A maior parte foi para o hotel assim que recebi o telefonema. Quando eu e Gary fomos à escada verificar se alguém havia ficado nos outros andares, ouvimos o barulho da explosão com vidros se estilhaçando, foi uma confusão.

— Você estava louca? Deveria ter saído com os outros o mais rápido possível. Não sabia que a bomba poderia estar em qualquer lugar? Fazer uma busca numa situação assim é trabalho da polícia — Alexander reagiu.

— Os guarda-costas deviam estar ajudando o pessoal a sair do teatro e não havia ninguém da polícia aqui. Eu tenho responsabilidade sobre meu pessoal. Você deve entender, Alexander, já que é responsável por seu povo.

Ele reconheceu que ela tinha razão. Numa situação de emergência, pensaria

primeiro nas pessoas sobre quem reinava.

— Você poderia ter morrido. Mas eu compreendo sua atitude, apesar de não concordar em vê-la se arriscando.

Eve

sentiu-se

trêmula

e

perdeu

o

equilíbrio

momentaneamente. Bennet teve de segurá-la.

— Eve, fale comigo — Bennet disse, preocupado.

— Estou bem. Ajude-me a deitar no sofá de novo.

— É melhor levá-la ao médico, Alexander. Vamos para o hospital.

— Eu não vou a hospital nenhum. Vou ficar aqui e descansar um pouco — a voz dela demonstrava o seu abatimento.

— Por favor, deixe-nos fazer o que Ben está dizendo —

Alexander pediu.

— Alex, eu quero um café. Logo vou estar melhor.

— Você vai tomar o seu café, mas depois que for ao dr.

Franco.

— Estou bem. Acredite em mim.

— O dr. Franco é quem vai dizer. — Ele pegou-lhe a mão que estava mais fria que o normal.

— Ajude-me a levá-la — Alexander pediu a Bennet.

Eve permanecia sentada na maca dentro do consultório médico do hospital e o dr. Franco acendia uma pequena lanterna para lhe examinar os olhos.

— Não sei para que dar tanto trabalho ao senhor — ela disse.

— Se não fosse pelo trabalho que as pessoas dão quando se sentem mal, a nossa profissão já teria acabado — o médico afirmou, sorrindo.

— O senhor não acha que é perda de tempo ficar examinando uma paciente em perfeito estado de saúde?

— Não. Eu estou praticando mais um pouco. Estou na profissão há apenas vinte anos. — Ele se afastou e olhou-a de frente. — Quando eu terminar de examiná-la, poderá ter certeza de que está mesmo bem.

— Para falar a verdade, eu queria ir embora daqui. Não gosto de hospitais. Tenho trauma dessas paredes brancas e vazias, passei horas nos corredores e no quarto da minha mãe quando ela adoeceu.

— Não se preocupe. Já terminamos. Você sofreu um grande desgaste emocional, mas tem uma ótima capacidade de recuperação. Ficaria contente se eu dissesse que não precisa passar a noite aqui?

— Muito mais que contente — Eve já se levantava da maca, se aprontando para ir embora.

— Mas tem uma condição.

— Eu sabia que estava sendo fácil demais. Já entendi, o senhor quer entradas grátis para as peças. Se for essa a exigência, podemos encerrar a consulta.

— Não vou recusar a oferta, porém o que eu quero é que você descanse nas próximas vinte e quatro horas. Volte ao trabalho apenas depois de amanhã. Certo?

— Não posso ficar um dia parada. Tenho compromissos para amanhã de manhã.

— Imaginei. Por isso pedi que descansasse. Se não concordar, vou dizer ao príncipe Alexander que você precisa ficar aqui esta noite.

Eve ficou imaginando se o dr. Franco pensava que Alex poderia obrigá-la a passar a noite ali. No entanto, achou melhor não discutir.

— Do que adianta eu ir embora se não posso trabalhar?

Mas eu concordo. Fico com as vinte e quatro horas de prisão domiciliar — ela brincou.

Pensou consigo mesma que poderia fazer ligações telefônicas de seu quarto. Não seria um dia perdido, afinal.

— Então vamos! — o doutor exclamou, abrindo a porta e acompanhando-a.

Alexander e Bennet os esperavam no corredor.

— Tudo certo, doutor? — Alex perguntou.

— A srta. Hamilton não se deixa abalar fácil. Levou um grande susto, mas vai se recuperar.

— Eu não disse que não precisava vir? — Eve sorriu desafiadora.

— Não é bem assim, Alteza. A srta. Hamilton é um pouco teimosa, pelo que percebo — o dr. Franco disse com um sorriso.

— Certifique-se de que ela não trabalhe amanhã. Deve ficar em casa e repousar.

— Não preciso ficar o dia inteiro na cama, não é?

— Claro que não, apenas relaxe e se desligue um pouco das atividades estafantes.

— Eu vou levá-la para casa, Eve — Alexander se prontificou.

— Ótimo. Eu vou ao teatro me encontrar com Reeve.

Depois vamos juntos para casa. Precisamos nos reunir ainda hoje — Bennet disse.

Eve deitou-se em sua cama e Alexander a deixou aos cuidados de Nanny, uma mulher com idade avançada, de olhar bondoso que havia cuidado dos três irmãos da família real desde que nasceram.

A mulher ajudou-a a se trocar, vestindo-a com uma camisola confortável e lhe ajeitou os travesseiros.

— Quando o jantar vier, você vai comer tudo, entendeu?

— Entendi, Nanny. Mas eu quero dormir cedo hoje. Estou cansada.

— Agora beba isso — a mulher lhe entregou uma xícara de chá. Eve tomou um gole, temerosa, mas depois reconheceu que o sabor era bom.

— Ótimo, beba tudo, minha filha. Vocês sempre pensam que os remédios têm gosto amargo, mas não é verdade. Até o pequeno Dorian adora meu chá. Quando Alexander tinha dez

anos, teve de retirar o apêndice que estava inflamado e, graças ao meu chá, ficou bom logo — Nanny afirmou.

Eve tentou imaginar Alexander criança, mas não conseguiu.

— Nanny, me diga como o príncipe Alexander era quando pequeno.

— Responsável sempre. Às vezes muito amável, outras vezes indiferente a todos, tinha um temperamento difícil, mas nunca foi capaz de fazer mal a alguém. As responsabilidades vieram muito cedo, teve de estudar sempre mais que os outros garotos da sua idade, embora gostasse. O fato é que entendeu que sua vida seria diferente do que a da maior parte das pessoas e teria de ter uma autodisciplina muito rápida. Brigava muito com Bennet, mas todos os irmãos são assim. A mulher sorriu com o olhar distante, lembrando.

— Alexander puxou tanto ao pai quanto à mãe. Ainda me lembro bem de quando o príncipe Armand namorava a princesa Elizabeth. Ela era a herdeira do trono e ele um duque muito jovem. Liza vivia agitada, era uma pessoa difícil de se lidar. Eu cuidei dela desde seus dez anos. Ela se apaixonou pelo príncipe

Armand e casaram-se logo. Acho que Sua Alteza precisaria se casar.

— Talvez ele não tenha se decidido ainda.

— Mas deve se decidir um dia, por Cordina. Tem de escolher uma mulher que possa governar a seu lado. Esses tempos andam muito difíceis, complicados. Eu espero que o príncipe se case e seja feliz.

— Ele já ficou noivo alguma vez?

— Nunca. Aliás, não sei por quê, é um rapaz tão bonito!

Namorou algumas moças da corte, mas nunca houve nada mais

sério. É um homem muito exigente. Durma um pouco agora. Se precisar, mande me chamar.

Eve dormiu em seguida e acordou bem mais tarde, com Alexander acariciando seus cabelos. Ficou sobressaltada num primeiro instante e o viu se retrair. Apenas as luzes do abajur estavam acesas.

— Está mais descansada?

— Nanny me deu um chá milagroso e eu dormi. Agora estou com fome!

Alexander se levantou e pegou a bandeja que havia sido deixada no quarto. Eve percebeu que havia uma rosa vermelha na bandeja que agora se encontrava em seu colo. Acendeu as luzes no interruptor ao lado e esperou-o tirar a tampa que cobria os alimentos. Apanhou a rosa e aspirou-lhe o perfume.

— O jantar foi Nanny quem mandou. A rosa foi por minha conta — ele disse.

— Obrigada. Aliás, nem agradei as flores que você me mandou esta manhã. Estavam na minha sala e...

— Tudo bem, esqueça.

— Que rosa mais linda! Adoro flores — Eve confessou, olhando-o com um sorriso. Os olhos deles se encontraram, ambos permaneceram calados.

Alexander ajudou-a a ajeitar os travesseiros e sentou-se numa poltrona que

trouxe para o lado da cama.

— Pode comer à vontade. Nanny disse que caprichou na comida.

— Que cheirinho bom. Canja de galinha, batatas recheadas com queijo, salada de aspargos... — Eve enumerou os pratos com evidente prazer. — Desse jeito vou engordar logo.

Alexander a observava enquanto se servia e lembrava da conversa que tivera com Bennet e Reeve havia pouco. A bomba colocada no teatro fora do tipo plástica e acabara com a sala de Eve. Analisando os fatos, concluíram que os terroristas haviam avisado da bomba por telefone porque não tinham a intenção de matá-la, mas provocar o máximo de confusão e atordoá-los por um tempo. No entanto, se Eve estivesse em sua sala no momento da explosão ou mesmo nas imediações, teria morrido com certeza.

— Ainda não vi seu pai hoje, Alexander — Eve observou.

— Tanto ele quanto Gabi estão ansiosos para vê-la e certificarem-se de que está bem. Mas por hoje deve descansar.

Nanny disse que você estaria dormindo — houve uma pausa. —

Quero avisá-la de que o telefone do seu quarto está desligado para evitar aborrecimentos.

— Vocês não deveriam ter feito isso. Eu pretendia ligar para vários lugares amanhã.

— Se precisar fazer alguma ligação, use uma outra linha.

Mas lembre-se de que o dr. Franco pediu-lhe que descansasse, nada de trabalho. Amanhã, Gabi, Reeve e os meninos estarão voltando para o palácio, vão ficar aqui por algum tempo. Você não se sentirá aborrecida até amanhã.

— Eu queria ligar para o meu pessoal, hoje. Quero saber como estão.

— Garanto que estão muito bem no hotel. Mas vocês vão voltar para os Estados Unidos. Quero dizer, a sua companhia.

Apesar de eu não gostar da idéia, você também deve ir.

— Mas como?

— Estamos cancelando as apresentações.

— Nós não vamos voltar — ela protestou.

— Não temos condições de oferecer segurança a tantas pessoas e não podemos colocá-los em perigo.

— Você quer que nós vamos embora e abandonemos tudo?

— Na verdade não quero. Não gostaria de ver você partindo. Mas é o mais seguro.

Eve parara de comer e o fitava, tentando entender o que se passava.

— Você não vai me convencer. Nós temos um contrato, só iremos embora *depois* de cumpri-lo.

— Droga! Isso não é uma brincadeira. Você poderia ter morrido esta tarde! Não vou ficar tranquilo com você por aqui.

— Agora você sabe como eu me sentia vendo-o andar de um lado para outro sem se preocupar com essa maldita ameaça, enquanto eu me preocupava o tempo todo!

— Mas eu tenho seguranças especiais que cuidam da minha proteção.

— Mesmo com toda segurança, Seward morreu.

Alexander percebeu que ela estava ficando nervosa e preferiu adiar o assunto.

— Discutiremos isso outro dia, está bem?

— Você vai sair? — ela indagou. Não queria ficar sozinha.

— Não. Hoje não tenho nenhum compromisso para a noite. Pensei em colocar umas leituras em dia. Por quê?

Eve começou a comer novamente, mas a comida já não se encontrava tão quente.

— Bem, não quero ficar sozinha até a hora de dormir.

Você me faria companhia em uma volta pelo terraço? — pediu depois de algum tempo.

Alexander a olhou espantado. Claro que faria, há muito tempo sonhava com isso, pensou. Desde a noite em que a beijara, ansiava por ficar ao lado de Eve.

— Termine de jantar. Daqui a pouco vamos dar nosso passeio — ele declarou feliz.

Caminharam lado a lado pelo terraço que possuía inúmeros vasos com plantas, formando quase um jardim.

Aproximaram-se do parapeito. Dali se descortinava uma vista maravilhosa do mar.

Uma brisa gostosa soprava, aliviando um pouco o calor.

Eve vestira-se depois do jantar, enquanto Alexander fazia uma ligação telefônica de seu escritório.

Colocara roupas leves e claras. Decidira-se a cumprir a recomendação médica e descansaria. Quando voltasse ao trabalho, colocaria tudo em dia.

Olhava agora para as estrelas cintilantes, ao lado de Alexander, aproveitando a noite. Permaneceram quietos por bastante tempo, até que ele apontou para o céu.

— Uma estrela cadente! — exclamou e Eve procurou visualizá-la, mas era tarde.

— Significa boa sorte. Acho que você tem direito a um pedido. Alexander sorriu, fitando-a.

— Você acredita em superstições?

— Mais ou menos. Quero dizer, não sou fanática, mas acho que todos nós temos de acreditar em algo. Você não é supersticioso?

— Não muito. Acredito que somos nós que fazemos nossos destinos. Não penso que objetos externos possam trazer qualquer tipo de sorte ou azar.

— Sei que é tolice, mas gosto de acreditar em prenúncios, tenho até um amuleto da sorte. Somos diferentes em muitos aspectos.

Alexander ficou pensativo por uns segundos.

— Às vezes penso que não somos tão diferentes assim.

Acho mesmo que talvez nós sejamos muito semelhantes, por isso sempre fomos hostis um com o outro.

— Semelhantes como?

— Somos teimosos da mesma maneira, temos gênios difíceis, somos determinados e apaixonados por nossos trabalhos. Precisamos nos sentir úteis aos outros e ao mesmo tempo sentir que pessoas dependem de nós.

Eve ficou espantada ao reconhecer que ele tinha razão.

— Você é observador — retrucou.

— Na verdade sempre a observei muito. Quer ouvir mais?

Pelo que percebi, até hoje você nunca se apegou a uma pessoa, quero dizer, a um homem com quem tenha tido um relacionamento.

Nunca

foi

a fundo num dos

seus

relacionamentos.

— Como você pode saber disso?

— Pelo mesmo fato que imaginei que você e Bennet tinham algum romance.

Todas as vezes que veio a Cordina, veio sozinha, nunca mencionou ninguém além da sua irmã e seu pai.

É comum que pessoas apaixonadas falem constantemente da pessoa que amam. Entendo sua paixão pela companhia, foi algo que preencheu sua vida. Aparentemente você não tem assim tantos amigos, apesar de ser comunicativa e o teatro lhe deu

oportunidade para conhecer e conviver com pessoas interessantes.

Eve não entendia como ele podia falar de sua vida de maneira tão segura e de modo tão acertado.

— Nisso você pensa que somos parecidos também, não é? Nanny me disse que você nunca teve um relacionamento mais profundo. Posso perguntar por quê?

— Você e Nanny andaram falando sobre mim, então?

Bem, a razão é simples. Nunca encontrei uma mulher com quem pudesse me abrir, em quem pudesse confiar. Sempre sentia que não estavam interessadas em mim, mas nas vantagens que teriam se conseguissem se casar com o príncipe herdeiro.

— Acho que compreendo. Também sou considerada herdeira do império Hamilton.

— Sempre pensei em me casar com uma mulher que pudesse governar Cordina a meu lado e sei que é isso que o meu povo espera de mim.

"Mas nunca com uma plebéia e estrangeira como eu", Eve completou em pensamento.

— Outra estrela cadente! — exclamou contente por poder mudar o assunto. — Fico fascinada observando o céu.

— Você conhece as constelações?

— Não, sou uma observadora totalmente leiga.

— Veja, a Ursa Maior — ele indicou com o dedo.

— Nunca aponte para uma estrela — Eve disse em tom de brincadeira. — Mas não sei de quais estrelas você está falando.

— O aglomerado de estrelas naquele lado — Alexander abraçou-a, virando-lhe o corpo para que observasse.

Abraçando-a ainda, continuou a lhe mostrar as constelações e as estrelas, nomeando-as.

Passaram bastante tempo conversando, a ponto de perderem a noção do tempo. O sono começou a aparecer e Eve propôs:

— Que tal encerrar o passeio por hoje? Estou exausta.

— Se é o que você quer... Mas me prometa que teremos outra conversa assim.

— Quando você quiser.

Ele encarou-a como se quisesse dizer algo. Finalmente conseguiu encontrar e declarou:

— Você é uma mulher fascinante, Eve. Essa foi uma das melhores noites que já passei em minha vida.

Alexander curvou-se e beijou-a na testa. Com a proximidade de seus corpos, não conseguiu resistir e, baixando a cabeça, procurou-lhe os lábios, abraçando-a.

Sem pensar em mais nada, Eve entregou-se ao beijo, abraçando-o também. Beijaram-se longamente.

— Eve, eu a quero muito.

— Eu também quero você, Alexander — ela murmurou quase espontaneamente.

Beijaram-se mais uma vez, envolvidos pela atração poderosa que os unia.

— Vamos entrar, Alexander. Estou muito cansada — ela pediu em seguida.

Ele levou-a até a porta do quarto e lhe deu um beijo de boa noite.

— Amanhã nos veremos — ele disse, antes de se afastar.

CAPITULO X

Eve dormiu até tarde na manhã seguinte e passou o dia com Gabriella e os meninos. Apesar de seu desejo de voltar ao trabalho, obedeceu às ordens médicas e, com grande esforço, se manteve longe das preocupações.

No cair da noite, Alexander chegou ao palácio sorridente, apesar do dia cheio que tivera. Ao ver os sobrinhos, abraçou-os todos e deu um pequeno presente a cada um.

Os garotos correram para o quarto para brincarem com os novos presentes.

Gabriella olhou para o irmão espantada e indagou:

— Já é Natal? O que deu em você hoje?

— Nada. Tive vontade de lhes trazer uns brinquedos.

Pensei que talvez se sentissem chateados por terem de sair da fazenda. Por quê, não posso? — Alexander disse meio constrangido.

— Esqueça. Reeve não veio com você?

— Ele vai demorar um pouco ainda. Está esperando alguns resultados da perícia quanto ao atentado no teatro.

Eve foi a seu encontro logo em seguida e Gabriella saiu atrás dos garotos.

— Como foi seu dia? — ele perguntou.

— Não aconteceu nada de especial. Não vejo a hora de começar a trabalhar. Mas não posso me queixar, todos me paparicaram. Seu pai tomou o café da manhã comigo e conversamos bastante. Bennet me fez companhia parte da tarde e Gabriella ficou comigo quase o dia todo. Também a ajudei a arrumar suas coisas.

— Eu trouxe algo para você — Alexander tirou uma pequena caixa do bolso e entregou para Eve. — Quero saber se você aceitaria minha companhia no jantar de hoje.

— Alexander! São lindos! — ela exclamou, olhando os brincos de ouro em formato de flor tendo como miolo enormes safiras. — Mas não posso aceitá-los.

— Não vou permitir que os devolva. Use-os no jantar de hoje à noite. Vamos estar sozinhos, papai e Bennet vão ter uma reunião, Reeve e Gabi têm de comparecer a um jantar.

— Você não tinha nenhum compromisso?

— Tinha, mas cancelei. Não era nada urgente.

— Obrigada pelos brincos, Alexander. Vou usá-los hoje.

O jantar transcorreu tranqüilo, num clima íntimo e acolhedor. Depois do jantar, deram um passeio pela parte iluminada dos jardins, sempre com os guarda-costas por perto.

Conversaram o tempo inteiro e, pela primeira vez, Eve viu Alexander alegre e rindo em sua companhia.

No final da noite, Alexander dispensou os guarda-costas e levou-a até a porta do quarto. Beijaram-se com ardor e ficaram ainda conversando na porta do quarto, sem conseguirem se despedir.

Ouviram o soar do relógio do palácio indicando meia-noite. Beijaram-se mais uma vez, prometendo um ao outro que iriam encontrar no dia seguinte um tempo para se verem. No entanto, ao se despedirem, Alexander olhou-a bem nos olhos e disse:

— Eve, eu não queria precisar me despedir de você.

Gostaria que passássemos esta noite juntos.

— Eu também quero muito isso — ela murmurou, feliz pela decisão que tomara.

Entraram no quarto abraçados, indo até a janela aberta, onde se beijaram ardentemente.

— Parece um sonho estar aqui agora com você — ele exclamou segundos depois; pegando-lhe uma das mãos, beijou-a.

Começou a acariciar-lhe o rosto com as pontas dos dedos, depois mergulhou-os nos cabelos macios e longos, puxando-os suavemente para trás. Beijou-lhe o pescoço, fez carícias com os lábios na orelha e ouviu-a murmurar de prazer, percebendo um leve estremecimento em resposta a seus toques.

Ainda acariciando-a, Alexander procurou o fecho do vestido nas costas e abriu. Despiu-a lentamente, beijando com ardor a pele acetinada que ia desnudando.

Eve

estremeceu

quando

as

mãos

fortes

lhe

massagearam os seios. Logo a boca ávida substituiu as mãos, sugando os mamilos já eretos.

Deitaram-se na cama e Alexander, com a ponta dos dedos, percorreu-lhe todo o corpo devagar como se quisesse memorizar seus contornos. Depois beijou-lhe o ventre, os seios e procurou-lhe a boca com volúpia. Eve puxou-o para cima de seu corpo, deliciando-se com a sensação das peles nuas se tocando.

Voltando a beijar-lhe os seios, ele envolveu todo o mamilo com a boca, sugando-o e pressionando-o de leve com a língua, provocando gemidos de prazer em Eve, que mergulhou os dedos nos cabelos curtos escuros, como se não quisesse que Alexander interrompesse as carícias.

Virando-se para ele, colocou-o sob seu corpo e começou a explorar o corpo másculo com carícias suaves. Imitando-o, apertou o pequeno mamilo entre os lábios e incentivada pelas mãos fortes que lhe massageavam os cabelos, continuou a acariciar-lhe todo o corpo com os lábios.

Não mais podendo esperar, Alexander deitou-se sobre ela e uniu seus corpos, conduzindo-os num ritmo alucinante na escalada do prazer. Eve não pôde conter um gemido quando chegou ao clímax e percebeu que o mesmo acontecia com Alexander.

Depois do amor, ela aninhou-se no peito forte e ficaram em silêncio, de olhos fechados, desfrutando do delicioso langor que se poderava de seus corpos.

— Como é bom estar do seu lado — Eve murmurou depois de algum tempo. — Quantas vezes sonhei com isso, secretamente!

— Você sempre pareceu me odiar — ele disse, acariciando-lhe os cabelos, mantendo-a junto a si.

— Não, nunca cheguei a odiá-lo verdadeiramente. Você me parecia muito prepotente, orgulhoso. Tinha a sensação de que me desprezava por algum motivo.

— Eu tinha a mesma impressão sobre você. Sempre a via de nariz empinado.

Eve pensou que era a hora de desfazer velhos mal-entendidos.

— Você se lembra da primeira vez em que vim a Cordina?

Acho que olhei para você a noite toda. Lembro-me dos violinos tocando e de quanto eu queria que você me convidasse para dançar ou que pelo menos me notasse.

— Eu notei você — ele murmurou e beijou-lhe a testa.

— Eu me recordo que você me olhava, mas parecia zangado e querendo me expulsar da festa. Você dançou a noite toda com uma nobre inglesa. Ela não deixava mais ninguém se aproximar do *seu príncipe*.

— Isso é verdade — recordou, rindo.

— Foi nessa mesma noite que houve o atentado contra Ben. Ainda bem que nada aconteceu a ele.

— Sabe, Eve, nunca passei uma noite tão maravilhosa como esta. É tão bom

conversarmos, dizer o que pensamos sem medo algum, depois de fazer amor como fizemos.

— Foi bom para mim também, Alex — ela respondeu abraçando-o com força.

O alarme do despertador tocou na manhã seguinte. Eve estendeu o braço, ainda olhos fechados e o silenciou. Não iria acordar cedo essa manhã, o pessoal no teatro podia se virar sem ela durante uma hora.

Virando-se, procurou Alexander com o braço, mas não o encontrou. Sonolenta abriu os olhos e constatou que estava sozinha na cama.

Sentou-se, puxando o lençol para cobrir os seios e deu uma olhada pelo quarto. Percebeu que todas as roupas de Alexander não se encontravam no lugar onde haviam estado na noite anterior. Sua roupa havia sido colocada num cabideiro.

A janela do quarto permanecia aberta e o vento soprava agitando as cortinas.

Não havia dúvida, Alex havia ido embora antes do amanhecer. Largando o lençol, levantou-se e vestiu o robe, caminhando para a janela e olhou para fora. A claridade mais forte a fez fechar os olhos por uns instantes. O dia começava com todo seu esplendor.

Considerou que se enganara ao pensar que Alexander iria quebrar a rotina por sua causa. Mas se contentava por tê-lo tido em seus braços gentil, sincero, amável. Tinha de encarar os fatos: essa relação, se é que podia chamá-la assim, não podia ter futuro. Sempre soubera que Alexander seria um homem impossível para ela.

Resolveu vestir-se e cuidar da própria vida, já que não adiantava lamentar e desejar tê-lo encontrado em sua cama, acordando-a com um beijo de bom dia.

Espreguiçando-se e lutando com o mau humor, começou a preparar-se para mais um dia de trabalho.

Apesar de todo o comentário dos jornais e as fotografias em que vira os escombros a que ficara reduzida a sua sala, mal acreditou quando a viu de perto. Atônita, observava-a de onde fora um dia a porta.

As paredes estavam escuras e totalmente danificadas, a janela desaparecera num

buraco ainda maior, que agora já se encontrava tampado com madeiras para evitar algum acidente.

Os móveis pareciam ter virado cinzas. Não existia mais o carpete.

Muitos objetos que estimava haviam sido destruídos; a fotografia com sua irmã, que ficara sobre a mesa ao lado das flores que ganhara de Alexander, suas anotações de cena, as fitas com as trilhas sonoras e outras coisas. Ali estavam pulverizados meses de trabalho. Algumas coisas poderiam ser substituídas, outras, jamais.

A peça que escrevera e que esperava ver encenada um dia havia se desintegrado, assim como a que estava concluindo.

Não tirara cópias e possuía apenas um esboço da primeira, mas nem valeria a pena tentar reconstituí-las. Talvez fossem bobagens, mas eram seu trabalho e doía-lhe fundo saber que trabalhara em vão.

Arriscou-se ainda a entrar e andar entre os restos carbonizados. Perguntava a si mesma se ainda teria forças para continuar seu trabalho.

Ficara entre os destroços na semi-escuridão não sabia por quanto tempo, a única luz vinha do corredor e das frestas que cobriam o buraco da janela.

A um certo momento, pensou ter escutado uma voz familiar, mas não se incomodou em saber quem estava no corredor conversando. Em seguida essa mesma voz chamou-a e a fez virar-se, surpresa.

— Chris! Eu não acredito! — exclamou, correndo de encontro à irmã e abraçando-a com força. — Estou tão feliz que tenha vindo.

— É claro que eu vim. Corri para o aeroporto assim que fiquei sabendo do que aconteceu. Só encontrei passagens para a noite passada.

— A que horas você chegou a Cordina?

Chris suspirou por ver a irmã sã e salva, podia respirar aliviada. Procurou esquecer a apreensão que passara no dia anterior até que conseguisse passagem.

— Cheguei esta manhã e passei no palácio antes de vir para cá. Acho que estaria

lá, na frente do portão até agora se Bennet não tivesse me visto. Os guardas não estão deixando ninguém entrar no palácio. Você pode me dizer o que anda acontecendo por aqui?

— Depois conversamos sobre o assunto. Estou meio deprimida com o que perdi, minha sala está um horror.

— Não fique assim. As coisas materiais são pouco perto do que poderia ter acontecido com você.

Chris viu a abertura onde fora a porta da sala e foi dar uma olhada.

— Isso aqui era sua sala? — ela perguntou horrorizada ao ver o recinto.

— Reeve ainda me disse que era uma bomba plástica pequena, senão o dano teria sido maior.

— Eu prefiro nem pensar no que uma bomba maior poderia fazer. Eu e papai quase ficamos loucos querendo notícias. O príncipe Armand nos telefonou e afirmou que você estava bem, mas os jornais noticiavam tantos fatos extras, fazendo ligações entre o atentado e grupos de tráfico de drogas e tudo mais...

— Eu sinto muito, Chris. Tentei telefonar, mas só encontrei sua secretária eletrônica. Papai estava sempre em reuniões.

— Eu vim buscar você, Eve — Chris informou de súbito.

— Não adianta, eu não vou sair de Cordina enquanto não cumprir o meu contrato. Tive uma reunião rápida com meu pessoal hoje de manhã e todos concordaram comigo. Até imagino que Alexander tenha telefonado para você pedindo para vir me convencer, mas é inútil.

— Eve, seja razoável! — a irmã pediu, ajeitando-lhe a franja sobre a testa.

— Por favor, tente entender minha situação. Eu vim aqui para produzir as quatro peças e vou produzi-las de um jeito ou de outro. Caso contrário, eu não iria suportar a frustração depois.

— Eu sei o que o trabalho significa para você, Eve. Mas não vale o risco da sua vida.

— Ninguém está me perseguindo aqui, Chris. Não vou ser mais perturbada. E não quero mais falar no assunto.

Eve levou a irmã a uma outra sala que improvisara como sua e trouxe café de uma das salas dos diretores. Sentou-se ao lado da irmã e começou a tomar seu café.

— Eve, quero que saiba que não desisti de fazer você reconsiderar, mas enquanto eu a convenço, por que não me conta como estão as coisas por aqui?

— Eu não pensei que essa viagem fosse acabar ficando tão tumultuada.

— É verdade o que contam os jornais? Dizem que você está envolvida com Bennet. Eu não acreditei quando li.

Eve começou a rir.

— Até você, Chris? Não, não é verdade.

— E como está Alexander? Conseguiu se entender com ele?

— Por incrível que pareça, depois de brigarmos bastante, nos tornamos amigos.

— Você pensou bem no que me disse? Vocês nunca se suportaram.

— Eu o achava arrogante, insensível. Mas ele tem estado muito diferente de uns tempos para cá.

Chris tocou-lhe o queixo, obrigando-a a olhá-la nos olhos.

— Será que há algo mais nessa história que você não está me contando?

— É tão evidente assim? — Eve indagou e, ao ver o gesto de cabeça afirmativo da irmã, sentiu-se compelida a confessar-lhe seu envolvimento com Alexander.

— Nós estamos nos encontrando e temos passado horas deliciosas. O pior de tudo é que estou me apaixonando.

— O pior, por quê? O que Alex sente por você?

— Se importa comigo, é carinhoso, mas é muito difícil saber ao certo o que se passa em sua mente, em seu coração.

Mas também não me interessa.

— Como não interessa?

— Não sou tola, Chris, e sei que seria impossível haver algo mais sério entre nós. Ele é um príncipe e eu uma plebéia americana. Além do mais, um compromisso com ele implicaria em uma mudança muito radical em minha vida. Não sei se estaria disposta.

— Gabriella se casou com um americano, se esse for o problema.

— Mas ela não é a herdeira do trono. Além de tudo, sou uma profissional respeitada, eu nunca deixaria o meu trabalho para viver em Cordina. Por que estou falando nisso? Não há nada de sério entre eu e Alexander.

— Eve, uma mulher de negócios não significa uma mulher solitária. Está me surpreendendo e me decepcionando.

Você sempre lutou pelo que quis na vida.

— Esse é o problema, não estou bem certa de que Alexander é o que quero.

— Você está com medo e vai acabar se machucando muito. Você gosta dele mais do que quer admitir.

— Não vamos mais falar nisso. Tudo vai se resolver como tempo.

Chris se levantou e foi até a janela dar uma espiada no movimento da rua. Curiosos vez ou outra paravam em frente ao teatro para olhar para a janela destruída e coberta com as tábuas.

— Você tem um tempo para fazer compras comigo? —

indagou.

— Compras para quê? ,

— Eu trouxe poucas roupas. Pensei que íamos pegar o primeiro avião para Houston.

Eve levantou-se e a abraçou.

— Então você vai ficar!

— Claro! Você acha que consigo arranjar um quarto para me alojar no palácio?

Ela sorriu e deu um beijo no rosto da irmã.

— Não tenha dúvidas. Os Bisset vão ficar contentes em ter você aqui.

O jantar daquela noite foi informal e familiar. Sentavam-se à mesa Bennet, Eve, Chris, Gabriella e os garotos. O dia passara rápido para Eve que recomeçara o seu trabalho, tendo inúmeros problemas à sua espera. Fora obrigada a deixar a irmã fazer compras sozinha durante o dia.

Durante o jantar, Bennet tentou fazer algumas de suas piadas, mas nem assim conseguiu esconder sua própria preocupação com tudo o que vinha acontecendo em Cordina.

Logo que terminou a refeição, pediu licença para sair.

Alexander, Armand e Reeve cumpriam uma extensa lista de compromissos, passando de uma reunião a outra, desde o início da tarde.

Gabriella também pediu licença para se retirar e levou os garotos para dormirem com a ajuda de Chris. Haviam decidido que depois iriam colocar a conversa em dia. Vendo que ficaria sozinha, Eve se levantou e foi para o seu quarto. Havia tomado um banho refrescante no final da tarde ao chegar do teatro e agora vestia uma camisola de cetim azul. Abriu bem a janela e colocou a máquina de escrever na sala de seus aposentos que transformara num miniescritório.

Escreveu no alto da primeira página: *Ato I, Cena I*. As suas peças haviam sido destruídas e podia culpar apenas a si mesma por não ter feito cópias, nunca imaginara que um acidente como esse pudesse acontecer um dia.

Analisou que escrevera as duas primeiras peças numa época em que tinha pouca experiência com teatro. A segunda

não havia sido terminada. Agora teria a oportunidade de fazer algo mais profissional.

Dessa vez faria uma peça para ser produzida realmente e talvez ela mesma

dirigisse o seu trabalho em cena.

Em questão de algumas horas, havia um cesto quase cheio de papéis amassados, mas em compensação, tinha várias folhas datilografadas com o início de um trabalho fascinante.

Tirou a última folha de papel da máquina e começou a ler o que já escrevera. Concluiu que estava no caminho certo.

Entusiasmada, começou a reler e fazer as modificações que achava necessárias.

Quando Alexander entrou no quarto dela, encontrou-a trabalhando com vontade. Viu-a de costas, os cabelos negros fazendo um lindo contraste sobre o tecido azul.

Eve era o tipo de mulher que conseguia ter uma suavidade incomum em alguns momentos e uma fibra invejável quando necessário, refletiu.

Admirava-o a maneira com que se empenhava em seus projetos. Com certeza, nada a poderia impedir de concluir algo a que se propusesse fazer.

Encontrara muitas mulheres bonitas durante sua vida, que caíam a seus pés no momento que quisesse, mas nenhuma conseguira conquistá-lo dessa maneira. Eve sabia impor suas necessidades e possuía um orgulho de que ele gostava, apesar de tudo.

Sabia o risco que significava amar. Nunca havia colocado seus interesses e os seus sentimentos acima das exigências de seu país.

Talvez Eve fosse a única mulher com quem poderia passar toda uma vida, refletiu, olhando-a em silêncio.

— Você não deve trabalhar demais, Eve.

Ela nem precisaria se voltar para saber quem estava ali.

Sorrindo, levantou-se e o encarou.

— Você deve ter trabalhado muito mais que eu hoje. Está com o aspecto cansado, Alex. Pensei que já estivesse dormindo.

— Tive muitos compromissos. — Ele se aproximou. —

Sinto muito por não poder ter estado com você esta noite no jantar, mas eu nunca deixaria de vir vê-la antes de me retirar.

Abraçaram-se e depois de um longo beijo, ela declarou:

— Eu estava preocupada com você. Eu esperava que aparecesse mais cedo.

— Não havia necessidade de se preocupar. Eu estou no palácio desde a tarde. Estava em reunião no escritório do meu pai.

— Pensei em perguntar aos outros onde você se reunia com Reeve e seu pai, mas julguei melhor não perguntar.

— Ora, Bennet e Gabriella teriam lhe dito.

— Você já jantou? — ela indagou.

— Comemos um pouco na sala do meu pai. Ouvi dizer que sua irmã está em Cordina.

— Chegou esta manhã. — Eve foi até um móvel baixo e abriu uma porta pequena de onde tirou uma bebida e duas taças.

— Chris se acalmou agora, mas a encontrei muito preocupada comigo. Espero que Gabi a convença de que não há com o que se preocupar.

— Talvez eu e Chris juntos possamos dar um jeito de convencer você a voltar para os Estados Unidos.

Ela lhe entregou uma das taças e tomou um gole da outra.

— Vocês não têm nenhuma chance. Eu não vou embora, Alex — afirmou colocando uma fita de músicas suaves no aparelho de som.

— Eu sei o quanto você é determinada. Mas se não quisesse tanto que você ficasse, a faria ir embora — ele retrucou.

— Seria perda de tempo tentar, mas foi bom ouvi-lo dizer que quer que eu fique.

Alexander abraçou-a de lado e pegou uma das folhas datilografadas.

— O que você está escrevendo? Uma peça de teatro?

Pelo título não é nenhuma das que vocês vão apresentar aqui.

— Não é nada de especial. É um drama sobre uma pessoa que sonha demais, quero dizer, *vai ser*.

— Claro! É você quem está escrevendo.

— São só bobagens. Não leia por favor. Ainda não terminei. — Ela tentava tirá-lhe as folhas das mãos.

— Não acredito que você dedicaria seu escasso tempo de sobra para escrever bobagens. Você nunca me disse que gostava de escrever, *chérie*.

— Talvez seja apenas mais uma escritora medíocre, portanto não vou fazer propaganda do que escrevo, mas isso me realiza.

— Você é muito suspeita para fazer um julgamento desses sobre o seu próprio trabalho, é muito exigente consigo mesma.

Alexander começou a ler a peça com interesse.

— Está muito crua ainda, tenho de fazer uns acertos! —

Eve procurava dissuadi-lo de ler, enquanto ele não se incomodava com os comentários.

— É a primeira que você escreve?

— Não, já é a terceira.

— Deixe-me ver uma das outras. Eu levo para ler e depois lhe devolvo — Alex pediu, entregando-lhe a peça que estava sendo escrita.

— É impossível, as outras duas foram destruídas na explosão e eu não tinha cópias.

— É uma pena. Pelo que li, você não escreve tão mal quanto diz. Pareceu-me

bastante interessante.

— Já me conformei com a perda. Agora as considero como ensaios. Esta última peça vai ser pra valer.

— Eu sei que se você se compromete a fazer algo, não há o que a impeça. — Ele aproximou-se e a abraçou. — Mas não vamos ficar a noite toda falando de trabalho.

— Pode apostar que não — ela sussurrou com um sorriso maroto.

— Você está tentando me seduzir? — Alexander indagou, brincando ao vê-la abrir-lhe a camisa.

— Não, eu já seduzi você. Alguém mais fez isso com você antes?

— *Mademoiselle*, eu sou um *gentleman*, não iria me gabar dos meus casos amorosos.

— Só espero que não tenha tido nada com aquela inglesa de sete anos atrás.

Ele puxou-a contra seu corpo com mais força e olhando-a nos olhos, exclamou:

— Sete anos é muito tempo. Se houve algo, foi insignificante porque já esqueci. Mas de você eu nunca vou me esquecer.

Eve beijou-o e o levou para o quarto anexo, tirando-lhe a camisa.

— Eu esperei o dia todo para estar aqui com você —

disse percorrendo o peito másculo com as mãos.

— Eu também esperei com ansiedade, o dia todo trabalhei pensando em você e no momento que iríamos ficar a sós.

Eve diminuiu as luzes do quarto, deixando-o na penumbra. O aparelho de som na sala ao lado ainda funcionava tocando uma música romântica. Ela se afastou deixando-o acabar de se despir.

Depois, Alexander retirou a camisola de Eve acariciando-lhe as costas com as mãos espalmadas, depois a cintura, os quadris, as coxas e finalmente apertou-lhe

as nádegas.

Prosseguindo em suas carícias, deteve o olhar nos seios firmes de mamilos rosados que pareciam à espera de beijos e uniu o pensamento à ação com volúpia.

Enlaçando-a em seus braços, enterrou o rosto entre os cabelos perfumados, mordendo de leve o lóbulo da orelha, deslizando os lábios em seguida para os ombros macios, percebendo a pele arrepiar-se.

Eve abraçava-o também, deslizando as mãos pelas costas largas, sentindo com prazer a respiração quente e os lábios úmidos em sua pele.

Alexander pegou-a no colo e a levou para a cama.

Deitando-se ao lado de Eve ele começou a acariciá-la mais intimamente.

Ela estremecia ao contato quente e úmido dos lábios e da língua em seu corpo e não suportando esperar mais, puxou-o para si. Entendendo a mensagem, Alexander possuiu-a.

Pertenciam apenas um ao outro naquele momento.

Estavam longe das obrigações, dos impedimentos e de qualquer barreira que pudesse separá-los. Ao atingirem o orgasmo, abraçaram-se com mais força.

Alexander deitou-se ao lado de Eve e deu-lhe um beijo no ombro, desejoso de lhe dar todo o carinho que pudesse. Ao vê-

la sorrir, aninhou-a em seu peito, abraçando-a com força.

CAPITULO XI

Eve acordou antes do amanhecer com um movimento de Alexander a seu lado. Estava escuro ainda, mas pela pouca claridade que vinha da janela aberta, pôde observar-lhe o vulto.

Ele inclinou-se sobre ela e a beijou na testa.

— Alexander! — ela chamou e estendeu os braços na tentativa de trazê-lo para a cama.

— Volte a dormir — Alex sussurrou. — Ainda é cedo.

— Não vá ainda. Por que precisa ir tão cedo?

Ele sorriu e acariciou-lhe o rosto. Depois tomou-lhe a mão e deu um beijo leve. Eve aproveitou para segurar-lhe a mão.

— Será que não pode ficar apenas mais uma hora comigo?

Alexander olhou-a na semi-escuridão, adorando vê-la deitada com os cabelos esparramados no travesseiro. Bem que gostaria de poder ficar ao lado dela um pouco mais, esperando amanhecer. No entanto, precisava partir.

— Não seria nada aconselhável ficar. Tenho compromissos importantes!

— *Aconselhável!* — a voz de Eve soou indignada. —

Você está com medo de ser surpreendido saindo do meu quarto, por isso quer ir embora antes que alguém esteja acordado.

— É melhor eu ir agora.

— Melhor para quem?

Ele arqueou as sobrancelhas, num gesto que pareceu a ela de arrogância e surpresa por estar sendo questionado sobre algo.

— O que vem acontecendo entre nós não interessa a mais ninguém. Não se

esqueça de que, para o público, você ainda tem um compromisso com meu irmão.

Eve deu um salto na cama, sentando-se e puxando o lençol para cobrir-se.

— Escute bem, Alexander. Talvez realmente alguém se surpreenda vendo você sair do meu quarto de repente. Sabe por quê? Porque estamos tendo um caso secreto, que você morre de medo que se torne público. Eu esperei mais de você.

Alex ficou em silêncio por ura instante, embaraçado.

— Ouça, Eve. Já temos bastante fofoca sobre nós dois circulando por aí sem que alguém saiba sobre os nossos encontros. As fotografias tiradas depois do atentado colocaram

a imprensa em polvorosa porque estávamos o tempo inteiro abraçados. Vão tentar usar isso para explorar o fato de que você tinha um caso com Bennet e agora está comigo. Ainda não publicaram matérias desse tipo porque é uma acusação grave que pode fechar os jornais se não forem absolutamente verdadeiras. Se tiverem qualquer prova, no entanto, vai ser um escândalo.

Ela fechou os olhos por um segundo entendendo os motivos, mas ainda não concordando. Sentia-se ferida em seus sentimentos apesar de qualquer razão que ele pudesse lhe dar.

— Eu não tenho vergonha de gostar de você e de estarmos juntos. Alexander suspirou, baixando a cabeça.

— Então é isso. Você acha que eu tenho vergonha de você.

— O que você quer que eu pense? Você só me procura quando estamos completamente sozinhos, vem para o meu quarto quando todos estão dormindo e sai antes do amanhecer.

Nunca me levou para lugar algum fora do palácio. Claro, tivemos horas maravilhosas aqui, mas nossos encontros serão sempre furtivos? Não pense que vou suportar isso.

Ele tentou abraçá-la, mas Eve se retraiu, afastando-se.

— Eu não me envergonho de você! Como pode pensar algo assim. Você é uma mulher encantadora, inteligente. É tudo o que um homem poderia desejar.

— Mas será que sou tudo o que *você* poderia desejar? —

Ela calou-se por um minuto para evitar que começasse a chorar.

Deixou-o acariciar seus cabelos dessa vez, mas continuou a falar. — Não estou lhe pedindo que assuma qualquer compromisso comigo. Quero apenas que não fique tentando esconder o que sentimos um pelo outro. Não sei nem mesmo se

este relacionamento vai durar, mas enquanto durar, quero não ter de me envergonhar dele.

Alex se levantou depois de beijá-la, mas não deu resposta. Sentia-se confuso demais. Apanhou suas roupas e começou a se vestir.

— Não quero magoar você! — murmurou.

— Já magoou, Alexander.

Ele fitou-a e teve um ímpeto de acariciá-la e apertá-la contra o peito, mas se refreou, suspeitando que não seria aceito.

— Precisamos de tempo para conversar. Mas não pode ser agora! Eu também não estou contente com a situação, Eve.

Mas não posso discutir isso com você neste momento, tenho mesmo alguns compromissos...

— Claro, não pode ser agora que estou sofrendo! — ela disse com amargura.

Alexander se aproximou e a beijou, não se importando de vê-la rejeitá-lo. Vestido, foi até a porta que ligava o quarto com a sala transformada em escritório e parou para fitá-la.

— Tenho muitos sentimentos por você, Eve, mas não vergonha. — Sabendo que não conseguiria dizer tudo o que queria nesse instante, pediu: — Você me espera hoje no teatro depois do trabalho? Eu vou encontrar uma maneira de estar lá as seis em ponto.

Ela não olhou para ele. Apenas suspirou fundo e disse:

— Tudo bem, eu espero.

— Durma um pouco mais — a voz grave recomendou antes que a porta se fechasse suavemente.

Eve encolheu-se na cama, abraçando-se com força.

Nunca experimentara tanto desamparo, solidão e sentira-se tão perdida.

Soubera o tempo todo que seria assim, considerou.

Julgara-se racional e forte o bastante para entender que tudo não passaria de uma aventura agradável que um dia recordaria.

Mas fora tola demais, imaginando que não se envolveria. Só agora compreendia que desejava mais de Alexander do que algumas noites românticas.

Concluindo que não adiantaria ficar se martirizando e se lamentando consigo mesma, levantou-se e foi à janela respirar o ar fresco. Decidiu que não se queixaria nem se arrependeria do que havia acontecido.

Sabendo que não voltaria a dormir, resolveu que tentaria escrever um pouco antes do amanhecer.

Quando Alexander entrou na biblioteca e escritório de Armand pela manhã, encontrou Reeve, Bennet e os demais já sentados e esperando-o. Conversavam sobre o assunto que havia tomado a maior parte do tempo de suas preocupações nos últimos meses. O crescente número de atos terroristas.

Armand, sentado numa poltrona confortável, fumava com uma certa ansiedade que não conseguia dissimular.

Reeve encontrava-se ao lado de Bennet, com várias pastas espalhadas na grande mesa. O chefe da Inteligência de Cordina, Malori, mantinha-se calado e, com um ar grave, soltava baforadas do cachimbo.

Vários outros homens ligados à segurança de Cordina haviam comparecido, mesmo depois da reunião longa e exaustiva da noite anterior. Decidiram que se

concentrariam no

assunto dos atentados até que alguma resolução concreta pudesse ser tomada.

Havia sido de comum acordo a consideração de que locais de grande concentração de população deveriam ter uma forte proteção policial, como os aeroportos e estações de embarque e desembarque de passageiros de viagens internacionais.

Discutiriam ainda o espetáculo que a Companhia Hamilton daria dentro de uma semana, com a duração de praticamente um mês, com oito apresentações divididas entre as quatro peças. Pessoas importantes estariam presentes nos eventos e precisavam tomar uma decisão urgente.

— Reeve, você acha que a proteção que estamos dando ao teatro e à srta. Hamilton é suficiente? — Armand indagou.

— O teatro está bem guardado e Eve tem bons guarda-costas. O telefone está grampeado, mas o fato de que o telefonema que ela recebeu no dia da explosão da bomba em sua sala veio de dentro do teatro nos desarma. O máximo que pudemos fazer foi uma busca, procurando possíveis bombas instaladas. Temos um suspeito, mas nenhuma prova.

— Uma das maiores características dessa organização terrorista é a ousadia. Frequentemente desafia e dribla nossas medidas de segurança. — Malori deu mais uma baforada no cachimbo e se inclinou para a frente, em direção a Armand. —

Alteza, a experiência e os dados que acumulamos até agora, me levam a crer que a srta. Hamilton obviamente corre perigo, assim como seu grupo e todas as pessoas que irão assistir às peças no teatro. Não temos como garantir uma proteção infalível para todas essas pessoas.

— Então o senhor é de opinião que os espetáculos deveriam ser suspensos. — Alexander observou, pensando que

isso implicaria no afastamento de Eve, mas se fosse para o bem dela, concordaria.

— O fato é que teríamos de ser mais rápidos e desarticular essa pessoa infiltrada

no teatro, pode ser até mesmo algum dos nossos seguranças. Se cancelarmos os espetáculos, instalaremos pânico no país e estaremos incentivando outras ameaças — Reeve retrucou.

— Não se esqueçam de que temos apenas uma semana

— Malori lembrou.

— Poderíamos esperar um pouco mais. As investigações estão tendo avanços rápidos. O terrorista já cometeu um erro telefonando do teatro para Eve. Talvez cometa outro engano.

Caso não consigamos apanhá-lo a tempo, temos uma alternativa. Podemos transferir os espetáculos para outro teatro menor, mais fácil de ser protegido e contendo menos pessoas.

Seria uma solução para não darmos o braço a torcer aos terroristas.

— A srta. Hamilton e sua companhia teatral concentrando um grande público podem ser um ponto vulnerável perfeito que os terroristas encontrariam para nos atingir — Malori argumentou.

Alexander pensou no desapontamento que Eve sentiria se suas peças fossem canceladas.

— Reeve, Bennet acabou de dizer que as investigações estão conseguindo avanços rápidos. É verdade?

— Sim, Alex. Vou apresentar os fatos no próximo tópico.

— Então poderíamos ouvir primeiro o que você tem a dizer, refletirmos até amanhã e tentar chegar a uma conclusão sobre essas apresentações na reunião que faremos ainda amanhã.

— Não temos tempo para isso, Alteza — Malori contra-argumentou.

— Vamos esperar até amanhã, sr. Malori — Alexander disse com firmeza e Armand confirmou com um gesto de cabeça.

A reunião prosseguiu. Reeve expôs o que as investigações haviam apurado e deu

uma boa notícia. Com a ajuda da Interpol, tinham conseguido interceptar um grupo pertencente à organização e seria o momento de colocar seu agente secreto dentro desse grupo. Os assuntos foram discutidos e, por fim, Reeve encerrou:

— Para segurança do nosso agente e também nossa, foi decidido que apenas eu, Malori e Sua Alteza o Príncipe Armand de Cordina devemos saber da identidade desse homem que irá se infiltrar na organização. Mesmo assim, o fato de que essa operação está sendo posta em prática é do conhecimento de todos. Quero lembrá-los, embora seja desnecessário, que o sucesso dos nossos esforços depende do máximo segredo em que mantivermos essa missão. Não sabemos quanto tempo esse plano pode levar para apresentar os primeiros resultados e quanto menos se discutir esse assunto informalmente, mesmo entre nós, melhor será.

— Obrigado, Reeve — Armand tomou a palavra. —

Quero ser mantido informado regularmente sobre essas operações secretas. Gostaria de ver o extermínio dessa organização antes do final da minha vida.

Percebendo que a reunião fora dissolvida, todos se levantaram. Alexander, que terminava um cigarro dos inúmeros que havia fumado, amassou-o no cinzeiro e se dirigiu ao pai:

— Papai, se tiver um minuto, gostaria de conversar com você.

Bennet, que ficara na sala, compreendeu a situação e antes de sair colocou a mão no ombro do irmão, apertando-o em solidariedade. Sabia de antemão qual seria a conversa. Saindo, fechou a porta, deixando-os a sós.

— Quer que eu mande trazer um café para nós? —

Armand indagou, percebendo o nervosismo do filho.

— Para mim, não precisa. Para falar a verdade, estou com pressa. Vou a Le Havre recepcionar o navio que está trazendo aqueles nobres ingleses. Eles vão passar umas horas aqui, em escala.

— Então vamos direto ao assunto.

— Nós nunca conversamos sobre nossa vida pessoal, papai. Mas hoje estou

precisando de um conselho ou simplesmente de um amigo que me ouça. Você foi a única pessoa em quem pensei.

— Fico contente por você ter me procurado. Sempre foi tão fechado. Preocupava-me muito com o seu modo excessivamente reservado. Pode confiar em mim.

— Quero lhe falar sobre Eve.

— Eu já imaginava, filho. Você vai perguntar por que e eu vou responder que Bennet conversa bastante comigo. Já lhe digo antes que posso compreender o que você está sentindo.

— Eu e Eve temos nos encontrado. No início pensei que fosse algo passageiro, mas agora estou apaixonado. Sei que é um sentimento forte. Chegamos a um ponto em que ou assumimos esse relacionamento de maneira séria, ou nos afastamos.

— Qual é o problema? Você está indeciso?

— Eu gosto dela. Eve é a mulher que sempre desejei.

Mas como vou saber se é uma escolha acertada?

— Você não vai saber se não tentar. Quando me casei com

sua

mãe,

sabia

que

estava

assumindo

uma

responsabilidade muito grande. Eu tinha apenas vinte e dois anos, mas gostava

demaís dela. Sua mãe era filha única e quando seu avô morreu, deixou-me como herdeiro do trono.

Assumi o nome dos Bisset e governei ao lado de Elizabeth. Foi difícil, mas a nossa união venceu todos os obstáculos e foi a coisa mais maravilhosa que poderia ter acontecido para mim.

— Eu não sei se Eve concordaria em deixar sua vida de empresária.

— Se ela o amar, vai entender que você nunca poderia abandonar seu país e ser feliz. Eu não assumi o nome da família da sua mãe para perpetuar a dinastia? Reeve não abandonou sua vida na América para vir cuidar do nosso país, do nosso lado? Eve tem condições absolutas para governar Cordina junto com você um dia, mas é preciso ter certeza de que está pronta para assumir esse desafio.

— Você sabe o quanto é difícil para mim pensar em apresentar à sociedade uma futura esposa que não pertence à nobreza e é estrangeira — Alexander afirmou, atento para a resposta de seu pai.

— Você está sendo mais tolo e antiquado que seu próprio pai. Não seria a primeira vez que um príncipe se casa com uma plebéia. Se você a ama, enfrente o mundo por ela! Haverá quem se oponha, mas o que poderá fazer? — Armand sorriu e disse a si mesmo: — Onde está o romantismo desses moços?

Alexander sorriu e o pai voltou a perguntar-lhe:

— O que você veio fazer aqui mais especificamente, pedir o conselho ou a aprovação do seu pai?

— Quero tanto o conselho quanto a sua aprovação.

— Então eu digo que a sua escolha, se for feita, me deixa muito feliz. Eve seria uma princesa de que Cordina poderia se orgulhar. Mas não a faça sofrer com seus preconceitos bobos.

— Essa foi sua aprovação. Agora me dê o seu conselho.

— A vida de um governante é muito solitária. Você poderá confiar em poucas pessoas. Vai precisar de uma mulher forte que possa apoiá-lo e ajudá-lo a tomar suas decisões. Isso é muito importante. A escolha será sua, mas preste atenção ao

que ouviu de mim.

— Sou eu quem quer protegê-la e ampará-la.

— Uma coisa não exclui a outra. — Armand se levantou e foi até uma gaveta numa estante de livros, apanhou um objeto e entregou-o ao filho, apertando-lhe o ombro com a mão livre e olhando-o nos olhos. — Tenho algo para lhe dar.

Alexander fitou-o percebendo que era um momento solene. Abrindo a caixinha que recebera, encontrou uma aliança. O pai lhe declarou, sorrindo:

— O tempo não pára e faz muito tempo desde que dei essa aliança à sua mãe quando a pedi em casamento. Ficaria muito feliz se você a oferecesse a Eve, caso resolvam firmar um compromisso.

— Estou comovido com seu gesto, pai. Vou ficar orgulhoso de poder entregar essa aliança a ela. Mas não lhe prometo nada, eu e Eve ainda temos de conversar. Vamos nos encontrar esta tarde para um diálogo franco.

— Traga-a aqui quando ela estiver usando esse anel.

Eve saiu de um dos depósitos onde alguns rapazes faziam os últimos retoques nos cenários que seriam utilizados na última peça a ser apresentada.

Dirigia-se ao palco principal onde o elenco que abriria o ciclo de espetáculos ensaiava. Em questão de alguns dias, a estréia aconteceria e mais um mês e poucos dias estaria de volta aos Estados Unidos. Na volta provavelmente receberia inúmeras propostas para apresentações de sua companhia.

Nessa manhã recebera um comunicado de Nova York de que havia um grupo interessado em financiar uma temporada teatral em Los Angeles.

Até então não pensara no retorno, mas agora já começava a se preocupar com o assunto.

Ocupou uma das cadeiras de lona colocadas do lado direito do palco e se pôs a assistir ao ensaio com atenção. Os atores já ensaiavam com as roupas, maquilagem, sonoplastia, luzes e o cenário em sua versão final.

Com o desenrolar das cenas, concluiu que os diretores e o resto do pessoal

estavam fazendo um trabalho perfeito.

Orgulhava-se de ter organizado esse evento que seria um acontecimento em Cordina. Sorria para si mesma com satisfação quando ouviu alguém lhe dizendo por trás:

— Está uma beleza!

— Bennet? — Ela virou a cabeça para olhar para o amigo.

— O que está fazendo aqui? Isto deveria ser um ensaio a portas fechadas.

— Mas é claro que essas portas não estariam fechadas para mim.

Eve olhou ao redor e reparou que havia vários guardas de segurança na platéia.

— Pensei que tivesse um compromisso para esta manhã.

— Tive mas já acabou. Não se preocupe, não estou fugindo de nenhuma obrigação de Estado. Apenas pensei que poderia passar por aqui e ver como as coisas vão indo.

— Se você está procurando Doreen, saiba que está ensaiando, embora não esteja em cena agora.

— Depois eu posso vê-la. Você não me oferece um café?

Vamos sair logo ou o diretor vai nos mandar calar a boca daqui a pouco.

— Tenho uma sala improvisada e comprei outra cafeteira elétrica. Vamos até lá.

Bennet a seguiu analisando que nem pensara em Doreen enquanto se encaminhava para o teatro. Outra razão o levava até ali. Na sala de Eve, com o café nas mãos, procurou entrar no assunto.

— Pelo que vi, os ensaios estão na parte final. Você tem bastante contato com os artistas e o pessoal que trabalha para você, não é verdade?

Dois seguranças ficavam andando pelos corredores. Eve observou-os passarem em frente à sua porta antes de responder.

— Por que a pergunta? Há algo que eu precise saber?

— Percebi que você tem um bom contato com todos aqui.

Só curiosidade. Tenho a impressão de que você conhece todos, tanto profissional quanto pessoalmente.

— Alguns mais que os outros. Os diretores conhecem-nos melhor. Tenho mais contato com certas pessoas do grupo, sempre existem os que são mais tímidos. Gosto de todos no geral, temos boas relações.

— Quantas pessoas trabalham para você?

— Depende da produção.

— Vamos considerar esta em especial. Quantos são?

— Por que quer saber? — ela franziu as sobrancelhas, fitando-o com espanto.

Bennet tossiu, para ganhar tempo e encontrar uma resposta. Pegou mais café e sentou-se de novo.

— Fiquei curioso, vendo tanta gente aqui. Eve levantou-se e encarou-o, cheia de suspeitas.

— Você nunca se preocupou com esses assuntos antes.

Só quero saber por que está fazendo esse interrogatório.

Ele nada respondeu e continuou a tomar o seu café.

Depois se levantou e enlaçou-lhe os ombros.

— Vamos ver os ensaios! — exclamou.

— Ben, eu pensei que você fosse meu amigo.

Considerando as suas perguntas e tudo o que vem acontecendo, sou levada a crer que há algum problema com o meu grupo de profissionais. Se quer saber algo, por que não me pergunta abertamente? Prometo responder. Agora me diga o que o meu pessoal tem que ver com as suas investigações.

Bennet se retraiu e sentou-se na borda da escrivaninha.

— Não posso lhe dizer porque são assuntos oficiais. Mas preciso das suas respostas para ajudar na investigação.

— Então, na realidade há uma investigação. Pare de brincar comigo, Ben, e me conte o que puder.

Ele titubeou por um momento, depois analisou que se tratava de uma amiga da família e sua em especial. Poderia dizer-lhe apenas o essencial.

— Eve, você deve concordar comigo de que devemos pensar em todas as possibilidades.

— Que possibilidades?

— Vou ser mais claro. A segunda chamada telefônica que você recebeu do seu amigo anônimo foi feita daqui de dentro do teatro. Não pudemos especificar de que lugar exato.

— Eu não posso acreditar — ela murmurou, sentando-se.

— Os guardas não avistaram nenhuma pessoa suspeita entrando ou saindo daqui nas horas próximas à explosão.

— E então?

— A bomba foi instalada por alguém que tenha livre acesso ao teatro.

— Portanto, vocês estão suspeitando do meu pessoal.

— Isso é um segredo! Agora tenha calma e pense bem.

Um membro da organização internacional poderia ter se infiltrado no seu grupo para permanecer em Cordina, próximo, de alguma maneira, da família real. Devem estar tramando uma operação muito importante para se darem a esse trabalho.

— Eu não consigo acreditar no que você está dizendo. Se eu souber que alguém do meu pessoal está envolvido nessa trama, eu os mando de volta e cancelo as

apresentações hoje mesmo. Mas são todos profissionais de teatro e não assassinos.

— Não estou dizendo que são, Eve. Agora tenha calma e procure responder minhas perguntas. Você prometeu.

— Está bem. O que quer saber? — ela indagou, tentando se manter tranqüila.

— Você disse que dependendo das apresentações, tem um número de pessoas contratadas. Então você tem profissionais com contrato por serviço ou por tempo limitado.

— Correto. Tanto em relação aos atores quanto ao pessoal de bastidores.

— Notou algum comportamento estranho de algum deles em qualquer ocasião?

— Não. Nunca prestei muita atenção.

— Então, por favor, comece a observá-los e se perceber qualquer fato que seja, comunique-se comigo ou com Reeve.

Não me refiro apenas aos homens, mas também às mulheres.

Bennet e Eve ficaram conversando ainda por quase uma hora. Ao se despedirem, ele pediu-lhe sigilo absoluto. Ela garantiu que não faria nenhum tipo de comentário com ninguém e que procuraria ajudar nas investigações. Sentia que cada vez mais o chão tremia sob seus pés. Sem pensar duas vezes, esperou o amigo se retirar e telefonou para a irmã, chamando-a para fazer-lhe companhia no teatro.

Chris atendera o pedido de Eve, mas nem de longe suspeitava que algo de extraordinário estivesse acontecendo.

Eve, por sua vez, cumpriu a promessa feita a Bennet e nem mencionou o assunto do atentado com a bomba e as investigações, mesmo porque se a irmã soubesse da suspeita de que alguém do grupo teatral estava engajado com os terroristas, a obrigaria a abandonar seu projeto em Cordina.

Na parte da tarde, Gabriella passou pelo teatro na esperança de conseguir arrastar uma das Hamilton para acompanhá-la em um giro pela cidade.

Eve recusou o convite e aconselhou a irmã a acompanhar Gabi. Chris ficava muito perdida no teatro sem ter o que fazer.

Eve, tendo ficado, acompanhou os ensaios até o final da tarde.

Estranhou o fato de Alexander não a ter ido buscar nem tê-la avisado de que se atrasaria. Já eram seis e meia da tarde e não havia nem sinal dele. Todo o pessoal do teatro já havia saído e decidiu esperar mais dez minutos antes de ir embora.

Ouvindo um barulho nos corredores, como alguém que derrubasse um objeto pesado, resolveu investigar.

Passando por um corredor, deparou com Pete que trancava a porta de um dos depósitos.

— Olá, Pete. Pensei que todos já tivessem saído para jantar — observou com a voz cansada.

— Pois é. Eu também já vou,.quis me certificar de que o material estaria a salvo antes de sair.

— Não é preciso tanto cuidado agora. Há guardas rondando as imediações do teatro. Mas fico tranqüila em saber que você se preocupa.

— Obrigado. Eu estou pensando em passar em algum lugar onde possa tomar uma bebida. Você gostaria de me acompanhar? Precisa se distrair. Anda muito tensa.

— Obrigada pelo convite, mas não posso aceitá-lo. Já tenho um compromisso para o final da tarde.

— Tudo bem. — Pete sorriu amistosamente e, com um aceno de mão, se virou. Deu uns passos à frente, voltou-se e disse: — Eve, tenho certeza de que a temporada será melhor do que nunca. Você está dando tudo de si e nós também.

— Obrigada, Pete. Eu precisava ouvir isso — Eve sorriu vendo-o se afastar.

Olhando no relógio, começou a ficar aflita. Alexander nunca se atrasava dessa maneira. Perguntava-se o que ele queria discutir. Talvez viesse para dizer-lhe gentilmente que não se encontrariam mais.

Reconsiderou, analisando que Alex ainda a queria. No entanto não podia mais suportar a situação entre eles, se encontrando às escondidas. Não sabia o que lhe dera na cabeça quando cobrou dele uma posição definida quanto ao relacionamento que mantinham.

Devagar, começou a caminhar até sua nova sala.

Momentos depois sentou-se à escrivaninha, abriu um livro e tirou uma rosa que havia ganho na primeira noite que viera a Cordina, inclinou-se para trás e se apoiou no encosto da cadeira.

Encontrava-se absorta em suas divagações, o teatro no mais completo silêncio, quando ouviu o estalido. Levantou-se assustada. Fora o barulho de um disparo de arma de fogo.

Correu para fora desesperada. "Alexander" ela pensou.

CAPITULO XII

Ao ouvir o estampido surdo, Eve correu para o corredor e não encontrou nada de anormal. Caminhou até o ponto em que havia uma saída para outro corredor, num ângulo reto, continuou andando por esse caminho até que ouviu o barulho de passos apressados, vindo detrás.

Voltou ao primeiro corredor e seguiu reto, passando por sua sala. Continuou até onde o corredor fazia outra curva e foi

então que viu o corpo estendido no chão. Temerosa, não ousou se aproximar. A distância pôde perceber que não se tratava de Alexander.

Foi até sua sala e agarrou o telefone com força, percebendo como suas mãos estavam trêmulas. Procurando não entrar em pânico, consultou a lista de telefones de emergência e discou.

Ouviu o barulho da chamada soar várias vezes antes que alguém atendesse. Não tirava os olhos da porta, temendo que o assassino estivesse à espreita. No outro lado da linha informaram que era da polícia.

— Aqui é Eve Hamilton quem fala, do Centro de Artes, quero dizer, do Grande Teatro. Por favor, preciso de ajuda. Um homem foi baleado aqui. Mandem uma ambulância. Mandem policiais — pediu com a voz trêmula.

Mantendo ainda o fone na mão, ouviu vários passos no corredor. Deviam ser os seguranças, pensou.

— Aqui! Socorro! — gritou e vários homens apareceram com arma em punho.

— Srta. Hamilton? — Um dos rapazes saltou a seu lado.

— A senhorita está bem?

— Um homem foi baleado. Não sei quem é, não pude reconhecer o rosto. Fiquei com medo de chegar perto.

— Calma, senhorita. Já sabemos. Foi um dos nossos homens, já o estamos levando para ter socorro médico.

Eve teve um acesso de choro e momentos depois, conseguindo se controlar, percebeu que todos os seguranças, com exceção de um que ficara para protegê-la, haviam se espalhado pelo prédio à procura do homem que atirara.

— Se já estiver melhor, senhorita, acompanhe-me até o carro. Nós a levaremos ao palácio — o segurança ofereceu, solícito.

— Por favor, eu quero ficar aqui no teatro. Alexander ficou de me encontrar aqui. Não posso ir embora, sabendo que há um assassino à sua espera.

— A senhorita não vai poder fazer nada para ajudar aqui.

Tentaremos avisar o príncipe Alexander para não vir para cá.

Agora, vamos.

— Por favor, estou meio zozza, me conte o que aconteceu aqui. Só ouvi um tiro e tudo aconteceu tão rápido —

ela pediu, para ganhar tempo, na esperança de que Alexander chegasse.

O segurança analisou que não haveria mal nenhum em mantê-la em sua sala por mais alguns minutos e começou a narrar.

— Também ouvimos o disparo da arma e corremos para averiguar o que acontecera. Demoramos um pouco para chegar porque nos encontrávamos no andar térreo. Quando vimos o nosso colega atingido, ficamos com medo de que a senhorita estivesse em apuros. Foi quando ouvimos seus gritos.

— Então o assassino não desceu as escadas! Deve estar neste andar. Mas é estranho porque eu estava no corredor do lado oposto. Você não entende? Vá avisar os outros. O homem que procuram tem de estar numa das salas deste corredor que passa aqui em frente.

— Eu não posso deixá-la sozinha, srta. Hamilton.

Acompanhe-me.

Antes que saíssem da sala, Alexander entrou pela porta e correu a abraçá-la.

— Eve! Ainda bem que você está sã e salva. Ela abraçou-o com força.

— Alex! Eu fiquei com tanto medo por você. Há um assassino à solta aqui. Acho que estava esperando por você.

Nesse momento, os seguranças que faziam as buscas voltaram à sala.

— Alteza, não encontramos ninguém em todo o teatro.

— Continuem procurando. Avisem Reeve do que está acontecendo.

— O assassino está neste andar — Eve gritou. — Alex, ninguém quer me ouvir.

— Calma, você está muito nervosa — Alexander apertou-a contra o peito, acariciando-lhe a nuca.

Os seguranças já se movimentavam, continuando a busca. Como anteriormente, apenas um guarda-costas ficou na sala.

— Vamos embora daqui — Alexander disse a Eve que foi pegar a bolsa que deixara na cadeira.

Ao afastar-se de Alex, ela percebeu um movimento estranho na cortina e ao ver o cano da arma apontando para Alexander, pulou na direção dele e o empurrou.

Alexander caiu ouvindo o disparo da arma. Um outro disparo seguiu-se. Tombou ao chão, amparando o corpo delicado que caía sobre o seu. Ao abraçá-la, sentiu uma umidade quente em seu braço.

— Eve! Não!

O segurança aproximou-se, empalidecido.

— O homem estava escondido atrás das cortinas. Eu o matei, Alteza.

— A srta. Hamilton foi atingida. Chame uma ambulância, rápido — gritou, pegando-a no colo.

Vários homens armados invadiram a sala, correndo até o homem que havia sido atingido e morrera.

Alexander desceu as escadas correndo com Eve nos braços. O guarda-costas havia se adiantado e, ao chegar no andar térreo, alguns policiais os esperavam com uma maca, prontos para partirem para o hospital.

Apesar da resistência dos policiais, Alexander ficou ao lado de Eve dentro da viatura que faria o papel de ambulância nessa emergência.

Procurava ajudar o policial, segurando o curativo de emergência sobre o ferimento dela, no ombro esquerdo. Ouvia apenas a sirene com o barulho irritante, desejando que tudo aquilo não passasse de um pesadelo.

Apesar de seus esforços para estancar o sangue com o chumaço de algodão que servia como curativo, percebia que o filete vermelho não parava de correr.

Pareceu-lhe que séculos transcorreram até que pararam em frente ao hospital, embora não tivessem levado mais que alguns minutos no percurso.

Enfermeiros já esperavam na frente do hospital e tiraram a maca da viatura, colocando-a sobre um suporte móvel com rodas, correndo para dentro.

Alexander tentava acompanhá-lo pelos corredores brancos, com passadas rápidas.

Os enfermeiros levaram Eve por uma porta e ele foi barrado. Embora fizesse todos os esforços para acompanhá-la, teve de se conformar em ficar do lado de fora.

O policial se aproximou, chamando-o:

— Alteza, é melhor o senhor permanecer na sala que vamos reservar, assim poderemos cuidar da sua segurança. O

hospital já está todo cercado.

Percebendo que não haveria outra maneira, ele resignou-se a acompanhar o policial até uma pequena sala no interior do hospital.

Sentou-se numa poltrona que havia ali e acendeu um cigarro. Instantes depois, uma enfermeira entrou na sala.

— Como está ela, enfermeira? — indagou, ansioso.

— A senhorita entrou na sala de cirurgia agora, Alteza. O

dr. Franco está se preparando para começar a operação cirúrgica.

— Qual é o quadro clínico de Eve?

— Perdeu muito sangue, a bala atingiu a omoplata, talvez tenhamos de reconstituir o osso. A senhorita está com os sinais vitais muito fracos. Sinto muito, não posso informar mais nada.

— O dr. Franco vai me manter informado?

— Foi ele mesmo que me pediu para vir ver como Vossa Alteza se encontrava. Precisa de um calmante?

— Não. Traga-me um café.

Algum tempo depois, Chris e Gabriella entraram no saguão meio atordoadas. Havia enfrentado um enxame de repórteres na entrada do hospital.

Foram informadas de que Alexander se encontrava ali, em uma sala separada. Foram encontrá-lo em seguida. A princesa andava abraçada à amiga.

— Alex! Como está minha irmã? — Chris indagou ao vê-

lo. Tinha o rosto pálido e as mãos trêmulas.

— Está sendo operada — ele respondeu, sendo desnecessário dizer que mais nada sabia. — Não há o que fazer senão esperar, mas tenho certeza de que os melhores especialistas disponíveis estão cuidando dela. O dr. Franco, nosso médico de família já a estava esperando dentro da sala quando chegamos.

A enfermeira entrou na sala com um café e fez uma reverência à princesa.

— Posso servir mais dois cafés? — perguntou, e recebendo uma negativa se retirou dizendo que se precisassem de algo, que a chamassem. Daria informações assim que as tivesse.

Alexander andava de um lado para outro, preocupado.

Mantinha a xícara na mão e em pouco tempo tomou todo o café.

Percebeu o nervosismo de Chris e concluiu que não deveria dar mostra de sua angústia e sim procurar acalmá-la.

— Procure reagir, Chris. Você não vai querer aparecer na frente de Eve desse jeito. Vamos ser otimistas. Daqui a algumas horas vamos poder vê-la.

— Eles não disseram que Eve está sendo operada? Não vamos poder vê-la tão cedo, Alex. — ela disse desanimada. —

Bem que eu falei que seria arriscado demais continuar aqui em Cordina. Mas minha irmã é teimosa, Alex. Afirmava que não sairia de Cordina enquanto não terminasse o seu trabalho. Tinha certeza de que essa história não poderia acabar bem.

— Chris, por favor! Eve vai ficar boa. Não seja tão pessimista. Além do mais, você só está aumentando nosso peso. Vamos nos sentir culpados pelo que aconteceu. Nós a convidamos para produzir os espetáculos aqui — Gabriella retrucou.

— Não. Vocês não têm culpa de nada. Foram maravilhosos até agora, nos acolhendo e se preocupando — ela respondeu, pegando a mão da princesa num gesto de amizade.

Gabi mantinha-se ao lado de Chris, sentada num sofá, amparando-a. Alexander sentou-se numa poltrona próxima.

— Na verdade, eu sabia que Eve corria perigo — ele confessou. Sabíamos que havia alguém do grupo terrorista infiltrado no teatro. Eu ia lhe contar, mas não tive tempo. Não pensei que tudo isso pudesse acontecer. Fiquei de apanhá-la no teatro hoje à tarde, mas me atrasei. Se tivesse chegado a tempo, isso não teria acontecido.

— Vamos, Alex. Você não tem culpa de nada! — Chris procurou tranquilizá-lo.
— Conte-me exatamente o que ocorreu.

Alexander contou-lhe até onde sabia; no entanto, ainda não havia sido informado quem era o homem que tentara matá-

lo e do qual Eve o salvara.

— Eve foi atingida ao salvar sua vida, Alex? — ela exclamou no final da narrativa.

— Se ela não suportar a operação eu não sei o que vou fazer — ele murmurou.

Chris olhou-o, estranhando o desabafo.

— Eu amo sua irmã e não quero por nada desse mundo perdê-la — ele completou.

— Você já disse isso a ela? Tenho certeza de que a ajudaria a encontrar forças para sobreviver.

— Infelizmente ainda não lhe falei nada. Eu havia marcado para conversarmos hoje à noite. Eu ia lher dar uma aliança, propor-lhe um noivado. Por que tinha de ser desse jeito?

— Você vai ter tempo de sobra para conversar com ela depois — Chris afirmou, tentando consolá-lo. — Apesar da dor que estou sentindo, fico muito feliz em saber que você a ama.

— Eu sempre apostei em vocês dois — Gabriella observou com um sorriso abatido.

Nesse momento, Bennet entrou na sala.

— Onde está ela agora? — perguntou logo. Gabriella se levantou e abraçou o irmão mais novo, levando-o para o outro lado da sala.

— Eve entrou na sala de cirurgia há algum tempo.

Ficaram de nos dar mais notícias, mas ninguém vem nos dar qualquer satisfação. Alexander está muito abatido. Disse que iria declarar-se a ela e propor-lhe um noivado hoje. Tenho medo de que o caso seja grave, eu queria poder vê-la.

— De que adiantaria vê-la, Gabi? Tenho outras más notícias. O homem que tentou matar Alex era um dos atores, por sinal dos mais amigos de Eve. Perdemos a chance de ter alguém da organização em nossas mãos.

— Quem era ele? Eu o conhecia?

— Russ Talbot. Esse homem esteve o tempo todo conosco no jantar que demos em casa. Eve vai sofrer muito quando souber que um dos seus atores era o terrorista.

— Que terrível. Eu me lembro do sujeito, parecia até simpático.

— Eu tenho de voltar ao trabalho. Reeve está me esperando com papai. Vamos virar a noite em reuniões, hoje.

— Qualquer novidade, nós comunicamos vocês —

Gabriella assegurou.

Bennet se aproximou de Chris e depois de abaixar-se, apertou-lhe a mão gentilmente, vendo-a pálida e abatida ao extremo.

— Estou indo embora. Tenho de trabalhar esta noite.

Sinto não poder ficar mais tempo. Mas assim que vir Eve, diga-lhe que quero que fique boa logo. Quanto a você, não se preocupe, vai sair tudo bem.

Ele beliscou-lhe a bochecha com carinho e sorriu, pedindo retribuição. Chris esforçou-se um pouco e sorriu sem convicção.

— Eu vou embora mesmo, agora. Mas antes tenho uma notícia boa para você. Seu pai vem para Cordina. Informamos-lhe por telefone o que havia acontecido e ele resolveu vir e passar uns dias conosco, pelo menos até que sinta que Eve não corre mais. perigo de vida.

— Você não tem de sair, Alexander? — Chris indagou. —

Não precisa ficar. Eu estarei aqui e acho que Gabriella pode me fazer companhia.

— Esqueça, Chris. Nada é mais importante que Eve esta noite. Quero estar a seu lado quando acordar da anestesia.

Chris deu-lhe um sorriso comovido.

— Bennet, explique a papai que não poderei estar com você hoje, está bem? — Alexander disse ao irmão.

— Claro. Fique tranquilo. Qualquer eventualidade, eu lhe telefono — Ben afirmou e saiu no instante seguinte.

A cirurgia de Eve durou algumas horas e logo em seguida a levaram para a Unidade de Terapia Intensiva. Perdera muito sangue e encontrava-se bastante debilitada. Tendo ido conversar com Alexander logo após a operação, o dr. Franco foi sincero e afirmou que não poderia assegurar nenhum resultado.

Tudo dependeria das próximas horas.

Alex passou toda a noite no hospital, num quarto que lhe prepararam. Gabi, Chris e dois seguranças o acompanharam por toda a madrugada.

Apesar de ter uma cama à sua disposição, não conseguiu dormir. De manhã lhe serviram o café e ele pediu que trouxessem flores que daria a Eve quando a visse.

Era bem cedo ainda quando o dr. Franco entrou no quarto para anunciar que ia embora, pois seu turno havia terminado e estava bastante cansado. Não havia mais nada que pudesse fazer. Deixaria um de seus melhores assistentes em seu lugar.

— Quando ela vai acordar, doutor? — Alexander indagou antes de deixá-lo sair.

— A srta. Hamilton está inconsciente na UTI. Não posso afirmar quando voltará a si. Quero ser otimista, Alteza, mas para ser sincero, temo pela minha paciente. Está debilitada demais, foi uma cirurgia muito difícil. Foi sorte a bala não ter perfurado nenhum órgão vital, mas quase lhe destruiu a omoplata. Ela vai precisar de uma ótima fisioterapia se quiser ter os movimentos normais outra vez.

— Obrigado, doutor. Sei que fez tudo ao seu alcance —

Alexander disse.

— Essa moça significa muito para você. Estou certo?

— Eu a amo, dr. Franco.

— Qualquer problema, mandarão me chamar. Agora só nos resta mesmo esperar, Alteza.

O doutor saiu do quarto e Alexander foi até o telefone.

Precisava ter informações do que estava acontecendo no palácio.

Sabendo que ele ficaria ali, Chris e Gabriella foram até o palácio para tomarem um banho e se trocarem, fazendo-o prometer que ligaria caso houvesse alguma novidade.

Alex permaneceu sozinho no hospital, calado e pensativo. A todo momento enfermeiras vinham perguntar-lhe se precisava de algo e ele apenas fazia um gesto negativo com a cabeça.

Olhando para as flores que mandara trazer, decidiu que não daria um passo fora do hospital antes que visse Eve acordada. A sua atitude deixou os seguranças em pé de guerra, mas nenhum argumento conseguiu fazê-lo mudar de idéia.

Sabia que fatos importantes podiam estar acontecendo fora dali. Apesar da morte de Russ ter-lhes tirado das mãos uma possível e valiosa fonte de informações, se poderia descobrir muito fazendo uma análise da vida do rapaz nos Estados Unidos. Mas de nada serviria sua presença nas investigações e na análise dos fatos. Não tinha disposição para pensar no assunto. Tudo o que pensava era no temor que sentia de nunca mais ter Eve, de nunca poder lhe dizer que a amava.

Chegou o final do dia e o quadro clínico da doente não se alterou. O assistente do dr. Franco foi até Alexander, a seu chamado.

— Pois não, Alteza. Mandou chamar-me? — o jovem médico se apresentou.

— Só estou querendo saber notícias da srta. Hamilton —

Alex disse, sua voz deixando transparecer profundo cansaço.

— Não houve alteração no estado da senhorita.

— Por favor, doutor. Diga-me exatamente o que tem a me dizer, sem rodeios.

Quero saber se Eve corre perigo de vida, se vai se recuperar. Evite os termos médicos, explique-me o que está acontecendo.

Eles se encontravam na sala em que Alexander ficara no início da noite anterior. Gabriella e Chris estavam nos jardins internos do hospital. Alex fitava o médico com um olhar de súplica.

— A srta. Hamilton está em coma. A operação cirúrgica do dr. Franco foi um sucesso, quero dizer, relativamente. A paciente tem tudo para se recuperar, mas não há o menor indício de que vá reagir. Gostaria de poder lhe explicar...

— Só quero saber se Eve corre perigo, doutor.

— Temos medo de que tenha ocorrido alguma lesão cerebral, ou por falta de irrigação sangüínea ou por motivos que não sabemos explicar. Pode acontecer que ela não saia do coma e ...

— Passe a ter uma vida vegetativa — Alex completou. O

silêncio do médico lhe pareceu uma triste confirmação.

Ficou em silêncio por um instante, com a cabeça baixa, depois olhou para o doutor com um olhar determinado.

— Eu quero vê-la doutor — exigiu.

— Não adiantaria nada, Alteza. O lugar tem uma assepsia perfeita, evitamos colocar qualquer pessoa lá dentro desnecessariamente.

— Faça o que quiser, esterilize minhas roupas, me coloque uma máscara, mas deixe-me entrar lá. Ninguém vai me impedir de vê-la, doutor.

O médico percebeu que não teria outra alternativa. Com um suspiro resignado, declarou:

— Vossa Alteza poderá vê-la. Mas rogo que espere até amanhã de manhã. Prometo-lhe que deixarei uma ordem para os enfermeiros da manhã.

— Obrigado, doutor! — Alexander exclamou. Chegando em seu quarto improvisado no hospital, pegou as flores que pedira nessa manhã e entristecido

jogou-as no lixo. Aquelas haviam murchado. No dia seguinte teria de pedir novas flores.

Chris e Gabriella foram encontrá-lo e ficaram conversando até bem tarde. A uma certa hora, ele não suportou o cansaço e dormiu.

Na manhã seguinte, Eve começou a recuperar a consciência. Ouvia uma voz distante sussurrando algo que não podia compreender, mas era uma voz que a acalmava.

Não se lembrava de muita coisa, apenas alguns fatos passavam por sua mente e desapareciam sem nenhuma conexão lógica. Não enxergava nada além de uma imensa escuridão e estava frio. Sentia muito frio.

Parecia-lhe que estava tendo um sonho e não conseguia acordar. Teve vontade de abrir os olhos, mas não pôde fixar sua mente e uma zonzzeira a fez esquecer-se de tudo.

Aos poucos percebeu que alguém lhe tocava os cabelos, o rosto, acariciava suas mãos. Tentou abrir os olhos e tudo o que viu foi uma parede branca, muito branca. Uma imagem lhe veio forte na mente. Sua mãe morrendo e ela esperando no saguão de um hospital. Uma angústia penetrante a impelia a tentar gritar.

Alexander por um instante pareceu ver os olhos de Eve se moverem, as pálpebras faziam leves movimentos. Há algum tempo estava ali ao lado de Eve na UTI, observando-a e acariciando-lhe a face.

Ao ver uma pequenina reação que lhe pareceu leve abrir dos lábios, apertou a campainha logo acima da cama e dois enfermeiros logo se puseram a seu lado.

Eve abriu os olhos devagar e tentou entender as imagens turvas que vislumbrava. Tudo parecia envolvido em névoa, como se seus olhos possuíssem uma película opaca, na frente de cada retina.

Uma pessoa. Havia alguém realmente a seu lado.

Alguém que lhe friccionava a pele. As imagens foram se tornando mais claras, ouviu chamarem. Tentou responder, mas tudo o que conseguiu foi emitir um gemido.

Apertavam-lhe a mão. Tinha de se comunicar, sentia medo. Com um pouco de esforço, pressionou a mão entre seus dedos fracos. Via uma pessoa toda de azul, com uma máscara.

Mas as paredes eram brancas e isso novamente a assustou.

Os enfermeiros mediam-lhe a pressão constantemente e liam os relatórios que as máquinas acopladas ao corpo de Eve lhes forneciam.

Alexander sentira o toque em sua mão. Ela estava olhando para ele, mas parecia não vê-lo.

— Eve. Sou eu, Alexander — dizia continuamente, ansioso. Tinha a impressão de ver-lhe os lábios movendo-se.

Tinha certeza de que Eve estava recobrando a consciência, que ficaria boa. Em um momento, ouviu-a dizer algo, mas não pôde compreender.

— Sou eu, Alex. Eve, diga algo — disse quase eufórico.

Os enfermeiros correram para o lado da cama, procurando ajudá-la, mas ele não a deixava, continuando a apertar-lhe a mão. Os olhos, até então fixos no vazio, começaram a se mover. Procuravam algo.

— Eve! — Alexander chamou e percebeu que o olhar se fixou, fitando-o.

— Quem? — ele a ouviu dizer claramente, embora fosse apenas num sussurro.

Num ímpeto, arrancou a máscara de pano azul que lhe fora posta para cobrir nariz e boca.

— Sou eu, Alexander. Eve, fale comigo.

Os enfermeiros viram-no arrancar a máscara e, alarmados, tentaram tirá-lo dali. Ele reagiu, ouvindo-a repetir seu nome.

— Alex.

Um dos enfermeiros pediu-lhe que deixasse o quarto. Eve estava recobrando a consciência. Logo poderia vê-la de novo.

Alexander tirou de sua roupa, abaixo do avental cirúrgico azul uma pequena orquídea que havia escondido dos enfermeiros que não queriam deixá-lo levar as flores que mandara comprar de manhã.

Tirando a mão que apertava a sua com força, colocou a pequena flor e escondeu-a sob o lençol com rapidez.

— Eu amo você, Eve — disse antes de sair do quarto.

Eve foi colocada num quarto comum depois de algumas horas e Alexander pôde ficar a seu lado, entregando-lhe as flores que mandara comprar.

Ela sorriu ao vê-las e tentou conversar, mas o dr. Franco, que voltara ao trabalho, impediu-o de ficar no quarto por mais tempo. Precisavam deixá-la descansar.

Nesse mesmo dia, Harrison Hamilton chegava a Cordina e apesar de sua insistência no hospital, pôde ver a filha apenas no horário de visitas, por uns poucos minutos. Alexander voltou com ele para o palácio, não adiantaria ficar no hospital se não o deixavam ficar ao lado dela. Contentava-se em saber que Eve se encontrava bem e se recuperaria.

Armand recebeu o amigo com alegria, apesar do incidente e reservou algumas horas para conversarem.

Alexander voltou para o trabalho, colocando em dia a papelada que ficara pendente. Leu os jornais dos dias anteriores que noticiavam a morte do agente internacional e o gesto heróico de Eve Hamilton para salvar o príncipe herdeiro.

Tornaram-na uma heroína nacional. Algumas revistas prometiam *dizer tudo* sobre a vida da *grande empresária teatral*.

No dia da estréia da peça, Eve recebeu alta no hospital e foi transferida para o palácio. Na saída do hospital, havia uma verdadeira aglomeração de pessoas que queriam vê-la de perto e cumprimentá-la. Sorriu para todos, deu alguns autógrafos e tentou ser cordial, mas percebeu que, se não entrasse logo no carro, acabaria sendo esmagada. Alex, que a acompanhava, puxou-a para dentro da limusine e partiram para o palácio, onde havia outra aglomeração na frente dos portões.

Eve tinha um dos ombros, o esquerdo, enfaixado e engessado e havia

emagrecido bastante em tão pouco tempo.

Ela não pôde comparecer à estréia da peça nessa noite, pois ainda teria de se recuperar com bastante repouso. Ficou surpresa no dia seguinte, quando recebeu vários cartões parabenizando-a e desejando-lhe votos para que melhorasse logo. Seus artistas, principalmente, fizeram questão de mandar-lhe flores e bilhetes, encorajando-a.

Nas três semanas seguintes, Alexander não deixara um só dia de passar várias horas da noite com Eve, conversando.

Isso exigia bastante dele, pois seus compromissos de rotina muitas vezes incluíam jantares e reuniões depois do expediente normal.

Percebera alguma mudança em Eve, que não conseguia identificar. Mostrava-se amável e seu humor melhorava conforme se recuperava, mas algo mudara em relação a ele.

Percebia-a mais distante e como que embaraçada com seus beijos e carinhos. Isso o fez retrair-se.

De início tentara compreender a atitude dela como um resultado do trauma psicológico e físico por que passara. Com o passar dos dias, embora não quisesse, foi obrigado a concluir que talvez nada mais fosse como antes. Não queria perturbá-la e, portanto, não tocava no assunto. Esperaria que ela se recuperasse para poderem se abrir, então diria que a amava.

No entanto já chegava o dia da estréia da última peça e Alex se angustiava ao ver aproximar-se mais e mais o momento em que Eve deixaria Cordina.

Ela se recuperara bem e já dava os seus passeios pelo jardim do palácio, sempre acompanhada de Chris.

Decidira que veria a estréia da última peça e apesar de continuar engessada, não houve quem conseguisse fazê-la mudar de idéia. O dia todo estivera alegre. E agora, em seu quarto, escolhia um vestido para usar na estréia.

— O que acha deste vestido, Chris? Eu comprei para usar na primeira noite de estréia. Mas emagreci tanto!

— Você vai ficar linda! Não está assim tão magra. O

problema vai ser colocar o vestido com esse gesso.

— Temos de dar um jeito. De qualquer modo, vou colocar um xale ou um casaco por cima.

— Com esse calor? Você deve estar mesmo ansiosa para ver essa peça. Eu só espero que a mocinha não queira abusar esta noite.

— Já sei, você vai me passar um sermão de novo. O que eu poderia fazer de mais? Ir comemorar com o pessoal no hotel?

— Não duvido nada que você fizesse isso.

— Eu nem acredito que vou a essa estréia hoje.

Chris se aproximou, por trás, vendo a imagem das duas no espelho.

— Eve, há algo que quero lhe perguntar e até agora não achei que fosse bom tocar no assunto, mas se você está tão disposta...

— Desde quando você precisa fazer rodeios comigo, Chris?

— Alexander está sempre preocupado com você, lhe manda flores, mas você não parece muito interessada.

— Somos apenas amigos, Chris — Eve respondeu ao acaso. — Coloque essas roupas na cama, por favor.

Chris resolveu não dizer mais nada e percebeu que o assunto já se encerrara. Pegou as roupas e colocou-as sobre a cama.

— Papai está no castelo? — Eve indagou.

— Ele saiu com Bennet. Foram jogar golfe. Disse que já que tirou férias, quer se divertir o máximo que puder.

— Ele merece um descanso. Mas quero que ele vá ao teatro hoje comigo. Há tanto tempo que não saímos juntos!

Bateram à porta e Chris atravessou a sala anexa, abrindo-a. Voltou ao quarto, pondo apenas a cabeça dentro da porta e anunciou:

— Eve, é Alex. Eu já estou de saída.

— Não, fique! — Eve exclamou, mas a irmã já havia saído. Alexander sorriu ao entrar e lhe entregou um buquê de rosas.

— Hoje é a última estréia e achei que você merecia um buquê de rosas. O seu trabalho tem sido muito elogiado.

— Obrigada — ela pegou as flores e aspirou-lhes o perfume. — Tenho recebido tantas flores, meu quarto vive alegre. Obrigada mais uma vez. Você falou na estréia e eu estava escolhendo um vestido que possa caber em mim com todo esse gesso. Decidi que vou ver a peça. Todos foram contra a minha idéia, mas eu preciso ir.

— Não vejo mal nenhum nisso. Você está ótima, já está até mais corada, e linda como sempre. Todos estão curiosos para vê-la. Vai ser uma surpresa para a sociedade de Cordina encontrá-la no teatro esta noite.

— Eu nem acredito que vou ver pelo menos uma das peças ao vivo. Eu vi a gravação que fizeram em videocassete, mas não é a mesma coisa. Os atores estão ótimos, tudo funcionou de maneira perfeita nas peças anteriores, pelo que percebi pelo vídeo. Mas não havia a resposta do público, o calor humano. Até a substituição de... Russ... estava perfeita — a voz dela perdeu um pouco o entusiasmo ao falar de Russ.

— Você ficou bastante decepcionada ao saber de Russ, não é?

— Eu nunca poderia acreditar que Russ era um mercenário, se não tivesse visto com meus próprios olhos as fotografias dele morto em minha sala.

Alex ficou em silêncio por um instante. Depois aproximou-se, fazendo-lhe uma breve carícia no rosto, com as pontas dos dedos.

— Eve, não sei se é essa a hora mais apropriada, mas eu gostaria de conversar com você.

— Mas nós temos conversado constantemente, Alexander.

— Você me entendeu. Eu gostaria de ter aquela conversa que teríamos se esse atentado não tivesse acontecido.

— Se bem me lembro, Alex, você não quis conversar comigo naquele dia em que saiu do meu quarto sorrateiramente, como se fosse um criminoso.

— Talvez eu tenha errado desde o início. Mas como eu poderia saber que o que haveria entre nós seria tão significativo, pelo menos para mim? Eve, apesar de todos os meus erros, acho que mereço uma segunda chance.

Eve ficou em silêncio por um instante, deu uma volta no quarto, pegou uma rosa e sentou-se na cama. Estava aparentemente perturbada.

— Muito bem, o que você quer conversar?

— Bem, eu me lembro de que na manhã em que ficamos juntos pela última vez, você ficou furiosa comigo por eu ter saído antes do amanhecer do seu quarto. Foi um mal-entendido, mas você não pôde perceber na época e não estou pedindo que perceba agora.

Ela o olhava fixamente, esperando-o continuar.

— Naquele dia você pediu para conversarmos e eu lhe disse que esperasse até a tarde. Hoje, o que tenho a lhe dizer é o mesmo que quis lhe dizer naquele dia. Eve, eu estou apaixonado por você. Eu sofri muito esse tempo em que você ficou no hospital, primeiro entre a vida e a morte, depois sem poder vê-la.

— Chris me contou tudo.

— Deve ter-lhe contado. Mas o que eu estava lhe dizendo é que quero assumir um compromisso sério com você e apresentá-la à sociedade de Cordina como minha futura esposa.

Eve olhou-o espantada. Apesar de saber que Alexander estava diferente, mais carinhoso, e como dissera a Chris, a amava, a palavra esposa lhe causou uma reação de susto.

— O que você está me dizendo, Alexander?

— Que quero me casar com você. Eu a amo, Eve. Você é a mulher com quem

sempre sonhei. Basta que você me diga sim.

Ela ficou calada por um longo minuto, depois voltou-se para ele.

— Alex, talvez eu até acredite que você me ame. Mas será que o que você está sentindo é amor? Você me magoou muito. Nesse tempo em que estive impedida de trabalhar, fiquei pensando em minha vida. E não me lembrei de um dia que me sentisse mais humilhada do que quando você me deixou sozinha no meu quarto horas depois de termos feito amor, se esquivando para não ser visto. Eu não quero me decepcionar com você como me decepcionei com Russ. Não tivemos nada além de amizade, como você pode pensar. Mas eu acreditei em seu talento, lhe dei força para que começasse uma carreira e ele me usava o tempo inteiro.

— Eve, eu não estou usando você de maneira alguma.

Estou lhe dizendo que a amo e quero que você se case comigo.

— Claro. E sei que um casamento real é indissolúvel.

Hoje você me diz que me ama, mas eu não consigo acreditar que você vá continuar me tratando dessa maneira o resto da vida. Assim que não for *conveniente* por algum motivo, eu vou estar sozinha como fiquei naquele dia. Você pensou em você mesmo, nas suas conveniências, foi egoísta, pensou no que esses nobres iriam dizer por você estar tendo um caso com uma americana.

— Você está sendo injusta, Eve. Todo o tempo em que você estive no hospital inconsciente, eu passei ali, perto de você, deixando meu trabalho de lado e não me importei sequer uma vez com o que iriam comentar. Eu preciso de você, quero-a a meu lado. Juro que tentarei fazê-la feliz.

Eve ficou calada, reconhecendo que o que ele dissera era verdade. Chris lhe havia contado várias vezes.

— Eve, se você puder, olhe nos meus olhos e diga que não me ama, que não me quer — Alexander pediu, sentando-se a seu lado na cama.

— Alex, isso não é tudo! Eu tenho uma companhia teatral, pessoas que dependem de mim, uma vida inteira diferente da que eu teria aqui! — ela procurou fugir ao assunto.

— Há pouco você me acusou de pensar em mim antes de pensar em nós. Agora você diz que prefere a sua companhia.

Se você me ama vai enfrentar todos os problemas a meu lado.

Sei que seria uma mudança muito radical na sua vida, talvez exigisse mais sacrifícios seus do que meus, mas pensei que nada fosse empecilho para duas pessoas que se amam.

— Eu não disse que o amo.

— Mas também não disse o contrário. Eve, eu não vou mais discutir com você. Eu lhe fiz uma proposta, agora escolha é sua. Mas lhe digo que não vou aceitar perder você sabendo que me ama.

Ele aproximou-se mais e abraçou-a, dando-lhe um beijo profundo e apaixonado. Eve tentou lutar por um instante, depois entregou-se

às

carícias

dos

lábios

de

Alexander,

correspondendo com ardor.

Alex afastou-se um pouco e lhe fez um carinho no rosto.

— Eu sei que você vai embora daqui a duas semanas se eu não fizer nada para mantê-la comigo.

— Alexander, eu amo você. Mas não sei se estou pronta para assumir a responsabilidade de um casamento. Eu precisaria estar muito convicta do seu amor e pensar no que seria minha vida sem minha companhia.

— Isso significa um meio *siml*

— Isso significa que estou muito confusa ainda. Dê-me algum tempo para pensar.

Ele voltou a beijá-la.

— Alex, se você me desculpar, agora eu preferia ficar sozinha — ela pediu. — Preciso colocar meus pensamentos em ordem.

— Tudo bem. Conversamos mais tarde. Já que você vai ao teatro esta noite, posso oferecer-me para acompanhá-la?

— Eu havia pensado em ir com meu pai. Há muito tempo que não saímos juntos.

— Haveria algum problema em ter um outro homem a seu lado?

— Não, claro que não. Eu quero que você vá comigo — ela disse com um tom subitamente alegre.

— Estarei esperando você esta noite na sala principal do palácio às sete horas. Avise seu pai. Iremos os três juntos.

EPÍLOGO

Pouco antes do início da peça teatral, Alexander, Eve e Harrison Hamilton chegaram ao teatro, onde foram recebidos com uma salva de palmas.

Apesar do desconforto do gesso, Eve conseguira vestir um de seus vestidos, colocando um xale sobre os ombros.

Entrou no teatro sorrindo e se dirigiu ao camarote real, Fora realmente uma emoção ver os artistas interpretando naquele palco. Apesar da língua estrangeira em que a peça era interpretada, o público reagia com entusiasmo.

No primeiro intervalo da peça, a sociedade de Cordina em peso saciava a sua curiosidade sobre a jovem e talentosa produtora, srta. Hamilton, que salvara a vida do príncipe herdeiro.

Eve foi disputada pelas senhoras que se acotovelavam para conseguir um

instante de sua atenção. Os homens também a procuravam na tentativa de conhecê-la pessoalmente, o que deixava Alexander louco de ciúme. Harrison Hamilton mantinha-se ao lado da filha e do príncipe, cheio de orgulho. Alex

permaneceu o tempo todo abraçado a ela, provocando comentário por parte das pessoas ali presentes.

Depois da segunda parte do espetáculo houve um novo e último intervalo. Eve resolveu não sair do camarote, dessa vez, e Alexander ficou a seu lado. Harrison não quis se privar de se movimentar entre as pessoas que acabava de conhecer, e os deixou a sós.

Alex pegou a mão de Eve, assim que se viu a sós e beijou-a.

— Você vai fazer suspense comigo por muito tempo? —

ele indagou.

Eve pensou em perguntar do que ele estava falando, mas na verdade sabia muito bem.

— Aqui não é o melhor lugar para falarmos sobre esse assunto — ela retrucou.

— Eve, você me ensinou que, muitas vezes, nossas emoções nos fazem querer o que não é muito conveniente. Você está me fazendo sofrer muito com sua indecisão.

— Desculpe, Alexander, não foi esta a minha intenção.

Você sabe que eu o amo.

— Então por que não me diz *sim*, simplesmente?

— Porque é toda minha vida que está em jogo!

— E também a minha. Eu já me decidi, Eve. Se nós nos amamos por que não anunciar o nosso noivado publicamente, agora? Se você não aceitar, vai me desmentir diante do público.

— Alexander, você seria louco de fazer uma coisa dessas

— ela exclamou.

— Não aposte nisso. Por você eu faço qualquer loucura.

Quase perdi você uma vez, não deixarei que aconteça uma segunda vez.

— Você está fazendo chantagem! — Eve disse rindo. —

O que eu vou fazer da minha companhia? Não se pode tomar uma decisão tão séria dessa forma, Alexander.

— Você traz a companhia inteira para Cordina. Depois nós pensamos nisso! O que importa é que nós nos amamos. Eu quero que toda essa gente saiba que você é a mulher que escolhi. Eve, eu não posso esperar mais. Ou você me diz sim agora ou...

— Não é necessário me pressionar, Alexander. Eu já tomei uma decisão. Só não queria dá-la agora. Mas se é tão importante para você, eu lhe digo que sim, eu quero me casar com você.

— Eu vou fazer de você a pessoa mais feliz desde mundo, Eve — Alexander disse levantando-se. Puxou-a gentilmente e a abraçou, dando-lhe um beijo ardente.

A terceira parte da peça começou logo em seguida e Harrison sentou-se ao lado deles. No final da peça, que foi muito aplaudida, Alexander se levantou e pediu a atenção do público, pois tinha uma comunicação muito importante a fazer.

— Tenho o prazer de comunicar a todos que eu e a srta.

Eve Hamilton acabamos de ficar noivos. Como prova do meu amor, vou oferecer-lhe a mesma aliança que meu pai ofereceu à minha mãe. — Alexander colocou no dedo de Eve a aliança de brilhantes.

No instante seguinte, Harrison tirou a sua própria aliança do dedo e entregou a Eve, apertando-lhe a mão com força. Ela fez um discurso semelhante e pôs a aliança no dedo de Alexander sob o aplauso de todos.

A população de Cordina ficou exultante com a notícia do casamento do príncipe Alexander com a heroína Eve Hamilton e aclamou sua princesa.

Houve uma festa formal de noivado no palácio, onde Eve compareceu já sem o gesso. Usava um vestido branco rebordado de pedrarias, com uma sobrecapa também rebordada. A beleza da roupa chamou a atenção dos cordinenses.

Alexander e Eve não se largavam um minuto sequer e perceberam a felicidade de suas famílias por vê-los juntos.

Bennet, Gabriella, Reeve e Chris seriam os padrinhos do casamento.

Foi uma festa bastante alegre e noticiada nos jornais do mundo todo.

Alguns meses depois, a catedral de Cordina encontrava-se ricamente decorada para a cerimônia de casamento.

Eve chegava diante da igreja no banco de trás de um carro aberto, junto de seu pai. Estava bastante nervosa.

— Vou sentir sua falta — Harrison disse quase às lágrimas. — Espero que você não sinta tanto a falta do teatro e do seu pessoal.

— Sentirei saudade da companhia, mas estarei feliz. Vou trabalhar muito por este povo que agora também é meu, ao lado de Alexander.

— Quero que saiba que estou muito feliz, minha filha.

— Eu também, papai.

A música já começava a tocar e ambos seguiram lentamente rumo ao altar.

Próxima da nave, Eve levantou os olhos e encontrou os de Alexander que a esperava com um sorriso apaixonado. Ao lado, estavam Bennet, Gabriella e sua irmã Chris. Tinha certeza de que seria muito feliz.

Ao chegarem, ela deu um beijo no pai e pegou a mão que Alexander lhe estendia. Depois, quebrando o protocolo a cerimônia, ele lhe deu um beijo e de braços dados foram até seus lugares.